CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.°, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

* N.° 1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon,** guidas de *Tartarin nos Alpes;* por A. Daudet,.
* N.° 2 — **Pedro e João,** por Guy de Maupassant.
* N.° 3 — **Sergio Panine,** por Jorge Ohnet.
N.° 4 — **O Sonho,** por Emilio Zola.
N.° 5 — **Soror Philomena,** por Edmond e Jules Goncourt.
N.° 6 — **O medico assassino,** por Octavio Féré.
N.° 7 — **Os milhões vergonhosos,** por Heitor Malot.
* N.° 8 — **O amigo Fritz,** por Erckmman Chatrian.
N.° 9 — **Vogando,** por Guy de Maupassant.
* N.° 10 — **Um romance de mulher,** por Pierre Mael.
* N.° 11 — **Vontade,** por Jorge Ohnet.
* N.° 12 — **O Nababo,** por A. Daudet.
* N.° 13 — **Um coração de mulher,** por Paul Bourget.
* N.° 14 — **Beatriz,** por Rider Haggard.
* N.° 15 — **O crime,** por Gabriel d'Annunzio.
* N.° 16 — **Lise Fleuron,** por Ohnet.
N.° 17 — **Os dois rivaes,** por Armand Lapointe.
N.° 18 — **O ultimo amor,** por Jorge Ohnet.
N.° 19 — **Um Bulgaro,** por Ivan Tourgueneff.
N.° 20 — **Memorias d'um suicida,** por Maxime du Camp.
N.° 21 — **Forte como a morte,** por Guy de Maupassant.
* N.° 22 — **A alma de Pedro,** de J. Ohnet.
N.° 23 — **Camilla,** de Guérin-Ginisty
N.° 24 — **Trahida,** de Maxime Paz.
N.° 25 — **Sua Magestade o Amor,** por A. Belot.
N.° 26 — **Magdalena Férat,** por Emilio Zola.
N.° 27 — **Os Reis no exilio,** por A. Daudet.
N.° 28 — **Divida de odio,** por Jorge Ohnet.
N.° 29 — **Mentiras,** por Paul Bourget.
N.° 30 — **Marinheiro,** por Pierre Loti.
N.° 31 — **A montanha do Diabo,** por Eugenio Sue.
N.° 32 — **A Evangelista,** por A. Daudet.
* N.° 33 — **Aranha Vermelha,** por R. de Pont Jest.
N.os 34 e 35 — **Odio antigo,** por Jorge Ohnet.
N.° 36 — **Parisienses!...** romance, por H. Davenel.
N.° 37 — **Ao entardecer!...** rom., por Iveling Rambaud.
N.° 38 — **A confissão de Carolina,** romance.
N.° 39 — **Um casamento no mosteiro,** por Alfredo Assolland.
N.° 40 — **Os Parias,** original de Francisco da Rocha Marti[n]
N.° 41 — **O abbade de Favières,** romance, por J. Ohnet.
N.° 42 — **A agonia de uma alma,** romance, por Ossip Fchubi[n]
N.° 43 — **Memorias d'um burro,** por Madame Ségur.
N.° 44 — **A nihilista,** por Catulle Mendés.
N.° 45 — **O grande Industrial,** por George Ohnet.
N.° 46 — **Morta d'amor,** por Albert Delpit.
N.° 47 — **João Sbogar,** por Carlos Nadier.
N.° 48 — **Viagem sentimental,** por Sterne.
N.° 49 — **O milhão do tio Raclot,** por Emile Richebourg.

Todos o[...] [...]s mas v
s.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XI

CORRESPONDENCIA EPISTOLAR

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI e XII — Correspondencia epistolar.

CORRESPONDENCIA
EPISTOLAR

ENTRE

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

E

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESCRIPTA DURANTE OS DOUS ULTIMOS ANNOS DA VIDA
DO ILLUSTRE ORADOR

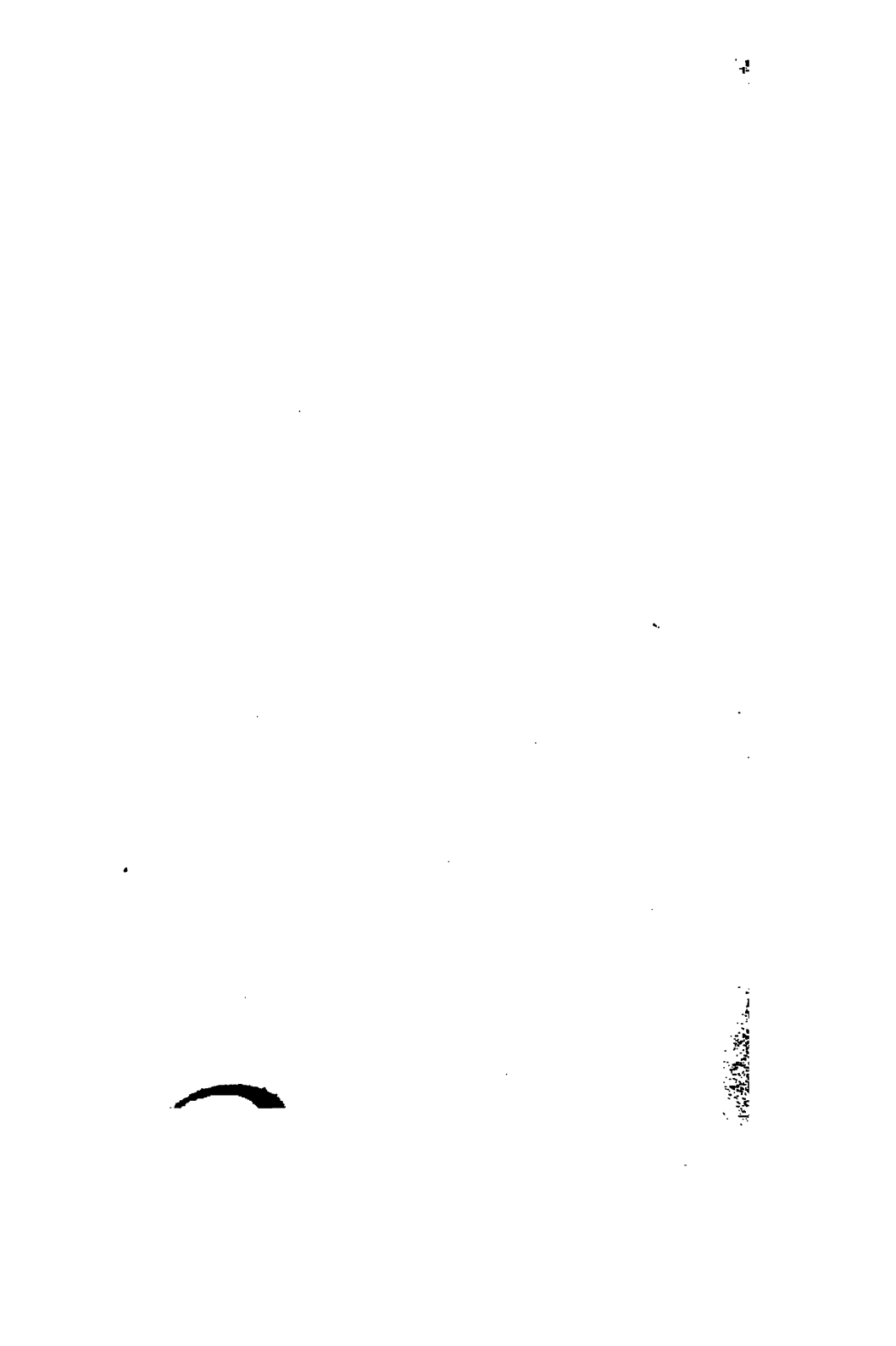
VOLUME I

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1903

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

«...Não me lastimes. A lastima é de chumbo para as consciencias fortes, para os espiritos que amaram immensamente o seu ideal, para os corações que se deixaram crivar por causa d'esse amor... A tua phrase passará no meu tumulo como a briza de Deus, e afugentará os corvos de me irem roubar com a sua sêde os orvalhos mandados ás letras cavadas do meu epitaphio.»

J. C. VIEIRA DE CASTRO. — *Consciencia.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.

Se o espirito do nosso querido José viesse d'outros mundos, attrahido pela invocação d'alguem que o chora; — se elle visse estes livros, como o sudario em que nos deixou as suas lagrimas de sangue — tomal-os-hia das minhas mãos, e iria depôl-os sobre o coração de V. Ex.ª

Se eu podesse ajoelhar diante da sepultura do nosso infeliz, em Loanda, dir lhe-hia: "Meu filho, a parte, digna de benção, que eu tenho n'esta obra do teu martyrio, é o dedical-a ao teu maior amigo na vida e na morte — aquelle a quem tu chamavas o "exemplo da tua honra e o teu braço colossal e inquebrantavel contra a desgraça.,,

Permitta Deus que estas paginas não levem mais cerrada condensação de tristeza aos eternos lutos da sua saudade, meu nobre amigo.

S. Miguel de Seide,
Junho, 1874

Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide 9 de maio de 1874.

Faz hoje quatro annos que Vieira de Castro abriu uma sepultura, fechou n'ella um cadaver purificado da deshonra pela compaixão, e começou a sua agonia de dous annos e meio.

Aquella senhora, se a sua funesta estrella não se apagasse n'esse dia, estaria hoje na gehena onde ardem as repulsas da virtude. A sociedade das mulheres honestas dar-lhe-hia o absintho do desprezo quando ella já não tivesse lagrimas com que mitigar o ardor da sua vergonha. Se a precíta exclamasse: «Eu delinqui; mas o remorso rehabilitador fez-me digna de vós!», ellas bradar-lhe-hiam: «Não! se a cruz do opprobrio te averga, prostra-te, morre!»

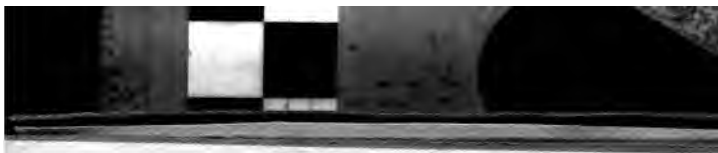
E ella, se reagisse á ignominia, iria acossada *até ao prostibulo*; e, desde o limiar do inferno

das esposas reprobas, olhando para a sociedade, cruel no odio, crudelissima no desamparo, diria: «Se meu marido, convertendo em si uma parte da vossa ira e do vosso desprezo, me houvesse morto, que farias tu, ó mundo? Se te não fiz mal, porque me insultas? Se o coração, que apunhalei, me afogou com um hausto do seu proprio sangue, com que direito, ó sociedade, matarias o homem que me sacrificou a ti, opinião publica!»

Para as peccadoras vivas — a ignominia, os circulos todos do inferno social. Para as peccadoras, punidas pela mão que as acariciára — o espectaculo das carpideiras de *landeau* e *break* ás portas dos templos, a oração, a missa, a sacrilega alliança da piedade com o odio, os resplendores eternos mediante a recommendação de taes patronas — valídas do céo.

*

* *

Vieira de Castro, quando matou a esposa que idolatrava, não era o *louco da honra*, como ahi disse o seu insigne defensor. Se a tribulação o houvesse alienado, a lei devolvêl-o-hia á sociedade, dizendo-lhe: «Como mataste sem a consciencia da tua deshonra; — como não matarias, se tivesses juizo; — vai-te em

paz; que nós, os jurados, só pedimos o degredo e a morte dos maridos que sacodem o jugo da deshonra com a luz da razão na consciencia. Se ousasses confessar que vias em ti a ignominia immerecida e em tua mulher o ultrage irreparavel, quando a arrancaste de ti, como Laacoon desdaria os nós da serpe, então, desgraçado, irias morrer em Africa. Nós cá absolvemos os doudos, e condemnamos os honrados.»

Montesquieu parecia assentar um paradoxo, quando dissera: Os tres tribunaes da Lei, da Religião e da Honra não podem uniformisar-se. E não.

*

* *

—Como defenderias o teu crime?—perguntei a Vieira de Castro em uma das minhas cartas.

Respondeu:

«Eu defenderia o meu crime pelos dous motivos que o inspiraram. Defenderia, não. Explical-o-hia.

«Esses dous motivos foram: o amor despedaçado em mim; o unico respeito e o ultimo, e o unico possivel por mim prestado á mão homicida d'esse amor.

«Esta a base da defeza. A unica. Em mim, se entende; porque, em mim, esta é que foi a verdade!

«Eu defenderia o marido que matasse, se esse marido tivesse morto por ter amado, e por salvar o unico respeito compativel, na memoria e no tempo, com a lembrança da senhora que trouxera no mundo a ametade do seu nome.

«Provaria a sublimidade do marido que, tendo feito sempre da esposa a sua amante dilecta, quando a viu peccadora irredimivel, lhe provou ainda o infinito do seu extremo, fazendo-a martyr, salvando-a n'um relampago das diatribes humanas, impondo-a á piedade do mundo, e atirando com o seu espirito para o seio immenso de Deus.

«Esta a defeza.

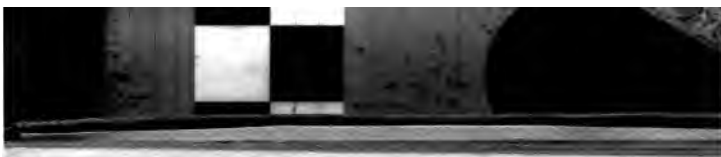
«E qual a prova da d feza? A premeditação.

«A premeditação é a maxima eloquencia, a maxima dignidade, a maxima apotheose, o maximo tormento — a augusta, a divina santificação d'estes crimes.

«E' o maximo tormento; — porque premeditar é assistir um com o corpo frio e os olhos volvidos para dentro, e os ouvidos estupidamente attentos ao ruir infernal dos pedaços do coração uns contra os outros, e por cima d'esse lago de fogo a razão implacavel como o Satanaz vingativo, correndo atraz d'aquelles pedaços, e trovejando lhes em cima das quedas o epithaphio das alegrias sepultadas, á mistura com a chamma vermelha dos improperios que hão de ser os goivos d'essas mortes illustres! Premeditar é experimentar-se um assim voluntariamente, entre fogos e gêlos; atirar com o seu corpo, sem intervallos, para lagos e vulcões, retalhando-se por martyrios que não couberam nos infernos de Dante e Milton, inferiores por ventura aos que espalhou na região das trevas

a colera suprema; e ser martyr assim, é ser heroe a cada hora, luctador differente a cada instante, segurando a razão para lêr nas paredes rubras do seu inferno, a sentença já em nenhuma instancia revogavel da sua desgraça! E' ser heroe d'este tamanho, sem nenhum outro tablado senão os pavimentos alcatificados aonde muitas vezes expiraram os beijos do seu amor, quando a sua meiguissima ternura corria folgazã de rojo com elles, á procura dos seus pés adorados; sem nenhum outro publico senão o cadaver inerte de si proprio; sem nenhuns outros echos fóra de si, senão o fragôr tumultuario das catastrophes interiores, e o infernal alarido da gargalhada publica, ao fazerem-lhe á sua impia fome praça aberta d'essas ruinas sacrosantas, alumiadas para a vista dos estupidos e dos perversos, pelo coronal d'esse craneo sublime aonde todas as angustias se atropellaram; mas aonde todas tiveram logar e momento para fallarem, sem que Deus permittisse que nenhuma d'ellas nem todas ellas juntas, lhe lascassem uma fenda por onde desapparecesse o orgulho, o amor e a honra; — craneo sublime aonde qualquer dos infames da ruidosa turba metteria despejadamente a sua véla de cebo nas clandestinas elaborações de suas deshonras e protervias.

«Premeditar é ter a gente dentro da cabeça um conciliabulo de espiritos diabolicos, e com o nosso coração apertado nas tenazes esbrazeadas de cada um d'elles, avançar um e dizer-nos: «Não mates porque só Deus póde matar!» E outro: «Na sepultura que tu abrires, cahirá tambem a tua razão que alli despenhará a infamia estimulada pelo teu desaggravo!» E outro: «Que importa a deshonra?

quantos são mais ricos por amor d'ella?» E outro a final: «Quem ha de crêr n'esse paradoxo que, de parceria com o teu inculcado talento, vivia esse coração delicado em cujas cinzas queres envolver as de todo o teu ser, na ultima e na mais estupida labareda do teu amor? Espanca essa nuvem, desgraçado! Põe no lugar d'esse teu melindre piegas a tolerancia das deshonras dissolutas, e apaga esse rubôr infantil da tua face na pallidez cynica da devassidão elegante! Que monta isso? Que sacrificio fazes? correrás mais seguro a novos triumphos, terás menos disputada a corôa de novas glorias, e até, e sinceramente, crê, hão de mais verdadeiramente estimar-te aquelles para quem já a honra do teu lar não possa ser uma inveja e um desespero! Se, desvairado, obedeces á tua furia homicida, a tua expiação será sem nome. Treme! Lamber-te-hão de toda a parte as linguas de fogo; e tu, Mezencio de uma nova e mais cruel agonia, sem movimento em meio d'ellas, atado no teu corpo como ao teu proprio cadaver, com toda a tua sensibilidade para soffrer, sem atomo de força para reagir, assistirás assim, mudo, inerte, despedaçado, ao esphacellamento satanico de todas as tuas carnes, ao espicaçar de todas as tuas fibras, uma a uma, ao enxovalho brutal de tuas mais nobres dôres, ao escarneo cruel das tuas melhores virtudes, ao prostituir, ao chacotear, ao apedrejar de tudo quanto em tua vida e no teu amor, e nas tuas aspirações, e nos teus affectos, sentiste sempre em ti de bom e de grande, de virtuoso e de puro, de elevado e de nobre, de optimo e de justo. Que importa e que vale um amor que se extingue? Por cada ideal que se esvae, mais uma victoria contra

a materia! E tu, homem d'este seculo, não poderás fugir á philosophia d'elle, que n'outras luctas te recusará os applausos de que tem vivido e viverá a tua alma, se tu o affrontares, atirando-lhe á cara a condição escripta que elle põe aos teus novos triumphos—condição reconhecida e aceite por tantas eminencias ante as quaes tu és publico apenas, e por tanto, publico, cujo anonymo nenhum valor denuncia; mas que se contenta em ser eminente, no desassombro com que entra na partilha das torpezas communs.»

Martyrios que não couberam no inferno de Dante—disse elle. «Dante não pintou os supplicios todos dos condemnados da morte: ha ahi condemnados da vida que percorrem circulos de maior inferno que os da *Divina Comedia*»—disse Lamennais.

*

* *

Como são tristes estas flôres do talento orvalhadas de sangue!

Não bafejára Deus ao espirito do homem imagens tão coloridas para esclarecimento de tamanhas desgraças. A estupefacção, a atrophia da alma, o terror tacito deveram ser a expressão unica d'aquelle homem, se, por de

sobre todas as voragens abertas, elle não sentisse a robustez da dignidade, sopesando os pavôres do degredo e da morte.

A *loucura da honra?!*

Não. Era o profundo e lucidissimo sentimento do seu ultrage e do seu desforço. Os dementes não escrevem assim; não descem até ao fundo do seu abysmo, com a lampada da razão, encadeando as primicias do seu infortunio, e concluindo por se offerecerem ás presas da justiça, salvando a sua victima de peor cadafalso — o dos insultadores, e, peor ainda, o das insultadoras.

Eu não sei se a opinião publica, em sacrificio ás suas aras immaculadas, quer que se lhe inculque a loucura de Vieira de Castro, quando obrigou a mulher a transpôr primeiro que elle as portas da eternidade.

Mentir-lhe! — para quê?

Pois a opinião publica não o matou, justamente porque elle não estava doudo?

E, se estava, se assim vos praz insinual-o a vossos maridos, senhoras, porque lhe andastes cavando a sepultura com a hypocrisia nos templos, e a injuria no carcere, e as declamações nas salas, e o estylete hervado no soalheiro dos jornaes!

Vieira de Castro é morto; e toda essa jolda de infames sem caridade nem remorso está vi-

va, medrada, com o seu arnez de hypocrisia, com o seu despejo invulnerado.

Louco... aquelle! seria, como todos os homens de genio que não lograram nunca inocular no cerebro o regimen, o methodo das cabeças atiladas, *des bonnes caboches ordinaires*, dizia Victor Cousin.

Louco, sim — disse Henri Blaze — como as profundas naturezas em que certas faculdades particulares, certas forças, se desenvolvem a expensas da harmonia geral.

*

* *

Recordemos. Busquemol-o na mocidade, na alegria, nas chimeras, nas bizarrias, nas isenções, no denodo das suas sympathias, na coragem das suas opiniões, nas luctas com o senso-vulgar, nas reacções contra as trivialidades, em fim, na porfia com que procurava a felicidade e ao mesmo tempo a repellia.

Recordemos.

Ainda não contava dezeseis annos Vieira de Castro, quando traduziu a *Solidão*, de Zimmermann. Que havia commum entre aquella criança e as meditações hypocondriacas do medico allemão? Que consonancia inexplicavel de sentimentos entre a juventude alegre e rica do

collegial de Nosssa Senhora da Lapa e as concentrações lugubres do philosopho sombrio que morrêra doudo, quando procurava a razão das suas trevas? Nunca elle m'o explicou. Disse-me que o livro lhe dera as primeiras lagrimas do espirito, que se anteciparam n'elle as lagrimas do coração; que, terminada a leitura, desejára a soledade absoluta, como se houvesse vivido muito, e sentisse no peito as cinzas quentes das suas esperanças, e a convicção de uma irremediavel desgraça.

Eu não o conhecia, n'aquelle tempo, em 1854. Via-o nas janellas da sua casa, que abriam sobre a quinta do Pinheiro, onde eu morava. Observei que elle não desfitava de mim a luneta com uma fixidez que me lisongeava. E, ás vezes, ouvia-lhe as gargalhadas de jovial applauso, quando eu cavalgava um mau cavallo em pêllo; e, remettendo em desenfreado galope por baixo do esgalho de uma arvore, me pendurava no ramo, e deixava em vertiginosa liberdade o cavallo.

Eu tinha 27 annos mais pueris que os dezeseis d'aquelle menino que vertia intelligentemente as mysanthropias de Zimmermann.

No *Nacional*, onde eu escrevia, sahiram anonymos os folhetins do incognito traductor da *Solidão*. Figurou-se-me que alguns dos derrancados leões de 1830, espreitando o céo pela

floresta do seu tedio da vida, nos queria guiar a nós, os rapazes de 1854, aos invernos algidos do coração, ao desengano das cousas boas e más que ora enfloram, ora ensilveiram as veredas da mocidade. Quando, porém, me asseveraram que o interprete do solitario germanico era o rapazinho louro que se ria do meu selvagismo de gineta e estardiota, desejei estudar aquelle espirito que emmurchecia envolto em grinaldas de rosas.

Volvidos dois annos, vi-o n'um theatro. Ainda o não conhecia pessoalmente. Mostraram-m'o, exagerando-lhe as verduras amorosas com uma actriz, não sei se dançarina, se dramatica. O que quer que fosse alvorejava hyperboles de enthusiasmo no moço imberbe, — explosões não aconselhadas por Zimmermann, mas frizantes com os dezoito annos, embora, trovejadas de cima das cadeiras da platêa. Muita palma, muito *bis*, muita flôr com fitas baratas, louvores e satyras já eloquentes, muita metaphora, muita moeda falsa de sentimentalismo, brindes á franceza em cêas menos nocivas aos bons costumes que aos estomagos portuguezes, e mais nada. Vieira de Castro alegrava-me, dava-me inveja da sua jovialissima estouvanice, radiava juventude em redor de si.

O tribunal da opinião publica chamou-o logo á barra. Todos os membros do dito tribunal,

maiores de quarenta annos, reprovaram que José Cardoso Vieira de Castro tivessse dezoito primaveras, aggravadas pelo delicto de balburdiar nos theatros, de expôr o seu coração entre gargalhadas nos camarins, de incommodar ás tres horas da manhã a digestão e o sopôr lethargico dos hospedes da *Estrella do Norte.*

*

* *

Foi na *Estrella do Norte* que eu fallei com Vieira de Castro, em 1857, quando elle recolhia riscado da Universidade porque, a impulsos de generosa indignação e com a omnipotencia da palavra, obrigara o corpo docente a reparar a injustiça — injustiça, ao parecer de Vieira de Castro — feita ao snr. doutor Augusto Cesar Barjona de Freitas. Barjona entrou rehabilitado no magisterio; o academico que elucidára a razão obcecada dos cathedraticos foi riscado. Este contrasenso — a admissão de um e a expulsão do outro — não foi explicado: é um paradoxo exclusivo da vida de Vieira de Castro, tecida de brilhantes fios, mas com louvores excepcionaes, sómente seus.

Elle não se deplorava do seu infortunio, relatando-me, sem se envaidecer, o arrojo de reprovar uma decisão que prejudicava a car-

reira de um homem, nem sequer seu conhecido! Que alma tão descabida n'estes tempos em que apenas temos o snr. Viale a fallar-nos em falsête de almas gregas, e o snr. João Felix a dar-nos ingrammaticalmente varias noticias das almas romanas!

O livro intitulado *Uma pagina da Universidade* foi o desafogo e a consolação do brio, injuriado pela suspensão biennal da sua carreira e mais ainda pelo silencio cobarde de tantos que o incitavam e applaudiam nas suas ousadias imprudentes. Se Vieira de Castro, em vez de grande e recto animo, fosse dotado de juizo são, e egoismo discreto, incommodára-se tanto do snr. Barjona preterido no magisterio como de Coriolano expulso de Roma. Dous annos sacrificados a um rapto de generosidade, e de respeito á justiça; e cá por fóra o mundo a remuneral-o com a reputação de esturdio... Algum raro amigo, sem lhe applaudir o feito, não podia reprovar-lh'o. Seria isso atirar-lhe para dentro do coração febril de impulsos nobres este chumbo derretido que nós cá dizemos á franceza, *saber-viver*, e á portugueza, o *arranjo-de-cada-um*. Aqui está uma phrase bem esparramada que parece ter sido arranjada para nós na torre de Babel, quando se formaram os idiomas.

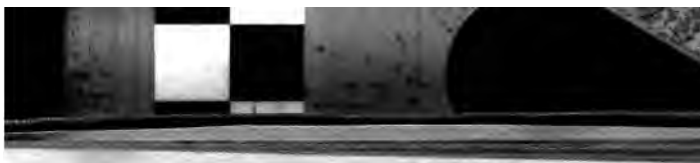
O *arranjo-de-cada-um*: cousa que nem Viei-

ra de Castro nem eu percebiamos. Quem tinha parafusado bem no miôlo da phrase era o snr. doutor e secretario d'estado Barjona de Freitas, quando Vieira de Castro estava no Limoeiro. Dir-se-hia que nunca se tinham visto nem na estrada plana dos que se encontram honrados, nem nas encruzilhadas escusas onde se topam os aventureiros que arpejam, noite alta, as suas lôas ás Julietas de *bric-à-brac*. As senhoras que não entenderem isto, pois que são do tempo em que a rainha Bertha fiava..., Deus as conserve lá.

*

* *

Eu já devia ter declarado que não vou escrevendo gradualmente a biographia de José Cardoso Vieira de Castro. Estou a bosquejar reminiscencias. São flôres murchas que vou enfeixando á tôa, conforme as encontro á volta da lousa tumular do rapaz que fui. A biographia do meu perdido amigo ou está brilhantemente escripta por seu irmão Antonio — modêlo de irmãos extremosos e homens honrados — ou nunca se escreverá. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro concluiu a historia de seu irmão no dia em que o condemnaram — em que o mataram. (Veja nota 1.ª). O que elle não disse é o inexprimivel. As ascensões e os ba-

ques, os extasis e os abatimentos, o que houve de céo e inferno na vida de José Cardoso, é um pego de amarguras insondavel, segredo como o das reacções travadas entre Deus e as legiões réprobas que lhe disputam a prêa humana.

Não sei se Vieira de Castro conseguiu delinear o esboço da sua vida interior. Entre os papeis subtrahidos ao vendaval que lhe dispersou o espolio, quando o cadaver transpunha os umbraes do cemiterio de Loanda, ha um fragmento indicativo de trabalho premeditado ou perdido.

Diz assim:

Estas paginas são o escorço biographico de José Cardoso Vieira de Castro Menos ainda que isso. São apenas o arcabouço dos lances mais notaveis na vida de um homem sepultado dentro de si proprio aos trinta e um annos. São escriptas para serem lidas mais tarde, quando chegarem á idade adulta umas criancinhas que já .hoje trazem no mundo o nome d'este morto. A ellas pertencem os enthusiasmos, as illusões, os sonhos, as realidades, os triumphos, as agonias, os sobresaltos, as dôres, os jubilos, as glorias, o gozar e o padecer d'essa existencia, ao mesmo tempo tão longa e tão curta! Alguma d'ellas poderá refazer um dia a biographia de seu tio n'esses apontamentos soltos, dispersos e mal combinados, como foram, na existencia de Vieira de Castro, incongruentes, pouco logicas e contradictorias as suas grandes amarguras e as suas grandes alegrias.

E mais nada

Se foi a morte que se lhe atravessou, quando elle queria dilacerar-se nas garras da recordação, houve-se generosamente a morte. O apagar-se aquella vida é a prova divina da existencia de outra. O homem não se fez a si, nem este mundo, por si só, justifica a perfeição de Deus.

*

* *

Não lhe escrevo, pois, a serie de successos quer logicos, quer inconsequentes. Revivo-o nos seus vestigios; resurge no meu coração; vejo-lhe as tristezas reconditas e as explosões de alegria; ouço-o, tenho na audição interior o timbre da sua voz tão nitida, como nos dias de 1866, quando elle se sentava a esta mesma banca, n'esta mesma cadeira, e me sorria, nas manhãs de agosto, d'aquelle leito que alli está.

Aqui tenho o livro que foi parte na sua flagellação, quando o retalhavam alli no tribunal, amarrado ao banco. Intitula-se: CAMILLO CASTELLO BRANCO *(noticia de sua vida e obras).*

A historia mais obvia d'este livro é a amizade indulgente, o valor desassombrado de *uma opinião,* o affecto vehemente descaptivo

de respeitos, e todo embebecido no infortunio de um amigo.

Mas o livro tem origem que Vieira de Castro não contou, receando que lh'a tomassem como desculpa.

Estas palavras de uma pagina do livro a ninguem transluzem a dôr occulta: *É-me defezo o fazer publica, ainda mesmo n'este lugar, a confidencia... O leitor cale os insultos da curiosidade, levando-me em bem o generoso intuito de o forrar á partilha de uma angustia que eu sei lhe havia de magoar a sua extrema sensibilidade.* Bella ironia! A extrema sensibilidade do publico! E d'esse publico me levára, n'aquella hora, o meu amigo uma proterva calumnia, e tal que eu nem na fronte dos meus inimigos queria que a justiça de Deus ou dos homens a gravasse.

Referiu-me com intercadencias de hesitação que nas praças, nos botequins e nas salas se contava o seguinte:

Que eu, confidente e depositario das cartas que uma senhora casada escrevera a um homem ausente, ameaçára essa senhora de revelar ao marido a culpa indicada nas cartas, se ella continuasse a repellir-me; e que a senhora ameaçada, aceitando metade da minha infamia, *transigira* com a proposta. Eis ahi des-*carnadamente* a ignominia com que tentavam

suffocar-me uns homens que hoje me apertam a mão. É certo que as lagrimas me suffocaram. Vieira de Castro viu-as; mas a minha grande angustia era por ella, e não por mim; por ella tão incapaz da cobardia de succumbir ao biltre que a envilecesse com taes ameaças, como valorosa para affrontar o descredito e a pobreza. E tudo ella tinha affrontado n'aquelle dia. Estava sem patrimonio, sem familia, sem ninguem: tinha apenas de seu e por si o coração e o trabalho do homem que fizera de seu peito, culpado mas leal, a ladeira do abysmo d'ella.

Não me lembra o que respondi a Vieira de Castro. Abri a minha gaveta, desatei dous pacotes de cartas datadas e numeradas nos sobre-escriptos, e disse-lhe:

— Aqui tens a minha correspondencia com essa senhora — as suas e as minhas cartas. Lê-as tu, desde a primeira que escrevi e a primeira que recebi. Não posso dar-te outro testemunho contra essa calumnia, que eu, por amor á minha especie, seria incapaz de inventar em uma novella. Eu não posso metter na cabeça de cada homem que me ultraja o raio da luz da justiça mediante uma bala. Antes quero recapitular na tua razão e na tua consciencia, a consciencia e a razão dos meus amigos e inimigos.

Vieira de Castro leu as primeiras cartas, e exclamou com vehemencia da alma indignada:

— Deixa-me esmagar esta injuria que é atroz!

— Não! nem uma palavra! Bem vês que eu não devo permittir que essas cartas sejam lidas. E não tenho outra justificação. O homem, que recebeu cartas d'essa senhora, vive e sabe que em meu poder não está nenhuma. Elle me defenderá quando a curiosidade dos meus detrahidores o interrogar. Não escrevas nem falles a tal respeito.

Desde este lance, conheci que Vieira de Castro acrisolára por mim o sentimento da estima alliado ao da compaixão. Teve dó do homem que a sociedade aviltava diffamando-o, ferindo-o no seu ultimo baluarte — o amor proprio, o orgulho até de haver amado com quanta honra um amor reprehensivel póde ser indultado na consciencia — honra, que tem hoje a prova de dezesseis annos.

— Hei de escrever o livro da tua vida — voltou Vieira de Castro — Não fallarei d'este ponto negro; mas ha de vir um inimigo que ponha o ferro em braza no meu escripto, a calumnia queimar-nos-ha a ambos, e tu então...

— *Me defenderei*, se podér dizer á minha

cumplice: «Consente que eu me arranque este punhal das costas, porque a ferida tanto dilacera na tua dignidade como na minha. Mulher que succumbisse a ameaças de tal vileza, seria tão sem brio, tão sem pudor, e tão execravel como o homem que a subjugasse.»

São volvidos dezeseis annos. A infamação nunca foi impressa; mas ha almas negras que ainda a escorrem na lingua farpada como a peçonha da vibora.

Meus amigos e meus inimigos! se, por violencias de uma paixão brutal, exacerbada pela embriaguez, eu resvalasse á infamia de forçar a resistencia da derradeira mulher na escala das perdidas—Deus sabe quem são as perdidas!—; ao despertar d'esse infernal aturdimento com a consciencia do meu crime, matar-me-hia com asco de mim proprio. No regaço d'essa senhora, tão cruelmente aviltada, tenho dous filhos. É para meus filhos que eu escrevo esta pagina que me pareceu até hoje impossivel. Receio que elles ainda tenham de vêr a serpente da calumnia a rojar-se na sepultura de seu pai. Sinto-me no cabo da vida; e tenho maior pejo da posteridade que dos meus contemporaneos. Quero que estas crianças saibam d'este livro que o pregão affrontoso aos calumniadores foi escripto quando ainda

viviam as pessoas que podiam desmentir-m'o. No punhado das minhas cinzas hão de estar as de sua mãi — esta levantada alma que ainda não verteu uma lagrima na voragem que lhe devorou os respeitos do mundo, e a perfida riqueza com que seus perdoaveis paes a violentaram sem dó de sua innocencia e formosura dos dezoito annos.

*

* *

O talento de Vieira de Castro era portentoso.

Aos vinte e tres annos cobria de perolas as paginas dos seus livros, sem as haver colhido nos livros alheios. Só com a phantasia, com o milagre do genio, estrellava de esplendores, de locuções titanicas as cousas mais triviaes do pensamento.

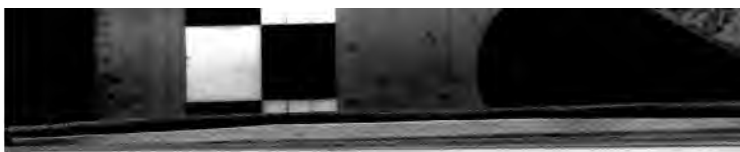
Os livros do seu estudo eram poucos e futeis n'aquelle tempo. Francisco Manoel do Nascimento dava-lhe arrobos de admiração de envolta com frouxos de riso, quando o reliamos na quinta do Ermo. — Sabes tu! — dizia-me elle — isto de bem escrever é um lavôr mechanico sem o talento de bem imaginar. Ha phrades *de bronze*, e phrases de flôres: umas pe*sam as outras* perfumam. Eu quizera antes se-

florista que fundidor. Acho mais artistica uma grinalda de boninas que uma Flora em busto de ferro.

E, não obstante, os moldes, de seus escriptos e discursos eram classicos, e ás vezes superabundantemente enfronhados de purismo. Mas a phrase, o torneio da dicção resaltava gentil, luxuriante, com uns requebros originaes de tanta graça que a mim me fazia pena a certeza de que, mais tarde, os atavios todos d'aquella musa loura e pueril se haviam de fenecer, assim que a politica — devassa que tosquia todos os Sansões da poesia — lhe cortasse os voadouros.

Não foi assim. Vieira de Castro, quando entrou ao parlamento, contava vinte e seis annos. Florescia em toda a pujança de seiva. Era instruido nas sciencias politicas, sem as profundar. Lia a pagina primeira, a pagina cem, e a trezentas de um livro. Sabia-o todo. Percebêra a logica, a travação, as primicias e os corollarios do author Se lhe pedisseis um juizo de Barrot, de Mezières, de Guizot, dar-vos-hia a substancia, o ouro acendrado do livro, da theoria, do systema que adivinhára folheando os titulos dos capitulos.

Aqui tenho a collecção dos seus *Discursos parlamentares*.

Deixem-me dizer assim: este livro contém

os embryões da catastrophe de Vieira de Castro. Esta aurora allumiou o seu ultimo dia feliz. Foi ella, a estrella maldita que o levou ao Brazil no encalço da gloria. A gloria recebeu-o nos braços, e cobriu-lhe a fronte de ouro e brilhantes. Era já muito, eram extraordinarias as blandicias da sorte com um talento de Portugal. Parece que a Fatalidade adormecêra. Eis que se avisinha o Destino com o *ramo das flôres* pulverisadas do seu veneno. Elle inhalou-as; concebeu a paixão, deu sua alma ás delicias e torturas do amor. Cantou a sua felicidade em hymnos de graças a Deus que lhe dera uma esposa, e com ella uns jubilos tão desmedidos que receava morrer da congestão da felicidade [1].

Quando aqui me resoaram n'estas montanhas as estrophes de Vieira de Castro, eu encarei no seu retrato e disse-lhe: *Desgraçado, ou tu has de fazer de tua mulher um genio, hombreando-a comtigo, ou ella te ha de descer do teu genio até ás proporções de um marido vulgar!*

Vem aqui ao proposito dizer que Vieira de Castro, antes de sahir para o Brazil, esteve commigo alguns dias. Nunca proferiu palavra

---

[1] Vejam-se as cartas escriptas a seu irmão Antonio, e impressas no *Processo e julgamento*. Veja-se tambem, adiante, *a carta escripta* desde *New-York* a Victorino da Motta.

que revelasse intento de procurar mulher no Rio de Janeiro.

Dominava-o uma chimera mais intangivel, mais inexequivel que topar esposa no Brasil. Premeditava vender dez mil exemplares dos seus *Discursos*, e resgatar as suas terras oneradas de dividas. Eu rira-me dos calculos do talento, que está sempre ás avessas do talento dos calculos. Se elle me tivesse dito que ia á conquista do vello de ouro, eu responder-lhe-hia: «Vai, novo Jasão, mas não leves os livros que representam as riquezas do talento pobre.»

O que bem me lembra, e uma carta d'elle me recorda é que chorei ao dar-lhe o abraço de despedida: «...Estou atravessado de saudades — me escrevia elle do Porto. — Os teus soluços e as tuas lagrimas commoveram-me profundamente e por vezes me ennevoaram os olhos pelo caminho. Quando se merecem d'essas provas a homens que tem soffrido como tu, é que algum bocadinho de coração puro tem a gente... Ai! o meu quartosinho de Seide!... Nunca tive saudades assim, se não quando me mandavam criancinha de ferias para o collegio...» Dias, depois, ao embarcar para o Rio: Adeus, meu excellente amigo; se eu conhecer um dia de que ponto do céo brilha *o raio* da felicidade, correrei a Seide a apontar-t'o.»

Não voltou a Seide... É que não vira no céo o ponto refulgente da felicidade.

Ainda em 7 de novembro de 1866 lhe lembra no Rio o quarto da sua cama vestido de roseiras «...Agora, um grito do coração: Chóro por Seide! Quando nos abraçaremos nós ahi? O que eu tinha a contar-te!... Aqui ha grandes almas!...

Confrontemos os estylos de duas cartas. A de solteiro, quando entrava no parlamento, e a de casado quando chegava ao Porto. «Vou morar na casa mais linda que tem Lisboa para um rapaz! E' no Monte de Santa Catharina ao portão de ferro. Que surprehendente maravilha! Era casa soberbissima para nós, no coração da cidade, a lavar os pés no Tejo, e a enxugar a cabeça nas nuvens do céo! Não imaginas que linda casa vou ter! Como alli me ha de alumiar as noites a alegria do estudo, e o anjo louro da gloria que me negacêa desde a infancia com as glorias do parlamento! Vem para a minha companhia!» Agora, a carta do Vieira de Castro, casado, *millionario*, com o coração duplicado no seio da esposa adorada: «Eu continuo a ser para essa casa o mesmo, quero dizer: que quando bato á tua porta levo sempre uma tristeza commigo. A tristeza é o meu capital precioso, que ninguem me quer e *que eu não* dou a ninguem senão a ti. Os

unicos dias felizes que recordam as minhas reminiscencias de solteiro são teus, devo-t'os...»

*

* *

A proeminente physionomía do discorrer de José Cardoso Vieira de Castro era o colorido da palavra, a área larga do pensamento, o periodo energico e cadente, a apostrophe impetuosa, o rapto da imagem, o rythmo lusitano da forma, a boa erudição em referencias e citações, o ardôr civico nas crises do patriotismo, a destimidez no alvoroço das tempestades que levantou no parlamento. Coração, poesia, paixão, orgulho, sarcasmo, ironia, violencia, todos estes heterogeneos raios de luz estavam fermentando o primeiro orador portuguez, sem assombro de Garrett, de Rodrigo da Fonseca, de Rebello. Nenhum fôra tão espontaneo, tão repentista e tão eloquente.

É notabilissimo o seu discurso ácerca da liberdade de imprensa. Grande subtileza de raciocinio, clareza, rigor deductivo, primorosa arte em redarguir e concluir.

Um intelligente admirador de Vieira de Castro, apreciando o homem illustre que se apagára a um sopro de desgraça trivialissima, dizia-me em uma carta escripta no dia da con-

demnação: «Foram uma tempestade politica os dous annos parlamentares de Vieira de Castro. O orador só póde ser cabalmente visto a uma cambiante luminosa. Ahi, porém, foi elle, a um tempo, o todo e a parte. Os seus *Discursos* são a chronica e a synthese esplendida das commoções da tribuna portugueza n'aquella época de paixões. As 250 paginas d'este livro são amenissimas, posto que, a espaços, relampagueadas de fulminações. Ha ahi Murillo e Miguel Angelo. Os fogos do Synai, e as candidissimas frontes dos anjos. *Nem a tribuna antiga nem a tribuna moderna nos dão melhores modêlos de eloquencia*, escreveu Antonio Rodrigues Sampaio. Quando o orador tiver passado para o lugar aonde a justiça humana exige que se escondam de uma vez os grandes talentos que ella ha de celebrar em duradoura apotheose, o livro de Vieira de Castro será francamente proclamado o primeiro monumento da eloquencia politica portugueza.»

*

* *

É uma dôr que punge e consola relêr este livro, ouvil-o, vêr-lhe o movimento dos labios, dos olhos, o gesto, todo elle redivivo, porque o tempo lhe não deliu em minha alma o mi-

nimo traço das suas feições. N'esta casa de S. Miguel de Seide ha ainda um pallido crepusculo da sua alegria de ha seis annos.

Quarenta e quatro dias antes da sua morte, me escrevia elle: *Seide! a pedra e os cyprestes! Ah! não volto ahi mais. Não cabe essa felicidade no meu destino! Fujamos d'estas memorias que me despedaçam!*

A pedra é uma lapide tosca em que está o seu nome. Os cyprestes plantára-os alli mão fatidica, em dias tão felizes! O nome do bem-vindo do meu coração festejado em uma pyramide de granito do feitio de um sepulchro, assombrada de araucarias que tem o lugubre aspecto dos cyprestes! Um paradoxo a receber uma restea de luz funebre vinda da Africa, do cemiterio dos degredados!

Os seus ultimos dias da juventude foram os que elle aqui viveu. Eu, pelo menos, nunca mais o vi alegre d'aquella sua ridentissima expansibilidade que tinha condão de incutir alegria nos tristes.

Nunca mais aquelle gracioso espirito do paradoxo na conversação; as imagens hyperbolicas do phantasista radioso; os resaltos inesperados dos epithetos picarescos, realçados pelo tregeitar que, na mobil physionomia de Vieira de Castro, era o mais percuciente gume das *suas satyras*, sempre elegantes.

A primeira vez que o vi, de volta das suas viagens, e com fama de rico, imaginei que o ouro o revestira da gravidade mal encarada que é a liga d'este metal nos carões de chumbo. Creio que lh'o disse no nosso usual estylo. Sorriu Vieira de Castro com a melancolia dos que não querem carpir-se, por amor proprio e pejo de não serem tão felizes quanto os inculcam e lh'o imaginam. È uma das feições do orgulho. É uma valentia ostensiva, e uma profunda miseria humana.

— Eu sou pobre — disse Vieira de Castro.

— Pobre!

— Pergunta-o aos meus credores e a meus irmãos — insistiu o meu amigo, como quem segreda uma confidencia. — Casei com uma criança adoravel, embalada no luxo, nas indolencias do Brazil, e nos caprichos da abundancia. Quero educal-a, como se educa uma filha; mas não posso desfazer com preceitos de economia os habitos adquiridos, ou as esperanças prefiguradas. Tenho carruagem, porque é ainda cedo para eu insinuar a Claudina que não a podemos ter, e não sei quando terei valor nem arte para lh'o dizer.

Sei que elle lh'o disse, um dia, na quinta de Moreira, dissimulando a insufficiencia dos meios com outras considerações em que predominava a impertinencia de criados.

— Pois sim, Juca — accedeu com uns meneios infantis e morbidos — vende o trem, se queres, mas compra-me vestídos com o dinheiro.

Esta cousa futil não é meramente uma criancice. Aos vinte annos não ha crianças.

*

* *

O reviramento da indole folgazã de Vieira de Castro fez-se subito na intuspecção de que não era amado. Se o cegasse o orgulho, bastaria o amor a descondensar-lhe as nevoas. No espirito inculto d'aquella senhora não havia gomos que florejassem aquecidos pelo talento do marido. Era uma creatura mais ignorante que o vulgar das portuguezas medianamente educadas. Os do[illegible]s intellectuaes, os triumphos, a fama gloriosa de Vieira de Castro eram-lhe cousas de todo o ponto descuriosas, vãs e sem prestimo na sua felicidade. As cartas amorosas que ella lhe escrevera em solteira, com uns requebros de dengosa meiguice, denotavam alma precocemente afistulada de perfidia porque mentiam a um homem que na ingenuidade dos seus amores era d'uma candura pueril.

Disseram ahi que o casamento de Vieira de

Castro já da sua origem vinha empeçonhado pela coacção da esposa. Entre as mais dilacerantes frechas que lhe desembéstou a villanagem estava essa cravada no seio do meu amigo. Devia de ser violentada a mulher que lhe escrevia, em solteira, as cartas impressas a pag. 44 e 45 do *Processo e julgamento*. Procurem-as lá, que eu acho-as irrisorias para serem reeditadas.

Ó grandes espiritos, quanto é triste vêr-vos apoucados, rasteiros e postos ahi de supedaneo á primeira mulher que vos enliça com umas trivialidades amoriscadas, como que feitas para estudantes de lyceu!

Os instinctos desleaes d'esta senhora transpareciam. Houve pessoas da convivencia intima de Vieira de Castro que vaticinaram o desastre, e outras que viram com espanto a realisação do vaticinio, tão cedo. O assombro não era já do delicto: era da pressa. Ninguem o preveniu contra a infamia que vinha, nem o avisou quando a infamia lhe cuspiu o estigma. A amizade deplorava-o; mas o decoro impunha silencio aos que o consideravam a elle marido vulgar, e a ella uma peccadora na via dolorosa das Magdalenas.

Elle abriu os olhos sobre o seu golfão, quando o coração o levou alli de rojo. Suspeitava *da perfidia*. Tinha sentido nos braços a mulher

regelada para o amor honrado. O que algum dia lhe parecera desamor, era já a expressão do tedio, sem ao menos dissimular-se nas caricias artificiaes da culpada tranzida do remorso ou ameigada pela compaixão.

E, como voragem da ignonimia lhe devia ser sepulchro, não se despenhou sósinho.

O desgraçado não consultou ninguem, não chorou em braços de algum amigo. Amordaçára-o o honesto pejo da sua desventura. Antes quiz incutir terror que compaixão. Não podia confidenciar a sua dôr a alguem, pois que a sua ignonimia havia de ser notoria e lançada ao dragão que ceva a sua fome no escandalo e a sua sêde nas lagrimas. Tudo lhe serve, tirante o desforço em que ha sangue. Afóra o sangue que lhe faz pavores, para tudo tem as suas gargalhadas, tanto mais estridulas quanto de mais alto lhe baquêam as victimas nas garras. Elle conhecia a sociedade. E, cuidando que immolava a esposa á sua honra, — é triste dizer-se! — foi, em grande parte, á sociedade que elle a sacrificou, pensando que um cadaver, embora manchado, era sacratissimo; e um homicida, embora repulsivo, respeitavel e nunca escarnecivel. Não se illudira. Foi assim. Ella coberta de bençãos, elle de maldições; ella suffragada nas igrejas, elle insultado na imprensa e no carcere.

D'esse holocausto á sociedade estão ahi tres paginas perduraveis de Ramalho Ortigão. Era já morto o desterrado, quando este grito de justiça, trovejou nas cavernas da opinião:

«Assim acabou pois na indifferença ou no desdem da publicidade o homem publico que mais ruido teve em volta do seu nome, aquelle dos nossos companheiros de trabalho e de lucta intellectual que mais viveu nos applausos da celebridade e nas commoções da gloria!

«A amizade não deixará de vir ámanhã trazer a esta desafortunada sepultura o dôce tributo das suas lagrimas. A opinião porém essa ahi a estamos vendo já na sua definitiva attitude, de olhos enxutos e de coração calado, perfeitamente indifferente, diante do cadaver d'aquelle, cujo maior defeito, e talvez o unico, foi ter amado a opinião — de mais!

«Eu, que estou na amizade pessoal, direi aos que estão na opinião publica: sois crueis na vossa indifferença, porque sois cumplices na desgraça que arrancou esse homem tão novo, tão exhuberante de mocidade, de talento e de vida, ao seu amor, á sua familia e á sua patria. Porque elle rendeu-se inteiramente, inexperiente e desarmado, desde os primeiros passos que deu no mundo, á consciencia da opinião e ao julgamento do publico. Foi, mais que ninguem, do seu tempo e da sua sociedade. Em quanto outros luctavam tenazmente contra a corrente das idéas, dos principios e dos sentimentos consagrados, elle arrojava-se ao largo, entregando *o seu baixel* á providencia da onda. O seu cami-

nho foi sempre para aquelle ponto onde os vossos applausos pareciam denotar que se achava o triumpho. Guiado pelas vossas acclamações suppunha que a verdade estava no foco ruidoso e ardente onde a gloria apparecia.

«Devotou-se-vos integralmente essa alma infantil e candida. Acreditou na vossa politica, na vossa arte e na vossa honra. Ora a vossa politica era uma intriga de partidos degradante e baixa. A vossa arte era uma velha convenção doutrinaria e emphatica. A vossa honra era uma versão da cavallaria feita com as accommodações necessarias para uso de burguezes bondosos e pacificos, — um mixto de alta barbarie e de estreita civilisação — os cavalleiros da tavola redonda interpretados pelos irmãos terceiros de S. Francisco.

«Um dia este homem, que fôra tantas vezes o vosso idolo, achou-se repentinamente repellido por vós como um monstro. E todavia elle estava ainda, então como sempre, na logica fatal do seu destino. A sua intelligencia tinha-se-vos sacrificado. Sacrificou-se-vos tambem o seu coração. Nos arrebatamentos vertiginosos da sua eloquencia, nos denodos da sua palavra e dos seus escriptos, nos ostentosos requintes da independencia e da isenção, nos repentes mais altivos e mais ruidosos das opiniões e dos actos, nos mais frequentes e extraordinarios sacrificios que póde fazer a abnegação e o desinteresse, elle mostrou sempre, nos seus triumphos, nas suas derrotas, e até na sua derradeira catastrophe, que considerava a sociedade uma cousa digna, austera, inilludivel e sagrada. E eis aqui, resumidamente, como no meio das influencias de uma opinião profundamente desorganisada se eleva ou se

despenha no conceito publico o mais coherente e o mais honrado caracter!

«Quando é que nos applaudis, e quando é que nos condemnaes? A mesma linha de conducta leva-nos á victoria e leva-nos igualmente ao abysmo. O successo é uma charada.

«O tribunal chamado da opinião publica não tem por tanto razão de ser; não se pode aceitar, nem admittir. Uma sociedade que tão claramente patentêa pelas suas caprichosas incoherencias carecer dos principios em que se basêa a fiel, a permanente, a immutavel interpretação do dever, não tem opinião. A consagração da collectividade das incompetencias, das inepcias ou das maldades é um opprobrio. Quando quizerdes convencer-nos de que vos assiste o direito de nos julgar no mal, provai-nos primeiro que tendes e que exerceis a faculdade de nos guiar para o bem...»

*

* *

As deliberações de Vieira de Castro, profundas e decisivas, eram-lhe suggeridas por um só oraculo: a consciencia d'elle, e só essa. Não sei se lh'a formára a sociedade, se o instincto insopesavel. Na craveira da sua honra não punha mão a prudencia nem a razão alheia. Consultava-se e arrojava-se para o alto ou para os abysmos. Em dous dos *Discursos parlamentares* transluzem, ou, mais pontualmente, formulam-se as suas maximas em actos

affectos á dignidade: ...*Acima de tudo, o fôro da minha consciencia, para cujas sentenças só reconheço uma instancia superior, que é Deus...* — *Porque a crença é puramente o fôro intimo, e a minha consciencia respeitavel como a consciencia de todos, e respeitavel, porque é ella no homem o sacrario unico onde Deus reside, e por tanto inviolavel como todos os sacrarios...*

Aqui é mais solemne a condição da sua indole isenta: *Quando tenho de dar um passo na minha vida publica ou particular, em questões de honra e de dignidade, não conheço ninguem acima, nem abaixo de mim; é a minha consciencia que consulto, e inspiro-me d'ella*[1].

Quando Vieira de Castro chamava telegraphicamente seu irmão Antonio — a luz, a unção, o amor immaculado de sua alma — a presença d'este austero caracter não valeria a despersuadil-o do desforço resolvido. Sei que Antonio Vieira de Castro exacerbando as angustias do infeliz com phrase ou gesto de assombro e reprovação, recuou diante de um impeto vertiginoso.

Que infinito inferno mandou Deus na seguinte noite áquella casa da rua das Flôres!

O representante do ministerio publico, no

---

[1] *Discursos parlamentares*. Sessão de 10 de fevereiro de *1865, pag. 14* e *15*. Sessão de 10 de março de 1865, pag. 71.

supplicio do julgamento, despojando-se da caridade, da rectidão e da sinceridade, fallou assim: *José Cardoso Vieira de Castro, depois de consultar os amigos a quem relatou o seu horrivel crime resolveu entregar-se aos tribunaes e não fugir; assim o fez depois de dormir mais uma noite perto do cadaver da esposa.*

Dormir! Que a justiça divina dê uma hora d'aquelles somnos aos que vestem a toga como saião de verdugo, e lançam o dardo da calumnia a um rosto em que ha lagrimas.

Quem dissera ao delegado que Vieira de Castro «dormira mais uma noite perto do cadaver da esposa?»

Ninguem. Inspirou-lh'o assim a musa da Eloquencia. A terribilidade da imagem soccorreu-o na penuria da argumentação honesta. Na tela grosseira do entendimento do jury quadrou-lhe pintar a esposa morta, e ali perto o homicida a dormir.

Trapacisses d'esta ignobil estôfa, cá fóra dos tribunaes, chamam-se calumnias, e responsabilisam. Lá dentro, gozam fóros de recursos oratorios; chamam-se argumentos, e cobrem o impudor do seu rosto com o capuz da rhetorica.

Ah! a noite seguinte á morte de D. Claudina, um só homem nos poderia dizer, *minuto por minuto*, como ella correu para Vieira

de Castro, se esse, que lhe assistiu e o acompanhou até ao arraiar da manhã, salvasse a memoria d'esse trance, d'essa vertigem descendente n'uma espiral de dilacerações horrentissimas que se elevava até Deus e baqueava até ao abysmo ora em gemidos abafados, ora em convulsões de pavor!... Aquella noite, Antonio Vieira de Castro, meu excruciado amigo!... se a vissem como eu a entrevi, ao través das suas lagrimas e da pallidez da sua face!...

*

* *

A phantasia dos noticiaristas divulgou um quadro mavioso em que Vieira de Castro apparecia no fundo da tela, e toda a primeira luz batia na cara de um padre. Contou-se que um sacerdote minhoto, amigo do illustre preso desde a infancia, quando soubera da desgraça do seu companheiro de annos em flôr, se pozera a caminho de Lisboa, desamparando os parochianos que pastoreava, e fôra levar ao Limoeiro labios consoladores, olhos tremulos de lagrimas, cousas divinas da religião de Jesus, balsamos cicatrizantes para feridas de remorso, emollientes mysticos para corações rijos e incontritos: em fim, pintaram o padre de *tal feitio* que por pouco me não fui depós elle.

a fim de furtar ao meu pobre José uma parcellla do amor d'aquelle certo Pollux na hora incerta.

N'este entretanto o meu amigo, que lêra a noticia, escreveu-me duas linhas risonhas, galhofando da invenção dos diaristas. Havia com effeito um padre que nunca em sua vida conhecera Vieira de Castro. Estava em Lisboa requerendo uma vigairaria, quando Vieira de Castro entrou no carcere. Apresentou-se-lhe pedindo-lhe o seu valimento no bom despacho. Fôra ao Limoeiro como quem ia seguro de encontrar em casa o protector. Depois, como o despacho se demorasse, e os recursos se exhaurissem, ia jantar com o preso; e, por ultimo, quando a sua inactividade intellectual lhe pegava de enferrujar as molas da eloquencia, pediu a Vieira de Castro que lhe fizesse sermões.

E, com certeza, o admiravel talento e benigno coração do meu amigo fez sermões ao padre. Escreveu cinco se bem me recordo. E de todos apenas encontrei, nos papeis vindos de Loanda, um fragmento do sermão da Soledade. Dizia assim:

....

«A oração é o elo invisivel que prende o espirito do homem á immensidade de Deus! é o raio *luminoso que* ata invisivelmente a commoção, a

supplica, o terror, a gratidão humana, á augusta complacencia, á piedade, á misericordia divina!

«Rebenta na amplidão dos mares a furia dos vagalhões contra a nau, desmastreada já e a pique de perder-se ; é negro o céo, torvo o abysmo, de fogo a atmosphera ! Ajoelha, christão, e ora, e o mar ficará de leite, e o céo sorrir-te-ha, e os trovões fugirão á tua prece como o Satanaz das imprecações ao aspecto das cruzes, e ao echo dos canticos sagrados!

«Rasgam-se de repente os seios da terra despedaçada n'uma das suas revoluções geologicas, racham a pino as montanhas, e sobem das fauces temerosos os volcões, e as chammas pavorosas ! O terror humano ajoelha, e ora. O volcão parou e Deus pôl-o assim, immovel, esplendido, atado ao seu limite, temeroso ainda, mas inoffensivo, incruento!

«A peste assola as cidades, a guerra extermina os homens, o odio aniquila as raças, a natureza lucta pavorosamente com as artes, os perigos e as ruinas amontoam-se, a razão desfallece, os braços pendem sem esperança e sem força ; e tu, homem, que pedias tudo ao genio, á sciencia, á tua ambição investigadora, ao teu unico explorar ; tu ajoelhas alfim, oras, supplicas, mas com a fé ardentissima que transpõe as cumiadas dos montes, e os milagres resurgem, e as forças voltam, e a esperança realisa-se, e os prodigios assombram, e assombram-te!

«Orar, orar, christãos, é vincular Deus á nossa vontade, prendel-o na nossa alma, e ancorar no seu infinito a barquinha do nosso futuro!

«Mas, se é impura a tua alma e o teu labio, christão, quem ha de interceder por ti, com melhor esperança de que Deus te escute?

«Ah! no seio onde todos os vicios se purificam, onde todos os odios se fazem amor, e a impiedade se converte em devoção, e a soberba em humildade, e a injuria em blandicias, e a raiva em lagrimas; na que foi sempre virgem, sempre pura, a encarnação do amor infinito, e da infinita dôr!

(Virgem santissima, perdôa, se a minha pallida eloquencia ousa definir-te!)

«No seio d'*Ella*, a Santa das santas! Ella, amor infinito, que por isso tem um perdão para cada culpa! Ella, infinita dôr, que por isso já nem outro balsamo conhece ás angustias proprias senão a consolação das angustias alheias!

«Oh! a mais sublime de todas as martyres! Põe o seu seio á humanidade peccadora e afflicta, e diz-lhe: se tens uma supplica para meu Filho, e teu redemptor, pousa-a em cima das minhas dôres; e Elle ha de aceitar a tua supplica para não aggravar as dôres da mãi!

«Dôres de Maria! Oração christã que pões n'essas dôres a tua esperança, que maior apotheose do que explicar-vos assim, poderá fazer-vos a palavra humana?

«A oração, senhores, é toda essa immensidade de confortos, de glorias e de sentimentos puros, cuja virtude eu profundamente sinto, e pessimamente explico!»

*

* *

As cartas de Vieira de Castro são a voz que vem de além-mundo chorar ainda á beira da *sepultura* de sua mulher.

Se elle vos não disse nunca o entranhado amor que lhe tinha, vêde-o n'essas confissões a um homem, um dos mais intimos seus, o mais valido nas suas magoas, e ainda o mais secreto confidente nas excellencias e nos defeitos da sua compleição.

Como as cartas, a cada pagina, descrevem o que havia communicavel e exprimivel na sua desgraça, estou dispensado de tentativas mallogradas. Se Othelo escrevesse quatro linhas, depois da catastrophe, essas diriam mais que a tragedia do seu immortalisador.

Das oitenta e seis cartas, que possuo, parte d'ellas foi queimada quando escolhia as impressas n'este livro. Eram umas em que elle antepunha a palavra *confidencial*, porque ha dôres que um desgraçado revela a outro, quando se entra da desconfiança que Deus o não vê nem ouve. Mas as restantes são muitissimas, porque os dias do martyrio foram muitos e o martyr a miudo encostava a cabeça no meu peito.

Não posso publical-as chronologicamente como foram escriptas, e em perfeita ordem, porque as do anno de 1871 não tem data. Dir-se-hia que as horas, os mezes, a luz e a noite, o tempo, em fim, parára para o homem *empe*drado entre duas voragens.

As que eu lhe escrevi numerou-as elle até

cento e quarenta e quatro; mas, os espoliadores dos haveres de Vieira de Castro, em Loanda, guardaram quatorze. Eram provavelmente pessoas amantissimas do dinheiro dos mortos e dos autographos dos vivos.

Uma das omittidas e mais plangentes cartas que elle me enviou do Limoeiro está datada no dia em que uma bem composta matrona acaudilhando outras menos gafas alli entrou para o insultar.

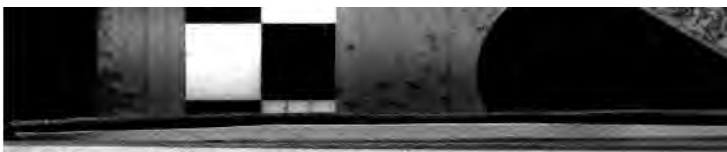
Decorridos poucos dias, o fogo, que lhe vulcanisára o cerebro, esfriára. O penitente sorria para o fundo do calix, que offerecia aos manes da esposa vingada pelas Eumenides. Elle mesmo vos conta a sua ternura, e descreve serenamente esse lance, que nos mette em riste a ferocia dos tempos de bronze com a pregoada caridade de hoje em dia. Eis as palavras do grande infeliz, no ultimo anno de sua vida, as ultimas que escreveu e imprimiu na sua patria:

«Succedêra isso n'um carcere, no dia em que entrava Deus ás cellas dos encarcerados. Era o dia da communhão, o dia em que as portas das prisões recuam de par em par a dar passagem á hostia consagrada, o symbolo da reconciliação entre a culpa do homem e o perdão de Deus.

«Contra os ferrolhos de um d'esses cubiculos tumultuavam as mulheres e tumultuava nos labios d'el-

las o riso, o ultraje, a curiosidade insultadora, o despeito mal reprimido. Dentro d'esse cubiculo morava um desgraçado immensamente respeitavel.

«Era um homem de 32 annos, e que ao tempo da sua idade acrescentava já outros dez annos de degredo, que elle aceitára com a mesma tranquillidade com que esperava ainda mais cinco que, antes de nova sentença, o consenso unanime lhe prophetisava e promettia. A curta historia de sua vida, e a immensa catastrophe da sua ultima data, estavam amplamente publicas. N'uns melancolicos traços se póde contrahir essa historia. Propiciára-o Deus para que desde os 19 annos, por uns movimentos apaixonados de sua alma, assignalasse sympathicamente a sua carreira entre os moços da sua patria. Por vezes a fortuna lhe sorrira. Tambem por vezes brincára com elle a gloria. A final um dia uma labareda estupida se atêa com todos os materiaes do seu auspiciado destino, e ao sumir-se nos ares a derradeira chispa do pavoroso incendio, veio a saber-se que com as cinzas evoladas para as nuvens do Senhor subira tambem a esposa estremecidissima d'elle, d'elle que ficára alli de pé, calcinado, com tudo queimado dentro de si, e podendo vêr com os olhos do rosto n'aquellas carbonisadas ruinas todo o interior de sua alma, do mesmo modo com que horas antes contemplava na vida palpitante d'esses lemures o céo todo inteiro da sua felicidade sem balizas! Sabia-se que esse homem, desgraçado, ou louco, se atirára de cabeça para o fundo n'uma voragem sem redempção! Soubera-se tambem que amára immensamente, e que para salvar a immensidade do seu amor n'uma memoria e n'um perdão, *bem ou mal,* crêra que lhe cumpria abrir uma se-

pultura d'onde, como n'uma taça, Deus recebesse para o seu seio uma existencia que já não tinha thalamo na terra, e que depois, com essa sepultura defendida pelo seu peito, assim se quedára sempre, firme, tranquillo e mudo, deixando que repetidas vezes contra si se esgotasse o *montão de pedras* ás mãos da calumnia e do odio. Tudo isto era sabido, e muito mais.

«Quando esse homem appareceu diante da justiça, e da lei, deram-lhe a palavra para defender-se, e elle pediu, instou, supplicou que lhe não infligissem o mais acerbo dos tormentos, na palavra, que tantas vezes lhe fôra contentamento e jubilo, bom ou mau orgulho. Só mais tarde quando lhe lêram o *veredictum* que importava a pena do seu desterro, então sim, resurgiu serena a sua physionomia, e a sua voz, sem affectação nem ironia, natural e firme, pôde agradecer ao jury as deliberações que o condemnavam. Por uma mutação profundamente commovedora, e de enternecimento singularissimo parecia que o magistrado presidente do tribunal lhe tomára conta das lagrimas, em quanto fallava. Era certo que em vez do réo era o juiz que chorava. Tudo isto fôra sabido.

«No dia immediato o assombroso causidico d'esse homem, tomando forças da mesma angustia que o seu cliente lhe inspirava, consolava-o dizendo-lhe a proposito de uma resposta a um quesito: «Fizeram a maior justiça ao teu caracter: aquella resposta foi uma veneração para ti e para as tuas memorias!» E o cliente redarguia: «Meu querido amigo, crê pela salvação da minha alma, eu senti em mim o *virtuoso desejo* de beijar a mão a cada um d'aquelles *jurados* cuja pena lavrou o meu direito de jul-

gar quem eu matei.» E Jayme Moniz, tremulo, excitadissimo, cresceu com a sua luminosa fronte acima dos hombros, nos do seu cliente, apoiou e estendeu em duas parallelas os seus braços longos e nervosos, e fitando bem nos olhos d'elle os seus olhos inundados de dôr e de enthusiasmo, disse-lhe n'uma apostrophe cortada por um gemido: «*Do que eu tenho profunda pena é de te vêr perdido para a palavra do meu paiz!*» Tudo isto era tambem sabido.

«Quando esse homem se levantava pela ultima vez ao cabo de tres dias do seu julgamento, todo o mundo ouviu silvarem-lhe aos pés, esganadas no seu derradeiro estertor, as cabeças das viboras com que por mais de meio anno o enfaixou a calumnia impunemente, e sem nenhum desforço d'elle; e antes d'isso ouvira pela sua honra jurar o seu defensor que aquelle réo lhe pedira de joelhos que só n'esse triumpho pozesse a mira, que por parte d'elles dous de mais nada se curava n'aquelle tribunal, e que abandonasse o seu delicto vivo, inteiro e palpitante nas garras famelicas dos seus delatores. Era tudo isto sabido.

«Findo esse julgamento, o silencio que o precedera nos prelos destemperou n'uma trovoada incessante. Os protestos conglobaram-se de toda a parte. Havia um homem condemnado, mas ninguem queria que o julgassem capaz de igual severidade. A's portas do tribunal confessavam todos que uma votação de todos seria favoravel ao condemnado. Pelas senhoras das galerias affirmou uma que alli teria unanimidade a absolvição. Ao carcere correram no dia immediato caracteres dos mais puros, pares do reino entre elles e dos mais considerados

na honra publica, a confessar que iam alli em penitencia de se haverem deixado illudir pela infamia. De toda a parte as adhesões e as lagrimas. Das ilhas portuguezas, de todas, os manifestos mais vehementes, mais apaixonados, mais affectuosos e estremecidos.

«Ainda na vespera, de uma d'essas ilhas, de Angra do Heroismo, um diploma popular, no qual se alardeava que era a desgraça a que aquelle povo escolhia com amor para se acercar do vulto d'ella. Da America ouro e brilhantes postos sobre a formosa cabeça aonde se gerára a apotheose para o caracter illibado e redimido! — Tudo isto era sabido tambem.

«O dia da pavorosa scena do carcere fôra o dia 8 de maio, do mez primeiro que tu amarraste á tua chronica. Mas esse dia, sabes tu, fôra o mesmo que doze mezes antes afogueára o quadrante a chamma d'aquelle grande incendio do desventurado. Era o primeiro anniversario do seu trespasse d'elle, a que o destino, por umas cruezas sem memoria, quiz que o proprio morto ficasse assistindo em vida pelo tempo adiante.

«Que dia! que horas as d'esse dia! que momentos os d'essas horas! que instantes n'esses momentos! A pancada dos relogios das torres coava-lhe aos ouvidos as bétas candentes d'aquelles *mesmos* sons no *mesmo* dia do anno extincto. O ar revoluteava, e redemoinhava em derredor d'elle, como alguma cousa espavorida, e enleava-o, abraçava-o, enroscava-o, para lhe triturar lentamente, e fio a fio, as fibras da alma e as do corpo. Era o anniversario *de sua* propria morte, alguma cousa de monstruosamente infernal na escaleira dos nefandos mar-

tyrios. Por isso, e só por isso, eu te diria que era immensamente respeitavel esse infortunio. E não era?

«Mas mais, a cella d'aquelle preso é que era sacratissima! Porque dentro d'ella guardava um deposito seu a justiça humana, e fóra velava por esse deposito a providencia dos sentenciados. Vá. Diga-me a tua alma se ha arca no mundo para respeitos mais altos. Pois bem. Umas mulheres houve que apodreceram todas essas memorias e tradições ao tábido halito de suas almas obduradas, esbofeteando a Providencia á porta d'aquella cella, e assobiando lá para dentro, no seu escarneo, em horas mais longas que a eternidade, a gargalhada e o ultraje. Grupos de mulheres, entendes? Não havia, não houve nunca um homem no meio d'ellas!

«Pensarás que estou atraiçoando a verdade em favor da minha refutação. Bem. Dou-te uma testemunha insuspeita. E' do funccionalismo, e das letras como tu; ha quatorze annos escriptor. Chama-se o dr. Ferreira da Costa. D'elle ouviram uns, que m'a recontaram a mim, a seguinte scena.

«O teu collega teve de abrir passagem contra a onda, e não sei se ao pôr a mão nos ferrolhos da porta involuntariamente prendeu as mechas soltas da ultima cabeça que a curiosidade revezava na clareira da chave. Entrou. O amigo d'elle, e o teu, estava só, de pé, com o punho esquerdo a amparar-lhe o corpo, fincado sobre a carta interrompida em que o preso estava enthesourando para sua mãi as lagrimas d'aquelle dia. Vêl-o foi o mesmo *que lançar*-se-lhe nos braços, e exclamar-lhe quasi *desabridamente*: «Obrigado, meu velho amigo, sal-

vaste-me de enlouquecer, quem sabe?» E o dr. Ferreira da Costa disfarçou por longo tempo a impressão estranha das respostas incongruentes que lhe dava o desgraçado. Pergunta-lhe como elle o viu, como por 60 minutos o teve diante de si, e quantas vezes o outro lhe repetia, mesmo diante de quem mais chegou depois: «Tu não sabes, nem eu talvez, o bem que me fizeste. Foi Deus que te guiou aqui.»

«Já ahi estava o homem que eu te offereço, quando se passou o caso que vou referir-te.

«Os 15 degraus da escada que defronta com a cella do teu amigo estavam tomados por um rancho gracioso e alegre de meninas louras, que do alto do patamar dominava uma mulher enorme, a qual d'alli lhes atirou para cima da alegria d'ellas, e do seu chilrear despreoccupado dos pensamentos da outra, as seguintes palavras, *textuaes*: *Então! tem lá dentro umas taboinhas, e um tapete? Quem lh'as substituira por um chicote!*

«Ha apostrophes que são como os tremores de terra, fazem o terror e o silencio. As donzellas fitaram-se melancolicamente, e uns dous infelizes, companheiros do preso, que sem perceberem a malevolencia de uma pergunta tinham confirmado o que a mulher asseverára, sahiram d'alli com os ouvidos queimados pelo simoun da asquerosa contumelia bufado dos labios da Tesyphone!

«E as meninas desceram a escada, por onde pateou atraz d'ellas a mulher do tal dito. E mais adiante, consternadas, e rodeando-a, perguntaram-lhe ellas, que historia tão má era a d'esse preso *que tamanhas* severidades affrontava. E a velha, *porque era velha* essa mulher, lá foi contando, ao

que parece, a historia pedida, áquella innocente e indefeza colmêa de noivas futuras.[1]»

*

* *

Não se olvide uma pagina tambem peregrina d'aquelle talento, inflexivel ás torturas. O Club Angrense enviára-lhe n'aquelle mesmo dia o diploma de socio honorario. Vieira de Castro, retrahindo as lagrimas sob a mão de bronze da sua honra, escreve a seguinte carta de agradecimento, assombrosa de magoa, de paixão e conformidade:

Snr. presidente da assembléa geral do Club Popular Angrense. — No dia 7 do corrente mez de maio recebi das mãos do ill.^mo^ snr. Joaquim Coelho de Andrade e Santos a carta com que v. exc.^a^ se dignou remetter-me o diploma de socio honorario do Club Popular Angrense, encarregado pela assembléa geral do mesmo club.

Quantos motivos, exc.^mo^ snr., se accumulam para que esta honra tenha o melhor lugar do meu coração! Entrou ella a alumiar as minhas trevas no dia em que as dôres do meu infortunio renasciam na sua maxima intensidade pela commemoração do seu primeiro anniversario. Vinha enviada d'uma cidade por ventura a mais fidalgamente brazonada entre as reliquias historicas d'esta nossa patria, e

---

[1] Consciencia, por *Samuel*.

a mais estremecida nas tradições da minha familia desde que meu querido e chorado pai, o snr. Luiz Lopes Vieira de Castro, ahi deixou nas saudades de todos os corações, e d'ahi trouxe com as suas, o nome abençoado e estimadissimo de magistrado integerrimo. Procedia, não d'um individuo, d'uma d'essas raras almas que pousam por milagre nas grades dos encarcerados a apontar-lhes o pequeno ponto do céo retalhado por ellas, mas de muitos individuos, da alma collectiva composta de muitas almas, que eu sinceramente penso e creio que deve de ser enxame de espiritos de eleição, para virem assim tão condolentemente, até á ante-camara da sepultura d'um homem quasi morto, a pousar-lhe com a maior dignidade, e com o maximo carinho, o balsamo de suas confortativas honras no vivo das suas chagas!

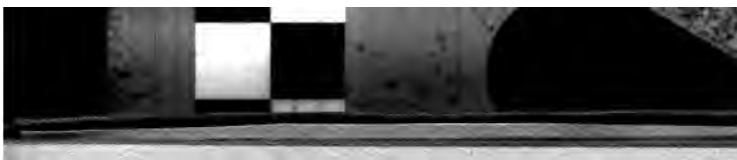
Depois, exc.^mo^ snr., succedeu ainda que, no dia immediato áquelle em que eu recolhia nas minhas mãos e no meu affecto o vosso alto testemunho, por occasião de se celebrar n'esta cadêa a exposição ostentosa das physionomias e dos nomes, das naturalidades e dos crimes dos desgraçados irremediaveis, se atropellaram afóra do meu estreito carcere não sei quantos grupos de mulheres sem caridade, as quaes sibilavam pela fechadura da minha porta os ditos da sua curiosidade insultadora, rematados pela apostrophe impudente de uma, cujos cabellos brancos tornavam mais negra a sua colera, e que eu aqui não ponho em escripta por honra de todas as mulheres nascidas que não são aquella, e por interesse da minha desgraça que reserva *para as suas* contas finaes com Deus o preço *d'esse nefando* insulto desacompanhado dos casti-

gos com que certamente o infamariam todas as almas piedosas, se por ventura o conhecessem, mas attenuando assim, o que não quero, as dôres com que eu o devorei na minha solidão e no meu silencio.

Nas superstições da minha desgraça chego ás vezes a suppôr, ex.^mo^ snr., que as honras que eu de vós recebia no dia 7 eram já providencial anteparo contra os convicios do dia 8.

Por todos estes motivos eu peço ao exc.^mo^ snr. presidente da assembléa geral do Club Popular Angrense faça bem scientes os seus consocios do muito em que a minha alma transborda de gratidão pelo alto favor com que me distinguiram, e que terá sempre dos primeiros lugares ao lado de outros favores em que Deus tem permittido que se ampare o meu infortunio.

Permitta porém v. exc.^a^ que eu agradeça, mas não aceite, as palavras finaes da carta de v. exc.^a^ com que em seu nome, e no da assembléa geral do Club Popular Angrense, se digna exaltar o que fui, no meu passado, entre os litteratos e os politicos do meu paiz.

Como escriptor, o mais mediocre de todos, eu pude apenas deixar consignado nas ultimas paginas escriptas na minha felicidade, o voto espontaneo, sincero e crente pela futura republica. Como politico, e orador favorecido pela attenção dos seus auditorios, apenas me coube a alta honra de defender sempre, quanto em mim cabia, a causa da democracia e do povo portuguez, e a coragem somenos de accusar por vezes, violentamente no parlamento e nos comicios populares, a causa das monarchias e dos reis.

Creia v. exc.ª, e a assembléa geral do Club Popular de Angra do Heroismo, que eu os tenho a todos na minha mais intima consideração e estima.

Deus guarde a v. exc.ª — Cadêa de Lisboa, 10 de maio de 1871. — *José Cardoso Vieira de Castro.*

Exc.^{mo} snr. Matheus Augusto, presidente da assembléa geral do Club Popular Angrense.

*

* *

Hoje recebo de Victorino da Motta, dilecto amigo de Vieira de Castro, uns threnos que choram sobre a immorredoura memoria do martyr. Eu não tenho, além do coração, lugar de maior honra que lhe dê a estas paginas que vem ungidas de lagrimas, senão este livro.

Victorino da Motta privou com Vieira de Castro como de coração para coração, como dous talentos desabrochados a um tempo, florescidos no mesmo abril, amantes dos mesmos livros, sonhadores da mesma felicidade.

Que entranhados e tantissimos amigos teve aquelle adoravel desgraçado!

Dobar-se-hão os annos. Aquelles, que hoje lhe dão vida nas suas recordações dolorosas, terão passado, e Vieira de Castro será ainda pranteado na historia da tribuna patria, na harpa do poeta e nas formidaveis cóleras da *tragedia.*

Nas dôres d'aquelles que o amaram, a posteridade, desempeçada dos rancores que ainda hoje se assanham nas trevas, comprehenderá quanto Vieira de Castro foi honrado e querido.

«*Snr. Camillo Castello Branco.*

«E' o nome que vai escripto no topo d'estas paginas, e não o signatario d'ellas, que pede a v. acceite este modestissimo trabalho.

«A memoria do nosso amigo, e a minha saudade infinda, serão bastante garantia para que v. acolha, sob a egide do seu talento, estas singelas recordações dos seus humildes camaradas de ha 15 annos, na redacção do *Atheneo.*

«A v. como o mais prestimoso amigo do desgraçado que choramos, e como mais estrenuo defensor das suas altas virtudes, serão consoladoras todas as reminiscencias d'aquelle martyr.

«Sou, etc.

«*A. Victorino da Motta.*

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

«Levantemos uma lapide tumular, escondida nas arêas ardentes do solo africano.

«Jaz ahi a ossada de um vulto enorme, que nascêra para ser uma das mais brilhantes glorias da sua patria, e a quem a fatalidade arrastou á infinidade do infortunio.

«*Talento* vigoroso e esplendido acareára a admi*ração* enthusiastica do povo pela sua eloquencia

tribunicia: grangeára o respeito publico pela sua probidade immaculada; merecera a sympathica dedicação de todos pela cultura esmerada do seu elevado espirito.

«Entre os braços da familia que elle amava e os carinhos da mãi que o estremecia, acordava sempre na ante-manhã de venturas ridentes.

«Afastado das lides insanas da politica militante, acercava-se da feliz atmosphera que o rodeava, e inspirava ahi o oxygeneo da sua felicidade.

«Julgava-se venturoso.

«Mal diria elle que as flôres viçosas da sua primavera se enlaçariam em breve a um ramo funebre de cypreste.

«Mal pensaria o desventurado que ao mavioso canto do rouxinol se succederia um furacão tremendo, espantoso, medonho.

«Nos limpidos horisontes do seu futuro não se divisava um floco de nuvem, que lhe prenunciasse um desprazer.

«A opulencia da ventura tornava cada vez mais espesso o véo que encobria o sudario da sua desgraça.

«Aquelle coração abrazava-se em sêde de gloria.

«Não saciado ainda com os triumphos alcançados no parlamento do seu paiz, foi procurar á America novas ovações.

«O tracto da peninsula era curto para fartar as aspirações vastas d'aquelle grande espirito.

«Um dia, quando a capital do imperio brazileiro pasmava diante do verbo eloquente de Vieira de Castro, illuminaram os esplendores do seu genio o rosto d'uma mulher formosa.

«Amaram-se.

«As procellas do espirito cambiaram-se em tempestades do coração.

«Bafejavam-lhe as auras tepidas d'aquelles paizes um porvir de fortunosa bonança.

«A aureola de gloria permutou-se em corôa de noivado.

«Entre-abriam-se as rosas para lhe offertarem os seus aromas rescendentes; aplacaram-se os mares para navegar sereno o barco que os conduzia; prateára-se a lua d'um brilho ineffavel para levantar os relevos d'uma physionomia angelica.

«A noiva feliz e orgulhosa pisava na sua passagem tapetes de Suza, e repousava languidamente a cabeça sobre ottomanas d'ouro.

«A America do norte abrira os seus portos aos viajantes felizes, e offertava-lhes a vastidão de suas florestas virgens para theatro dos seus idyllios de amor.

«Raiava-lhes nos horisontes de todas as latitudes o sol da felicidade.

«No Novo-mundo ou na Europa, nas cidades ou nos desertos, nas florestas ou nos mares, apparecia sempre a esteira da mais prospera ventura.

«De New-York escrevia elle a um amigo seu:

«Meu querido V.

«Sinto-me extremamente feliz.

«Tenho uma mulher que me estremece e a quem eu beijo até á fimbria dos seus vestidos e até nos vestigios dos seus passos.

«Receio que venha alguma nuvem negra toldar *este eden* de supremas felicidades.

«*Não me* esqueço nunca de ti.

«Entre as caricias da mulher e a dedicação de um amigo, como tu, ha uma distancia cheia de saudades pelo teu coração.

«Mando-te o nosso retrato.

«Parto brevemente para Portugal.

«Junto do meu berço, quero aberta a minha sepultura.

«Adeus.

«Abraça por mim as tuas formosas criancinhas, e lembra-lhes todos os dias o nome do teu hospede impertinente de ha 4 annos.

«Vou residir na quinta de minha mãi, em Moreira, perto do Porto. Quero vêr-te alli e abraçar-te.

«Escrever-te-hei logo que chegue a Lisboa.

«Teu velho amigo

«*José.*»

«Singrava rapido, pelas aguas do Atlantico, o navio que embalava durante a viagem, em ondas de meiga ternura, os conjuges afortunados.

«A quinta de Moreira estava esplendidamente preparada para os receber.

«Desprendido das ambições da gloria e afastado das vicissitudes da politica, sequestrára-se do bulicio do mundo, alimentando-se do amor da esposa.

«Ao mesmo amigo, que lhe noticiava a morte do pai, respondia elle de Moreira:

«*Meu querido M.*

«A's tuas desgraças respondem as minhas. Choro a morte de meu sôgro, a mais bella alma que conheci no mundo, e o melhor amigo que eu tive.

«Foi para mim uma grande perda!

«Nunca te esqueci, meu querido. Muitas vezes recordo o teu nome.

«Doia-me até a lembrança de que te não houvesse chegado ás mãos o retrato que te mandei de New-York.

«Tenho immensas lagrimas para o optimo velho de teu pai.

«Estou a vêr aquella santa physionomia, que nunca teve uma levissima ruga para o hospede impertinente do filho.

«Como vossês se pareciam!

«N'isso ereis ambos arabes!

«Eu não apago nunca do meu coração os dias bons da tua casa.

«Tambem choro a tua santa mãi.

«E talvez façamos mal.

«Quem sabe se, elles por sua vez, chorarão lá em cima esta nossa estupida peregrinação?

«Não tenho aqui os meus livros.

«Mandar-te-hei—*Discursos parlamentares,—Discurso da caridade,— Republica,* e o *Discurso do meeting do Porto.*

«Eu parto para Lisboa por todo este mez, e tenciono fixar alli a minha residencia por alguns mezes.

«Se tens de vir ao Porto e queres dar-me uma grande consolação, vem a tempo de passar commigo alguns dias.

«Para ti, para tua esposa, para as tuas filhinhas e antigas amiguinhas minhas, muitos affectos nossos, meus e de minha mulher.

«Adeus. «Teu amigo

«*José.*»

«N'estes tempos, ainda as lagrimas do infortunio se não vertiam no calix das flôres murchas da sua primavera!

«A ambrosia e o nectar distillavam-se dos labios da esposa em dulcissimos beijos e em sorrisos carinhosos.

«Gastava-se depressa a vida n'aquella febre de affeições vehementes.

«A formosa Lisboa encampava, com ares de rainha do mundo, ás velleidades da indigena da America.

«Assentiu desgostoso ás exigencias da esposa o marido imprevidente.

«O Tejo desdobrava-se em fitas de prata. Lisboa sorria-lhe ao longe com os seus theatros e as suas soirées esplendidas.

«O brilho da côrte apparecia-lhe em sonhos, como fascinação deslumbrante; e depois... partiram.

«Os grandes crimes é força que sejam perpetrados nos grandes centros.

«A'quella alma impudica era mister um vasto theatro, onde fizesse plena exhibição da sua immoralidade.

«O desgraçado seguia imprecavido a estrada da sua desventura.

«Confiado no amor da mulher, que todos os dias lhe mentia a fé d'um amor jurado, caminhava imperterrito atraz da sua desgraça.

«Semelhava um sahimento funebre, precedido por um demonio, que arrastasse na sua cauda a ossada de um cadaver.

«Um dia, varou-lhe o craneo uma suspeita negra.

«A monstruosidade d'um nefando crime deparára-se-lhe vultuoso, agigantado e informe.

«Amedrontava-o a terrivel realidade, e o horrivel despertar d'um sonho feliz...

«O cerebro queimava-se em torrentes de lava destruidora, e o coração refrigerava-se, ainda, nos frescôres da esperança.

«A duvida era um supplicio atroz; e, do cume d'essa montanha enorme, era forçoso descer para os jardins de suprema felicidade, ou precipitar-se nos abysmos d'uma terrivel verdade.

«Era certo o opprobrio: o precipicio abria-se-lhe temeroso, mas, para aquelle genio de fogo, não havia a hypothese de uma vacillação, sequer.

«A voragem d'uma cratera começava a sorrir-lhe seductora, e a fascinação do abysmo attrahia-o irresistivelmente.

«N'aquella organisação violenta cada impressão era um abalo, e cada sensação uma paixão.

«Sentia pulsar as arterias e correr o sangue nas vêas, e assemelhava as suas funcções physicas a uma perpetua tempestade interior.

«Começou então uma lucta tremenda entre a dignidade e o amor.

«A cabeça refervia-lhe n'um remoinho de pensamentos infernaes, em quanto o coração transbordava de misericordia e de perdão.

«A tempestade bramia por sobre aquella cabeça desvairada, e fulminou uma existencia serena e feliz.

«O raio estalou, abrindo no rastro de fogo duas sepulturas.

«Foram poucos, os que poderam apalpar as agonias excruciantes d'aquella alma dilacerada.

«*Poucos dias* depois do succedimento nefasto, *que lhe toldára* para sempre as manhãs da vida,

escrevia elle a um amigo, orvalhados com lagrimas, os periodos que seguem:

«Ai, meu filho, tu que foste, e que de certo és marido, como eu sei, adivinha qual será a consolação derradeira de uma existencia, que mostra para um ponto do céo os seus braços presos pelas grades d'um calabouço, a um espirito que se amou immensamente, e que deixou de si, para memoria eterna, um céo e um inferno; o céo de umas alegrias phantasiadas, immorredouras, o inferno, onde tudo isso foi lambido por uma labareda estupida!

«Deixa-me correr estas lagrimas. Perdôa-me, se desvairo.

«No teu peito ponho eu todos os meus gritos, como elles se me alevantam da alma despedaçada.

«O que eu queria dizer-te, é que tenho sido eu que tenho confortado os meus amigos contristados.

«Não te atormentes, pois, meu irmão de ha 5 annos!»

«Ninguem ha ahi que desconheça as ingentes agonias, que estrangulavam aquella grande alma nos carceres do Limoeiro.

«Era o dia 8 de maio.

«Essa data recordava ao desventurado um terrivel anniversario.

«Um anno antes contára elle, n'esse dia, as horas por seculos infindos e os momentos por compridas eternidades.

«Foi n'esse dia que se incendiou um thalamo nupcial, devorando, na sua chamma esverdeada, duas *opulentas* existencias.

«*Foi n*'esse dia que se cavaram duas sepulturas.

immensas como sorvedouros, que enguliram, pelas suas largas gargantas, duas formosas creaturas.

«N'esse dia, depositava o desditoso as lagrimas de seus olhos nos seios de sua extremosa mãi, quando lhe pareceu ouvir os sons de estridulas gargalhadas a repercutirem se nos corredores do carcere.

«Era feminino o timbre das vozes que chasqueavam e que riam!

»E' que esse dia era de festa na prisão.

«Abriam-se escancaradas as portas do Limoeiro para dar passagem á hostia consagrada, symbolo de redempção e amor para as almas atribuladas.

«Accorreu de tropel, e em chusma, a turba das mulheres *honestas* da capital, ás portas d'aquelle medonho antro.

«Arreceavam-se de transpôr os áditos da masmorra as *virtuosas* matronas.

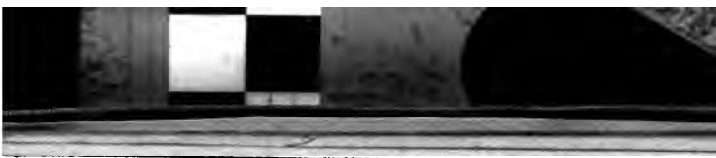
«Segredava-lhes a consciencia que, nas suas costas, se correriam os pesados ferrolhos da prisão.

«O appetite do insulto despertou-lhes a coragem tibia, decretando vilipendiar o desgraçado.

«Entraram...

«A' porta da cella estreita, que fechava a liberdade a um dos maiores desgraçados d'esta decada, redemoinhavam e contorciam-se como serpentes essas hordas de mulheres famintas de curiosidade desbragada, que se arremettiam, agglomeravam, aggrediam, acotovelavam e arrojovam para se substituirem á clareira da fechadura.

«Este bando de megéras ia levar ao calabouço *do condemnado* a maldição do insultuoso escar*neo.*

«*Nos labios* d'essas *vestaes*, resequidos já pela

hediondez do vicio, pairava a negrura da zombaria e da mofa.

«O desventurado aspirou até ao cabo essa atmosphera d'improperios, de mistura com os gazes pestilentos d'aquellas boccas pôdres e corrompidas.

Publicou-se mais adiante, em Lisboa, um opusculo que o author, penna vigorosa e energica, appelidára *Consciencia.*

«Vem escriptas alli com absyntho, as dôres que acicataram n'esse dia aquelle pobre coração.

«Ouçamos por momentos os gritos angustiosos d'aquella alma esphacellada [1]...

«Ahi estão os lamentos do martyr agonisante nas paginas da *Consciencia.*

«Era ignobil aquella cruz para se arrastar ao cume do Calvario!

«Era aquella scena propria d'um canibalismo estupido e vergonhoso.

«As pantheras espreitavam as viagens da victima, que se contorcia em dolorosas angustias, e escutavam os gemidos estertorosos do martyrio, que lhe infligiam as suas aduncas garras!

«E' mister uma heroicidade santa para curtir em si aquellas dôres terebrantes.

«Caracter brioso e altivo, nunca pensára domar-se ás bofetadas ignominiosas da plebe latrinaria.

«Era muito outro então o tribuno vehemente.

«Alquebrára-lhe a desventura a valentia do genio, e passára uma lima grossa por sobre os picos alcantilados da sua vaidade.

«A audacia do homem que affrontára afouto as

---

[1] *Eliminamos* os periodos que eram parte das pungentes *paginas que já* deixamos trasladadas da Consciencia.

tempestades do parlamento, e que se alevantára enthusiastico nas salas da universidade, succumbia debil, e curvada, aos apodos das mulheres devassas.

«E' que a chamma da desgraça havia lambido as azas á altaneira aguia.

«No mesmo dia em que foi julgado, dirigia elle a um amigo velho a carta que segue:

«Lisboa.—Sabbado.

«*Meu querido filho.*

«Sahi do tribunal condemnado e honrado.

«Estou bem com Deus, com a minha consciencia, e com os homens, a quem não tenho odio.

«Desejo partir quanto antes.

«Não poderei abraçar-te, meu querido amigo!

«Deus nos dê vida e saude, e poderemos ainda consolar as nossas velhices com tantas recordações, que me estão afogando o coração.

«Recebi o teu telegramma.

«Beijo-te e abraço-te.

«Adeus, meu filho.

«O céo não desampara todos os anjos d'essa casa, que se me está toda repetindo na memoria com pungentissima pena.

«Adeus, meu querido.

«Teu do coração

«*Vieira de Castro*»

«Aquella alma recebeu contente no pescoço a corda do suppliciado, mas repellira para longe de si, as nojentas calumnias, e as injurias contumeliosas d'uma raça infame de detractores.

«O jury quebrára os dentes ás viboras que queriam mordel-o na sua reputação immaculada.

«Jayme Moniz, o talentoso academico, disse ao condemnado no dia do seu julgamento: «Fizeram a maior justiça ao teu caracter; a resposta do jury foi uma veneração para ti e para as tuas memorias; mas do que eu tenho immensa pena, é de te vêr perdido para a palavra do meu paiz!»

«Mais tarde enviava elle ao seu inconsolado amigo os tristes periodos que se seguem:

«*Meu querido amigo.*

«Só hoje te respondo, mas todos os dias tenho contemplado a Providencia na tua carta.

«Grande alma a tua, nobre e grande coração o teu, meu velho!

«Não sou de todo infeliz.

«Não o é aquelle a quem Deus concede vêr, á luz do maximo infortunio, a mais apaixonada das dedicações.

«Abraço-te e beijo-te, minha adoravel fronte, aonde se pousaram as derradeiras vistas da minha vida de rapaz!

«Mas não, meu filho, não digas mal d'esta sociedade, que me condemnou.

«Podia talvez ser menos deshumana, podia, mas não digas que foi injusta.

«Castigaram o meu delicto, mas salvaram-me das injurias, com que me crucificava a maldade e a mentira.

«Sei que me deviam a reparação, mas podiam convencer-se da minha justiça e escondel-a.

«O mundo dá sempre tão pouco, que é preciso agradecer-lhe isto, que é muitissimo!

«Ha de consolar-te saber uma cousa.

«A desgraça fez-me bom.

«Sinto melhor a minha alma pela dôr; vejo mais claro na eternidade, com as palpebras cerradas ao peso da escuridão do meu destino.

«Não tenho odios; fazem-me chorar, quando me dizem que é unanime o sentimento inspirado pelo meu infortunio.

«Eu devo á minha condemnação a força, a paz, a tranquillidade, que talvez a liberdade não podesse dar-me.

«Não venhas aqui, meu filho; não venhas, que eu tenho medo de diluir essas tres cousas nas lagrimas irreprimiveis do teu peito.

«Sou eu que irei ahi. Eu sim.

«Diz-me a crença em Deus, que d'aqui a 10 annos te visitará na tua casa, que é tanto tua, como da minha memoria, e que poderei beijar a mão d'essas meninas, então senhoras, protestando-lhes pelo meus cabellos brancos, e pelas dôres da minha desgraça, altas virtudes da santa que ellas não conheceram bem, e que eu vi fazer a felicidade de um dos mais inspirados amigos da minha mocidade.

«Deus não póde mentir-me n'estas dôces visões da minha modesta esperança.

«Deus sorri-me; se assim não fôra, porque não houvera eu enlouquecido ou expirado?

«A minha consciencia está cheia do seu direito; a minha alma cheia das suas dôres; e meu coração esmagado debaixo de ambas.

«Aqui tens o teu hospede de ha 5 annos.

«*Dize ás tuas* filhas que peçam a Deus, que eu *d'aqui a 10 annos* possa bater á vossa porta, não *levando nem mais* nem menos do que isto.

«Adeus. Beijo-te, meu filho. Beijo essas criancinhas, cujas imagens se cingem aos derradeiros contentamentos da minha vida.

«Falla-lhes alguma vez do desgraçado

«*Vieira de Castro.*»

«Haverá coração que resista a derramar uma lagrima perante a immensidade d'esta suprema dôr?

«Haverá granito que resista aos raios d'esta fatalissima desgraça?

«O fel da desventura a verter-se, todo inteiro, no coração angustiado da victima, e haverá punhal a que se aguce a ponta para se lhe cravar no peito?

«Clemencia e piedade implorava o desventurado, que ha pouco ainda, no zenith da sua gloria, arrastava as multidões compactas, acorrentadas á eloquencia da palavra, e fazia acuar a maiorias facciosas com a sua presença na tribuna do parlamento.

«O Creso de glorias tribunicias, vem pedir de rastos a esmola d'uma phrase que o console.

«O orador temido e respeitado pelos representantes do seu paiz estiola-se nas trevas d'uma caverna, e exora a Deus termo da sua peregrinação na terra.

«Corta-se-nos o cerebro, em talhadas de saudade, ao relembrarmos as gloriosas phases da vida de Vieira de Castro.

«Um dia a faculdade de direito, inconsciente ou vingativa, havia, constituida em jury, votado contra a admissão no seu gremio, d'ella, de um dos mais conspicuos talentos da nossa patria. Era Au-

gusto Barjona, essa formosissima intelligencia, que desagradou á esqualida ignorancia dos bachás scientificos.

«A mais vasta sala da universidade fôra o theatro escolhido para este supremo escandalo!

«A mocidade estudiosa pejava todos os angulos do amplo espaço e ouviu contristada o *veredictum* solemne d'aquelles juizes.

«Vieira de Castro estava tambem alli.

«Áquella indole de fogo, não lhe soffreu o animo esta affronta á intelligencia.

«Levantou-se inspirado, ardente e altivo, e esmagou, debaixo do peso de apostrophes violentas, este desamor ao talento.

«A' audacia d'aquelle nobre caracter respondera a tibieza dos professores.

«A faculdade reconsiderou na vergonha da sua sentença, e levantou da cabeça do concorrente o estigma indelevel de reprovação.

«Conhecem todos as funestas consequencias que trouxe ao dedicado moço esta acção desinteressada.

«O conselho dos decanos, reunido em sessão secreta, decretára inquisitorialmente a exclusão da universidade, do orador apaixonado!

«Isto não passa de ser espantosamente ignobil!

«Como depressa se apagou aquella brilhante estrella, deixando um rastro luminoso na curva da sua orbita!

«Como depressa se extinguiu aquella existencia amoravel, legando no seu occaso uma saudade immorredoura!

«Nas compridas noites de insomnia, abafado pelas pesadas abobadas do carcere, ainda pôde alguem recolher as lagrimas d'aquelle martyrio lento,

no calix da amizade, e tragal-as depois, como consolação á dôr que lhe lacerava o espirito.

«Houve ainda alguem que sentiu ao longe as pulsações desordenadas d'aquellas arterias volumosas.

«Alguem houve ainda, a quem os ventos rijos do sul arrojaram os soluços do seu passamento; e a quem as auras tepidas do outono trouxeram as saudades da sua affeição.

«Era o dia 1.º de novembro, e escrevêra elle a carta que vai seguir se.

«Meu querido V.

«Não te esqueceste de mim, não?

«Nem eu de ti.

«Só hoje volto a escrever-te, porque tenho quasi medo de ir empanar as claridades serenas dos meus amigos felizes, com as trevas negras da minha sepultura.

«Estão quasi seis mezes completos do meu encarceramento, e já apenas sinto, e mal, a vida physica.

«O meu passado dá me um amigo, em quem eu creio, como n'um irmão. E's tu.

«Tu, cujo coração eu estou ouvindo bater ao meu lado esquerdo, á tua mesa d'essa casa, aonde eu me senti acarinhado por santos e por anjos.

«Com quantas dôres me pungem estas memorias, meu querido amigo!

«Pois bem: tenho de te confiar a ti uma pequena cousa, e pedir te uma grande honra.

«Se eu um dia tivesse de pedir á tua amizade, que sahisses por pouco tempo de Villa-Real e que viesses encontrar-me, ser-te-hia isto extremamente penoso?

«Escreve-me e dize-me como passa tua mulher e os novos filhinhos d'ella.

«Põe á roda de ti essas minhas formosas amiguinhas de ha quatro annos, e dize-lhes que ás 11 horas da noite do 1.º de novembro, me lembrei d'ellas com lagrimas nos olhos.

«A mim disseram-me que és ahi muito estimado e que Deus te abençôa o talento com muitas recompensas.

«Fiz d'isto para mim uma santa alegria.

«Adeus, meu filho.

«Abraça-te o teu velho amigo

«*Vieira de Castro.*»

«Vai n'esta carta a lutuosa imagem que reflectia o espelho limpido da sua alma.

Rastreára-lhe talvez pelo cerebro a idéa do suicidio?

«Que *pequena cousa* iria elle confiar ao amigo, e que *grande honra* desejaria receber?

«Escripta com lagrimas, a resposta do amigo promettia-lhe uma dedicação sem limites.

«Se foi a idéa da morte que pairou sobre a fronte escalvada d'aquelle desgraçado, ninguem o pôde nunca adivinhar.

«Nunca poderá perscrutar-se este mysterio.

«E' certo, porém, que o infeliz aconchegava cada vez mais á sua epiderme o aspero sudario que devia amortalhal-o.

«N'uma carta datada de Loanda, em 24 de maio, dizia o desgraçado:

«*Tenho* soffrido bastante. Tenho uma tosse que *me arranca* lascas do cerebro.

«Devoro quinina.

«Ainda não tenho coragem para me demorar a escrever-te.

«Começa a passar-me pelos olhos, cada dia e cada hora, dos meus tempos d'essa casa, as pessoas, que morreram, as que vivem, a nossa alegria e tudo!

«Se eu ahi te abraçarei ainda!

«Rogo a Deus pelas tuas filhinhas, pela tua companheira, e por ti.

«O degredado é sempre para ti o mesmo amigo

«*Vieira de Castro.*»

«Esgotava-se a tempestade d'aquella existencia tumultuosa n'uma chuva de lagrimas!

«A bonança sonhara-a o desventurado em sete palmos de terra africana, onde um coveiro negro lhe cavasse uma estreita sepultura.

«E assim foi.

«O *denique* é o epithaphio modesto da sua cova.

«Mas voltemos a affrontar os mares revoltos do seu infortunio.

«O encarcerado digeria lentamente o veneno que a maledicenica lhe propinava nos seus parcos alimentos.

«O ar doentio das costas africanas parecia-lhe salutar remedio para combater o gaz insalubre da calumnia, que lhe assassinava o corpo enfraquecido e debil.

«A ancia do desterro desenhava-lhe por um prisma negro as côres do carcere.

«Reçumavam humidade as paredes da prisão; *coava-se a luz* do sol pelas grades apertadas das

janellas; despertava-lhe o ranger dos ferrolhos um somno transitorio; acordava-lhe a voz das sentinellas o sentimento da liberdade.

«Quem lhe poderia roubar a posse das terras do seu destino?

«Em 27 de maio de 1871, já cançado de esperar pela decisão do tribunal de 2.ª instancia, soltava mais um grito de desesperação.

«Meu querido V.

«Agradeço-te a tua solicitude.

«Ainda não ha dia marcado para o meu julgamento, com quanto eu espere que seja breve.

«Os nossos desembargadores são pouco escorreitos, e precisam de mais de meio anno para pôrem 10 annos de degredo em 15, ou toda a vida.

«Eu só lhes não perdôo a infamia de me estarem roubando a posse da Africa, que me deu a primeira instancia.

«Pensei que o degredo pertencia ao degredado. Pois parece que não.

«Respondo pelo correio ao teu telegramma.

«Recebeste uma carta minha que te mandei na paschoa?

«Adeus, meu filho.

Os meus respeitos e os meus affectos ao teu santo lar.

«Sempre teu

«*José.*»

«A carta que fôra escripta na paschoa é ainda *um protesto* contra a indolencia dos juizes da *relação.*

«Lisboa 9—4—71.

«*Meu querido amigo.*

«Ha dous dias que recebi uma carta tua, deliciosissima do affecto que tanto te mereço. Não te esqueço nunca. O teu vulto e os meus dias d'essa casa, são das memorias que mais lagrimas vertem na minha alegria morta.

«A's vezes faço um esforço supremo para esquecer, e peço a Deus por piedade o que o Manfredo pedia aos espiritos.

«Ai, meu amigo!

«Tudo isso era para dizer-te que o meu silencio se alguma cousa te provasse, seria a intensidade das minhas atormentadoras saudades ao recordar-me de ti,

«E teu pai?

«Como me lembro d'aquella boa alma!

«E' domingo de paschoa hoje.

«Se Deus resuscita para os desgraçados, nos meus labios encontra elle o pedido da tua felicidade.

«Para mim nada peço.

«O que eu quero é que me deixem ir para o meu degredo e quanto antes.

«Espero a decisão da Relação, que confirmará ou aggravará a sentença segundo me consta. Se a parte não recorrer para o supremo tribunal, por lhe não convir, eu tambem não recorro e parto.

«E' este o meu desejo.

«Adeus, meu filho.

«*Os meus* respeitos aos pés de tua santa mulher

e os meus carinhos todos ás tuas filhinhas, e amiguinhas minhas do tempo feliz.

«Teu amigo

«*Vieira de Castro.*»

«O espectro da morte acenava-lhe de longe com os ramos fataes da mancenilha.

«O corpo macerado na humidade d'uma prisão infecta, já mal sentia, como elle confessava, a vida physica.

«Consolavam-no tenuemente as dedicações dos amigos e as publicações pela imprensa, que miravam apenas á sua justificação, e que elle reputava como os epitaphios da sua sepultura. Eram sim os complementos da sua justificação; não da justificação do seu delicto, do qual só Deus tinha a pedir-lhe contas, mas a justificação de todas as negras perversidades, com que a maldade quiz infamar o seu infortunio immenso.

«Era o derradeiro serviço que prestavam á honra da sua memoria os que de perto poderam auscultar a generosidade d'aquelle coração.

«Afóra estes allivios transitivos, ia sempre o desgraçado arrastando uma agonia estupida, em quanto Deus julgasse que era cedo para lhe restituir no céo a felicidade que lhe deixou incendiar na terra.

«Nos ultimos dias de carcere, atormentava-o a demora em Lisboa, e pungia-lhe viver no meio d'aquelle antro immundo.

«*No dia* 28 de agosto, escrevia a um amigo in*consolavel,* os seguintes periodos:

«*Meu querido amigo.*

«Parto para a Africa no dia 5.

«Levo commigo uma saudade immensa.

«Se um dia aqui voltar, correrei á tua porta, em procura d'uma das raras reminiscencias da minha alma.

«Deus o queria, filho.

«Se morrer, pede ás minhas amiguinhas de ha 6 annos, que lembrem a Deus o meu nome.

«A mim diz-me um funebre presentimento, que um presidio d'Africa será a minha sepultura.

«Quero reagir contra o phantasma, que me esmaga a minha consciencia, e apparece-me em sonhos a alva branca dos condemnados.

«Olha, meu amigo, quando a mão descarnada da morte me constringir as fauces, irradiarão tres idéas pelo meu cerebro, proximo a extinguir-se. São tres saudes.

«Uma para minha mãi e meus irmãos, e outra para seis amigos, que conheci no caminho do meu Calvario; a outra é para as tuas formosas filhinhas, que fazem, como eu creio, a tua felicidade. A Jesus-Christo abriram um sepulchro junto da cruz, onde tinha os braços cravados; a mim servirá de epitaphio uma palmeira gigante, que estenda os braços para o céo, exorando por a alma acabrunhada do maior desgraçado que pisou a crusta da terra.

«Adeus. Vêr-nos-hemos na eternidade, se a minha individualidade se não perder nos abysmos do nada.

«Envia-me nas monções da primavera uma das flôres da tua existencia feliz, para que eu a leve commigo ás trevas da minha sepultura.

«Estou cançado de viver e de pensar em ti.

«Nas tuas recordações levo eu na minha viagem a ultima consolação.

«A saudade punge, mas tambem consola.

«Correm-me as lagrimas ao ter que despedir-me de ti.

«Não sei se terei coragem para fechar esta carta.

«Pela ultima vez, adeus.

«Teu do coração

«*José.*»

«Partira o condemnado na galera dos desterrados, caminho das praias africanas.

«A vastidão do mar e a immensidade do espaço, saciavam de ar os seus pulmões sedentos de oxygeneo puro.

«A febre gerada por uma saudade infinita tinha consumido aquella robusta compleição.

«O roble frondoso tombou alquebrado pelo tufão da desventura.

«Diante da traição negra da mulher que amára, não vacillou o seu genio impetuoso e ardente entre os apupos das multidões e a suprema condemnação dos homens.

«No sacrario da sua consciencia immaculada estalára um pensamento infernal.

«O phantasma do ridiculo estorcia-se diante d'elle em esgares zombeteiros, e apontava-lhe com o dedo para um futuro de ignominiosas irrisões.

«Os fluidos venenosos começavam de encher-lhe o craneo, e alli comprimidos, apertados, constrangidos, produziram a explosão medonha que aterrou Portugal inteiro.

«A valvula de segurança, a razão, essa havia-se fechado ao primeiro refluxo dá onda dos vapores.

«Quem poderia medir a dôr d'aquelle desespero, quando a sua mão nervosa suffocou na garganta da esposa o ultimo grito das affeições adulteras?

«Ninguem.

«Mais tarde conheceram-se, pelo rastro d'ella, os vestigios insacaveis do martyrio que lancinou aquella alma.

«Tem-se visto o odio levar a mão estranguladora ás fauces da mulher que se abomina.

«Tem-se visto o punhal afiado rasgar o peito da mulher que se detesta.

«O assassino tripudia então sobre os cadaveres das suas victimas, e traga com ancia o delicioso nectar da sua feroz vingança.

«D'esta vez é o esposo que ama, a esmagar com mão de ferro os vestigios materiaes da sua vergonha.

E' o juiz que enlaça, ao collo de uma victima formosa, a corda do carrasco.

«E' a justiça a castigar o crime; a lealdade estrangulando a traição.

«E como elle amava aquella feia alma!

«Como elle bebia sofrego dos seus labios fementidos, o absyntho da mentira!

«Como elle, temperamento ardente, estreitava nos braços aquelle corpo de gelo!

«Miserias incomprehensiveis da ingenuidade humana.

«Ahi vae uma prova irrespondivel do culto interno, que elle, o desventurado dedicava á esposa.

«Tumultuava o paiz em ancias eleitoraes.

«A candidatura de Vieira de Castro, repercutida

em todos os angulos de Portugal, impunha-se como severa ameaça á situação governativa.

«Acontecia isto ainda nos seus tempos de felicidade.

«Interrogára-o um amigo ácerca da veracidade da noticia.

«Eis a resposta:

«*Meu querido M.*

«Quinta de Moreira.

«Com grandes delicias da minha alma, recebi eu a tua carta!

«Que inveja eu tenho á tua immerecida obscuridade!

«Perguntas-me n'ella se quero ser deputado.

«Eu tenho uma esposa que me ama estremecidamente, familia que me estima, e terei talvez algum filho, se Deus me quizer fazer essa mercê.

«Eu adoro a minha esposa e considero-me felicissimo.

«Ir á camara é sacrificar a familia á patria; e quando a patria é Portugal, equivale o nosso capricho, em sacrificar a familia a uma imperdoavel velleidade.

«Não chega a ser um crime, por ser uma cousa principalmente insignificante.

«Se ventos adversos me não colherem os vôos audaciosos, aguardarei mais prosperas monções.

«Crê, meu feliz amigo, a familia e a independencia constituem o meu unico argumento para resignar a todos os encargos publicos.

«Estou agrilhoado ao amor d'uma esposa que me ama, e diante da qual eu me ajoelho para lhe pedir *perdão* da minha vida de rapaz.

«*Adeus*, meu filho, serás tu tão feliz como eu?

«Aqui tens o teu camarada na redacção do *Atheneo!*

«Transformou-se a coragem em fraqueza, a audacia em imbecilidade.

«Não sei se foi castigo, se premio da Providencia.

«E' certo, entretanto, que eu não posso invejar a sorte de ninguem.

«Adeus. Um beijo ás tuas filhinhas, e um abraço para a sympathia do teu vulto.

«Teu do coração

«*José*»

«O avarento de glorias e triumphos depunha aos pés da mulher que amava, os sonhos dos seus thesouros, e prendia á orla dos seus vestidos corôas immarcessiveis.

«Mucio Scœvola, queimára a mão n'um brazeiro ardente, immolando-se aos amores d'uma mulher romana, que se chamava Clelia.

«Vieira de Castro, deixára incendiar a vida, o futuro, a gloria e tudo pelo amor da esposa que adorava.

«Chenier e Chatterton suicidaram-se, procurando, na mortalha, o socego d'uma tranquilidade eterna.

«Vieira de Castro envergára o sudario d'uma penitencia estertorosa, macerando a alma com os cilicios d'uma saudade immensa.

«A peçonha que lhe envenenára a alma, inoculára-se-lhe no sangue e percorria, n'um grau rapido e fatal, a torrente circulatoria.

«O mundo, sempre, rigido e austero, constituira-se em verdugo despiedado do homem, cuja culpa *unica era ter* esgotado até ás fezes a sordida es-

sencia do mais asqueroso fel, e cujo unico peccado era ter pisado com os pés sangrentos e descalços, os espinhos entalhados no rastro da esperança que se lhe esvaecêra no occaso.

«A critica do soalheiro, virulenta e pôdre como ulcera sarnosa, saciava o estomago faminto nas visceras de uma victima, que trilhára sempre uma estrada lisa e coimbrã.

«O homem que santificára no sacrario da sua alma uma affeição estreme e pura, e resistira ás seducções da gloria, que lhe estendia os braços, é d'um desprendimento que espanta os tibios e desarma a maledicencia da canalha.

«Não succedeu porém assim ao meu desditoso amigo.

«A opinião publica que desvairava em louca ebriedade, á entrada de Jesus em Jerusalem, impunha-lhe, poucos dias depois, ás costas um pesado madeiro, em que iam gravadas letras de ignominia.

«Ao tribuno eloquente, que arrastava as multidões na cauda da sua palavra, ao talento festejado, que prendia as turbas pela magia da sua voz, tambem a opinião publica lhe apparelhou a cruz do aleive, e forjou os cilicios d'um immerecido ultraje.

«Aspirando ainda o suavissimo perfume das floridas rosas que entreteciam a sua corôa de noivado, não pôde consolar-se da dôr suprema que lhe confrangia o espirito, morrendo-lhe a unica affeição que o prendia á vida.

«Soltando dous suspiros de saudade que reparte por Deus e pela memoria da unica mulher que amára sobre a terra, espera que o estertor do agonisante lhe suffoque nas fauces o derradeiro gemido d'um eternal amor.

«Houve alguem que comprou, á custa de lagrimas ardentes, a photographia d'essa dôr vehemente.

«Ahi vão alguns periodos do desafortunado:

«Meu amigo.

«Pisei hontem o solo africano.

«Rescaldavam-me as arêas as plantas dos pés, e a ardencia do sol incendiava-me o cerebro.

«Quando de longe avistei o meu paradeiro, afigurou-se-me logo um cemiterio.

«As casas offereciam-me o aspecto de dolmens druidicos e as palmeiras uma floresta de cyprestes.

«Se fosse alli um outro mundo, onde emancipado de sarcasmos ignominiosos, a podesse encontrar a *ella*, formosa, como o meu pensamento a desenha, e como a minha memoria a reflecte, acredito que lhe perdoava!

«Admiras-te, meu filho?

«Espantas-te da minha fraqueza, ou pasmas deante da immensidade do meu amor!

«Mataram-me, meu amigo; e eu na ancia cruel d'esta intima agonia, nem ao menos posso soltar uma queixa contra os meus algozes.

«Que me perdôem elles, se me perpassa ás vezes pela mente, alguma idéa de resentimento.

«Porque não aggravariam os meus juizes a minha pena, condemnando-me irremissivelmente á morte?

«Que mal fiz á sociedade para me deixar viver?

«Não ha nada mais do que arrojar com uma existencia para os presidios da Africa, algemal-a aos pulsos dos selvagens, incendial-a em torrões candentes, suffocando á mingoa dos ares da patria, respirando os miasmas paludosos do desterro, sorven-

do a longos tragos das fontes infectas um veneno lento?

«Ai, meu amigo e meu filho!

«Sahe ámanhã o vapor *D. Pedro!* Que amarguras soffrerá este pobre coração, ao vêr levantar ferro a um barco que vai com a prôa em direcção á patria! Adeus.

«Se algum dia as minhas memorias te levarem a visital-o, pede lhe para ti e para as tuas criancinhas, uma saudade que te enviou um desterrado, que se chamou um dia

«*Vieira de Castro.*»

«Tumultua o coração do amigo em pulsações desordenadas, inspirando o pulmão nas brizas do Atlantico estes gemidos longinquos.

«Gemidos de suprema angustia, que com cedo se permutaram em arrancos de moribundo.

«A patria, que lhe fôra madrasta, enviára-lhe, pela bocca dos seus juizes, uma condemnação suprema; a familia da mulher que elle amára no mundo, soprava aos ouvidos dos seus arautos calumnias despreziveis e infamantes.

«Lá mesmo, na posse do seu degredo, foram procural-o os libellos mais affrontosos.

«O projecto de rebellião contra a patria fôra o ultimo insulto que affrontou aquelle martyrio immenso.

«O desventurado, a quem não sobravam alentos para combater contra phantasmas impalpaveis, tornava-se na bocca dos calumniadores ignobeis, um valente caudilho a propugnar pela independencia das nossas possessões ultramarinas!

«Era a suprema irrrisão da canalha vil e desbragada.

«O sceptro de canna verde, cabia mal nas mãos que se alevantaram, para fazer engulir a mentira aos seus contumazes detractores.

«José Horta, então governador d'Angola, constituira-se eloquente advogado do desterrado, fazendo vêr á luz da evidencia, a falsa monstruosidade de taes protervias.

«Não bastára isto.

«A maledicencia nas suas ferocissimas invenções engendrou nas trevas um outro aleive ainda mais miseravel.

«Começára de propalar-se de bocca em bocca, a noticia de um novo casamento ao marido, que através do espaço se prendia ainda ao espirito da esposa morta. Era rica e opulenta a promettida noiva.

«A torpe especulação da victima desafortunada, era o poste ignominioso onde os phariseus pretendiam amarrar o filho da desventura.

«As narinas dos diffamadores da honra alheia farejavam no rasto do condemnado as mais peregrinas contumelias.

«Vergava o corpo ao tremendo peso das injurias; mas o espirito quedava-se sereno, como que arredado das tempestades d'este mundo sublunar.

«A morte batia nas azas negras, por sobre aquelle craneo escalvado, pronunciando-lhe o noivado do sepulchro.»

«Sorriam-lhe lá de cima as caricias da esposa que elle tanto amára, e a alma obtemperava tibia ao chamamento fatal.

«*Na data* de 25 de julho de 1872, vertia elle em

Loanda, n'uma folha de papel vellino, as lagrimas que vão seguir-se:

«Meu filho!

«Tu não sabes as dôres da minha vida.

«Perdôa o meu silencio, porque eu amo-te sempre.

«Penso em ti frequentemente.

«Tenho soffrido muito.

«Avoejam-me pelo cerebro funestos presentimentos.

«Vae-se apagando, pouco a pouco, a luz da minha vida.

«Com os olhos fitos na eternidade, vejo através das trevas que me cercam, uma imagem querida, que uma incomprehensivel fatalidade arremessou ao regaço de Deus.

«Consome-me uma febre devoradora.

«A tosse dilacera-me o peito.

«Os medicos d'aqui receitam-me quinina, que é quasi o meu unico alimento.

«Eu tomo-o já como um veneno, que acabe mais depressa com esta existencia triste e inutil.

«N'este equuleo de tormentos vem ainda perseguir-me o odio infernal dos meus carrascos.

«O desvergonhamento não havia ainda tocado o seu marco milliario.

«Era preciso caminhar um pouco mais ávante.

«Não ha fel que a mentira não derrame sobre as ulceras esbrazeadas do meu infortunio.

«Julguei que as cinzas dos mortos tinham um sacratissimo direito ao respeito dos vivos, e que a frialdade do meu cadaver repellira para longe de si *essa cafila* de nojentos vermes.

«Enganei-me, meu filho.

«As hyenas revigoram os seus alentos nas minhas carnes cadaverosas.

«Queres saber o que esses infames inventaram?

«Queres adivinhar qual o fecho que apparelharam á abobada da minha desdita?

«Queres apalpar as fórmas vultuosas d'este novo ultrage?

«Pois bem; nas suas lucubrações infernaes forjaram a ignominia que mais podia mortificar-me! Arrojaram aos quatro ventos do céo a noticia de que eu estava proximo a contrahir um novo casamento!

«A gentalha não se pejou de vomitar, pela bocca asquerosa e fetida, este lixo immundo!!

«Ao martyr de tantas dôres era mister mais esta prova terrivel.

«Curti calado este novissimo tormento e pedi á minha consciencia coragem para uma estupida resignação.

«Os leprosos careciam do balsamo das minhas lagrimas para lhes fazer sanar as postemas nauseabundas das suas faces torpes.

«Cortou fundo o golpe no meu coração, já morto, sem verter gota de sangue.

«Começo a crêr na hora proxima da minha liberdade.

«O meu corpo está gasto, e a alma cançada de tanto soffrimento.

«Morreu-me de todo a esperança de que as tuas filhinhas podessem vêr ainda um dia os meus cabellos brancos.

«Do teu amigo de Coimbra não restará em breve mais que a triste historia da sua vida e o esqueleto *da sua memoria.*

«Ao escrever-te sinto a consolação das lagrimas.

«Eu devia luctar contra a morte, á espera de que ambos nos encontrassemos no caminho da eternidade.

«Lá nos encontraremos um dia, se as auras celestes reunirem os atomos dispersos das minhas agonias com suspiros intimos da tua extremosa saudade...

«Interrompi a minha carta para te dizer adeus sem lagrimas.

«Fui suspirar nas praias africanas um alento de suavidade.

«Os raios da lua d'Africa, queimam, como no nosso saudosissimo paiz, abrazam os ardores do sol.

«As brizas do mar parecem-se com o *simoun* do deserto.

«O solo rescalda os pés, como vasta lamina de ferro candente.

«A atmosphera é uma labareda afogueada.

«O firmamento esbrazeado assemelha-se á imagem do inferno.

«Não se respira aqui, abafa-se.

«As sombras das nuvens são tempestades medonhas.

«Cada relampago é um raio, cada trovão uma convulsão da crusta terrestre.

«Aqui é cada momento um anno, cada anno um seculo, e cada seculo o infinito.

«E' preciso conhecer-se o degredo para se abençoarem os carceres da inquisição.

«O pão é negro como um ethiope, a agua das fontes envenena as entranhas da nossa raça.

«Em vez do trinar mavioso do rouxinol da nossa patria, ouve-se apenas o descante dos selvagens.

«Ahi o dia, aqui as trevas; ahi a serenidade, aqui a tormenta.

«Aqui é todo o pensamento uma reminiscencia, toda a recordação uma saudade.

«Ai, meu filho da minha alma!

«Deixa-me chamar-te assim para consolar a minha velhice prematura. Morre, mas não mates.

«Aprende na minha ultima lição e estuda n'ella como n'uma Biblia santa.

«Esmaga dentro do craneo os relevos mais salientes da tua dignidade; suffoca na garganta os gritos da tua justa indignação; parte a lamina do ferro que póde ser a garantia da tua honra envilecida; afivela no rosto a mascara do cynismo; e quando o mundo verter um escarneo no calix do teu infortunio immenso, esgota até ás fezes com um sorriso nos labios a triaga das tuas amarguras.

«Esta carta é o testamento do teu velho amigo, meu filho!

«Não sei se voltarei a escrever-te porque me sinto já debruçado á beira da sepultura.

«Quando nas compridas noites de inverno reunires, em volta do teu santo lar, a familia, que faz a tua felicidade, lembra-lhe, sempre que possas, as dôres do meu Calvario.

«Adeus; aceita um abraço do teu

«Sempre amigo

«*Vieira de Castro.*»

«Fôra este um dos ultimos cantos, que alçára o moribundo cysne nas margens do Zaire.

«Aquella alma estava prestes a alar-se para os *paramos celestes*, e a embalar-se ahi n'um thalamo

de venturas, que um destino fatal lhe roubou na terra.

«Mentiram-lhe as suas esperanças, quando de New-York dizia ao seu amigo:

«Quero junto do meu braço aberta a minha sepultura.»

«O coração alongava-se-lhe para o céo.

«A estrella que lá demorava em cima atravessava, a todos os momentos, o vacuo da sua alma.

«Não ia em meio a flôr de sua vida, e já o vento outoniço começava de desfolhar-lhe as petalas.

«Temperamento violento, indole apaixonada, alma nobre, esplendido talento, coração affectuoso, sempre aberta a mão da caridade, fechado sempre o peito a ruins instinctos, sempre o espirito a sonhar na gloria, sempre a bocca a expirar fragrancias, lá fôra finar-se nos torrões africanos aquella existencia luminosa.

«Perdôe-lhe Deus, já que os homens não poderam perdoar-lhe, o delicto que commettera na terra, pelas torturas que soffrera aquelle pobre coração.

«Houve um erro? Que maior expiação, do que o degredo?

«Houve crime? Que maior pena do que os vagares de uma agonia lenta?

«Os sacrificadores antigos, cingiam nas frontes, radiantes de fé, ramos de verbena, para immolarem as victimas nos altares dos deuses.

«Os verdugos d'aquelle grande desventurado enfeitavam de diamantes as cabeças esqualidas, para tripudiarem em volta do seu patibulo!

«*Felizmente*, que na esteira de sangue e *lagrimas que deixou*, após elle, Vieira de Castro, ger-

mina um formosissimo prado de saudades, que a sua memoria legou a todos que contrastaram o quilate das suas virtudes, ás quaes, um dia, a posteridade fará justiça.

«*V. M.*»

*

* *

Vieira de Castro estava na Africa.

E os diffamadores, d'aqui mesmo, lhe desempolgavam ao coração de homem e á probidade de portuguez os dardos hervados da aleivosia.

Uns davam-o casado ou de amores com uma viuva rica.

Outros malsinavam-o de fomentar o desmembramento d'aquella colonia.

Permitte-lhe Deus que se salve dos homens no seio da eternidade; e então, como se o desgraçado previsse a morte, enviando a Antonio Vieira de Castro o documento de sua defeza, apparece uma carta do governador geral, purificando a memoria do degredado, que acudira por sua honra, quando já não tinha outro patrimonio que herdar aos seus. Antepuz então algumas linhas ao desaggravo instantemente reclamado por Antonio Vieira de Castro. Fiquem aqui esses pregões como atalaias das suas cinzas, e vergonha surda, intima e *dilacerante* dos perversos que o calumniavam.

REPARAÇÃO

«Da *Gazeta do Povo* de 26 do corrente, trasladamos um artigo que tem ligação com outro de reparação, que o *Primeiro de Janeiro* publicou, a uma calumnia offensiva da probidade do snr. José Cardoso Vieira de Castro. N'aquelle jornal lisbonense apparecêra o boato, procedente de inexactos informadores. Folgamos de vêr que esse mesmo jornal vem tão generosa quanto obrigatoriamente desviar de si a responsabilidade da calumnia. Seria indiscrição esperar outro proceder dos cavalheiros que redigem aquelle diario. Não é a commiseração que se levanta á beira da sepultura do illustre condemnado pedindo á piedade publica que dê por saldadas as contas do infeliz com a sociedade, tão pouco authorisada para lh'as pedir. É a justiça e a honra que se postam ao lado da sepultura de Vieira de Castro, obrigando a calumnia a retroceder humilhada, e a ir cevar-se no coração dos vivos, visto que n'aquellas cinzas já não ha fibras sensiveis onde cravar as presas. Aos que o arremessaram ao degredo e á morte, povôem os anjos o seu dormir de alegres sonhos. Aos que receberam dadivas generosas para o insultarem na imprensa, converta-se-lhes o ouro em regalias domesticas e respeitos da rua. Ás damas descaroadas que insultaram na cadêa Vieira de Castro, no dia da communhão aos presos, doure-se-lhes a velhice de honradas cãs, veneradas pelas honradas filhas. A todos aquelles, finalmente, que arrancaram uma pedra ao edificio que se desmoronou e esmagou aquelle brioso homem, abra-lhes a sociedade os braços, e *chovam-lhes* as delicias, as posições sociaes, os aca-

tamentos, o ouropel com que se cobrem as ulceras da infamia.

. . . .

«Lamentosa celebridade irá seguindo de geração em geração o nome do mais febril talento e scintillante orador que nasceu no Porto, desde que esta terra póde citar nomes distinctos na phalange dos propagadores de idéas. O Porto fez-lhe ovações, quando o ouviu; e, se o não deplorou na morte com testemunhos de publico sentimento, mais tarde, as gerações por vir irão meditar nos trances d'este desgraçado, cheio de esplendores, ao pé da urna das suas cinzas.

«Levou-nos o coração depós a saudade do amigo. E' tempo de deixar que outros se acerquem da sua sepultura com o voto de respeitosa reparação á memoria de Vieira de Castro.»

«Publicámos em tempo algumas noticias de Angola, das quaes fazia parte uma que se referia a planos de independencia attribuidos a um notavel degredado.

«Deu lugar esta noticia a reclamações por parte do snr. Antonio Vieira de Castro, que suspeitou que era de seu irmão, o snr. José Cardoso Vieira de Castro, que se tratava.

«Nós respondemos sincera e lealmente áquelle cavalheiro, dizendo que não era invenção nossa o que se dizia com respeito aos projectos da separação da provincia de Angola do continente.

«Temos razões para crêr que s. exc.ª não ficou satisfeito com o que lhe respondemos, e hontem *foi-nos* apresentada por um amigo commum uma

carta do snr. José Cardoso Vieira de Castro sobre este assumpto dirigida ao snr. José Horta, e a resposta d'este cavalheiro. Estes documentos provam plenamente, que, se com effeito havia quem pensasse em desmembrar da corôa portugueza aquella rica porção do nosso territorio, não era o infeliz Vieira de Castro.

«Como póde haver quem ao lêr aquella noticia tivesse apprehensões iguaes ás que teve o snr. Antonio Vieira de Castro, aqui declaramos que ella foi fundada em informações menos exactas que haviamos recebido directamente de Loanda.

«E' explicita a linguagem do snr. José Cardoso Vieira de Castro, e não menos a do snr. governador geral de Angola.

«Nós vimos as duas cartas, e podemos responder pela authenticidade de ambas.

«Se estimamos sempre fazer justiça a todos, porque nos apraz cumprir um dever de honra, muito mais grato nos é esse dever quando se trata de um homem que já não existe, de quem fomos amigos, a quem saudámos nos seus dias de maior gloria e a quem abraçámos com as lagrimas nos olhos, quando elle, esmagado pelo peso de uma enorme desgraça, nos prophetisava o seu proximo fim respondendo-nos tambem com lagrimas ás nossas palavras de consolação, e dizendo:

«Depois d'isto ou a loucura ou a morte.»

«Por mais severo que seja o juizo que se faça do acto praticado por Vieira de Castro, no que não póde haver discordancia é de que poucos homens tem havido mais infelizes do que elle!

«Mocidade e talento, vida e futuro tudo desappareceu em menos de tres annos!

«Que Deus na sua infinita misericordia se amerceie de quem tanto soffreu na terra, é o que do fundo d'alma lhe pedimos.»

*

* *

Vieira de Castro escrevia em um pequeno *Album*, adquirido pouco antes de sahir para o degredo, as impressões do momento, os traços de projectados escriptos, as primeiras operações e facturas do seu commercio na Africa, as suas despezas diarias, as verbas de dinheiro recebidas de seu irmão Antonio durante a prisão, os volumes da sua bagagem, o inventario da sua roupa e dos seus livros, as visitas do seu medico em Loanda. Está em meu poder essa carteira.

Uma das paginas é assim escripta a lapis:

Viagem para Africa. De Lisboa a 5 de setembro de 1871. Chegamos á Madeira a 7, á meia noite. A S. Vicente a 13 ás 4 da tarde. Ahi ficamos. Pungente approximação de duas datas! [1] *Que amenissimo clima! Sahimos a 14, ás 3 horas.*

6 1/2. S. Thiago, no dia 15.

---

[1] Presumo que a data cuja aproximação o punge, é a da *sua partida* para o Brazil, em setembro de 1866.

A 27 chegamos ao Principe. No dia 23, desarranjo na machina ao cahir da tarde. Andamos á vela até ás 10 horas da noite do dia 26. Formosissima a ilha do Principe! Jardim admiravel! Vegetação esplendida, lembrando o Minho; mas mais formosa pela raridade das arvores e das côres.—Antes da ilha está o celebre rochedo com a fórma exacta de um bonet de jockey.

Em outras paginas:

Le droit de tout homme à dire quand même sa pensée. (Vide o prologo de *Droits de l'homme* de Pelletan).

Visitas do doutor Oliveira:

Primeira doença		....	*3*
Segunda	»	....	*2*
24 e 25 de maio (1872)		....	*2*
Julho	»	....	*3*
Agosto	»	....	*3*
Agosto	»	....	*4*

5 de Maio de 1872.
Despezas. Balanças para café, 37$000.

Seguem outras verbas miudas de preparativos para o seu negocio. Aperta-se-me a alma, quando confronto as glorias, o esplendor, o estrondo d'aquelle nome que reboava desde a sala do parlamento por todo o paiz em 1865, e ia echoar nos prelos da America do sul, e me

figuro Vieira de Castro, sorrindo á desgraça, n'aquelle humilde tráfego de mercadejar café!

Em outra lauda do *Album:*

Viagem a Cazengo. Queimadas, deserto, caravanas, cantilenas dos carregadores. Rios, precipicios, luctas dos pretos, roubos. A vileza do negro. Patrulhas. Cêa. Almoço. As comidas enxovalhadas pelos dedos dos pretos...

Em Cazengo comprára Vieira de Castro por 1.200$000 réis uma casa terrea, em nome de seu irmão Antonio, com o intuito de alli se fornecer de café, em transacções immediatas com o gentio.

N'este crepusculo da noite intellectual ainda fulguram uns lampejos do espirito que se dá alôr para as regiões divinas:

Era uma collina alta, immensa, ingreme, esguia, a pino pelos ares fóra, topetando com o seu coronal de florestas nas nuvens do céo, cavando e mergulhando com as raizes nos abysmos do mar. E, no cimo d'ella, alli, entre Deus e o homem, entre o infinito e o verme, tu, arvore querida das minhas saudades, meu cajueiro amigo, docel das minhas meditações, arca dos meus naufragios, lua das minhas noites! O meu cajueiro! Tenho nas meninas dos meus olhos a photographia da minha arvore. Rompia do solo vermelho o seu tronco secular, e logo se desapertava em duas vergonteas colleadas, como se para

dous amores o plantára alli a providencia do Senhor! Erguia-se á altura dos meus cabellos, e logo se recurvava por todas as partes ao derredor de mim, beijando e marcando na terra a circumferencia do meu mundo. Era denso, era espesso, era basto: dir-se-hia a cabelleira enorme de um gigante... Ai! meu cajueiro querido! Tambem eu te apago muitas vezes a sêde das raizes com as minhas lagrimas; e, quando eu t'as via aljofaradas no peciolo dos teus ramos, eu punha sobre a tua enfeitada alegria a luz do meu sorriso.

Ai! minha saudade qne aqui vinhas conversar commigo! Chora pelo desterrado que chamaste á immensidade da tua dôr! Ha céo e ha inferno! Entre o céo e o inferno, entre ti e mim, ó visão tristissima, estão as insondaveis trevas. Ai! meu cajueiro querido!

Loanda, 9 de dezembro de 1871.

*

* *

A residencia de Vieira de Castro era a mais insalubre de Loanda. A casa é batida pelo mar; e, ao fim da tarde, ennubla-se em nevoeiros. Elle mesmo em uma das cartas me diz que o brazileiro que a construira alli morrêra logo de febre perniciosa.

Não obstante, os primeiros mezes passou-os saudavelmente, posto que nem o minimo cuidado tivesse comsigo, nem désse peso aos conselhos dos amigos. Duas e tres vezes por dia

se banhava no mar que lhe espumejava debaixo da janella do seu quarto. Mandava abrir todas as janellas a fim de que as correntes do vento do mar se recruzassem. *O melhor é morrer*, dizia-me elle.

As febres appareceram-lhe em junho de 1872 e nunca mais remittiram.

Em fim de setembro d'aquelle anno fez uma viagem rio acima até o Ambriz, aconselhada pelos medicos. Melhorou sensivelmente. Um portuguez, que então convivêra com elle tres dias em Benguela, me disse que o semblante de Vieira de Castro era caracteristico de insanavel doença; mas que o vira jantar com insolito appetite. As noites, porém, eram veladas, sem intermittencia de repouso. Uma pessoa, que pernoitava em quarto contiguo, dissera ao snr. Mendes de Vasconcellos, meu informador, que Vieira de Castro, durante a noite, passeava no seu quarto, e a espaços fallava alto.

No principio de outubro recolheu a Loanda. No *Mercantil* do dia 3, lê-se esta local:

CHEGADA. — *Chegou dos portos do Norte a bordo do Cambridge o exc.^{mo} snr. dr. José Cardoso Vieira de Castro.*

Como o paquete que vinha para o reino estava a levar ancora, Vieira de Castro perdêra *duas noites* a escrever a sua correspondencia;

e, se bem me recordo, na ultima carta que escreveu a seu mano Antonio, lhe dizia que ás 6 da manhã tivera de ir á alfandega.

No dia 5 levantou-se, e, diz o *Mercantil*, sentou-se á carteira a trabalhar. Acabava, por volta das onze da manhã, de sobrescriptar ao seu agente commercial em Cazengo, Antonio Pereira Coutinho, o numero do *Mercantil* de 3 de outubro, quando pediu uma garrafa de agua de Seltz.

Passados instantes, chamou afflictivamente uma criada e queixou-se, apertando a cabeça entre as mãos, que sentia uma grande agonia. A criada correu em busca d'um negro, que fosse chamar medico, em quanto elle se desapertava com anciados gestos. Quando voltou ao quarto da cama, para onde Vieira de Castro passára, encontrou-o pro·trado sobre o tapete contiguo do leito, d'onde havia resvalado no escabujar da angustia.

Os criados repozeram-o na cama.

Nunca mais teve luz nos olhos, nem consciencia da vida. A divina misericordia cobriu o desgraçado desde aquelle instante. A lingua oscillava em contracções convulsas; mas não articulava sons. O peito arquejava nos grandes arrancos que deviam em poucas dôres desfazer uma compleição robustissima. Depois, sobreveio a modorra, rebelde ás violentas emborca-

ções da quina. A's 9 horas da noite, José Cardoso Vieira de Castro expirou.

*

* *

Quando o esquife conduzido pelos primeiros magistrados de Loanda, desceu á beira da cova, Urbano de Castro, mancebo de elevado espirito e amantissimo d'aquella quebrada urna de lagrimas onde se afogára o maior talento da palavra em Portugal, apontando para o cadaver, fallou assim:

«Senhores! A' hora em que baixa e se some o astro do dia, extingue-se e cahe n'uma sepultura, o meteoro, cuja luz admiramos: luz esplendida, luz amiga, sobre cuja peripheria não sei se alguma vez um disco de sombra perpassou; porque me não applico a observar manchas, pontos opacos nas espheras, que alumiam o universo; o que detem os meus olhos é a luz; só a luz os attrahe.

«A'manhã reapparecerá brilhante no oriente o luminar divino: Vieira de Castro, vivacissima luz dos mundos do pensamento, essa está para sempre extincta!...

«Resplendeu na Europa, scintillou na America, appareceu na Africa... e apagou-se aqui!

«Arvore frondosa do Sinay da palavra democratica, que levantou, possante, gigantesca, os seus ramos sobre as mais altas da prophetica montanha — *cahiu!*

«Do solo em que nascera, a tempestade arrancou-a pelas raizes; — aqui a trouxe o vento; está aqui; — jaz morta!

«Teve a sua estação de flôres; perfumaram-na todas as ovações, todas as victorias da arena das letras, todos os calorosos e phreneticos applausos; floriram nos seus braços as alegrias da vida.

«Depois... horrorosas decepções, desgraças tremendas foram os fructos amargos que pesaram nos seus ramos e a vergaram toda!

«Longe da patria colhera o peregrino talento n'um mesmo dia a corôa, que o votava á gloria, e a corôa que o sagrava ao martyrio.

«E a arvore que sobre tantos estendera protectora sombra, não encontrou quem a amparasse, quando o vendaval da adversidade veio açoutal-a e feril-a; a quebrou e despedaçou.

«Abraçaram-se, senhores, n'aquelle cadaver, quando animado e com elle á sepultura descem abraçados, a gloria e o infortunio.

«E' aquillo a riqueza, a sciencia, o talento, o poderio, a gloria! — E' aquillo: é Vieira de Castro!

«São aquelles labios, — leito, por onde corriam, fervendo, tumultuando, arrebatando, caudalosas as ondas da eloquencia, — frios e cerrados agora, e para sempre emmudecidos: são aquelles braços, que o halito do anjo da morte gelou, cruzados, hirtos sobre o peito, apertando immoveis um coração parado: são aquellas mãos, brandindo hontem na tribuna e no comicio o gesto dominador, na guarda de todos os direitos, na resistencia de todas as tyrannias, na protecção a todos os fracos, na defesa de todos os opprimidos: — aquellas mãos traçando *no livro, no* pamphleto, no periodico, a derrota do

futuro,— postas agora supplicantes para o céo, onde a sua alma pela porta por onde todos entram, pela porta dos perdões entrou.

«Pois, senhores, áquelle — a quem sorriam todas as seducções da vida, a quem tambem todas as excruciações torturaram, demos-lhe n'esta hora todas as commiserações.

«Abre a terra o seu seio para receber o involucro terreno de Vieira de Castro: é a pá do coveiro, só ella — a final, — quem dá com uma camada de arêa, que para cima d'elle atira, tecto tranquillo áquelle corpo!

«Vieira de Castro!

«Livro de grandes lições, vae o armario da morte guardar-te! Vieira de Castro!

«Descança — que era tempo — da tua incomportavel lucta!

«No nosso espirito viverá o teu pela memoria e pela admiração! O teu coração palpitará no nosso pela consternação e pela saudade!

«Os teus amigos, que aqui estão, dizem-te solluçantes o extremo — adeus! Vieira de Castro!

«Recebe-lh'o no seio da gloria pura, da eterna felicidade, no seio de Deus.»

*

* *

Sublime!

O apaixonado coração, que assim orvalhára de lagrimas o cadaver de Vieira de Castro, havia-lhe dado, em dia de seus annos, duas *preciosas jarras* do Japão.

Estas jarras, cheias de flôres, estiveram tres dias sobre a sepultura do seu dono, que as havia presado com amor de agradecido e amor da immensa belleza d'ellas.

Depois, retiradas de sobre a campa, vieram para Portugal, compradas no espolio do morto pelo snr. Pereira Coutinho, que m'as deu. Ainda traziam no bojo flôres seccas, e entre estas dous formosos insectos, que lá haviam entrado por entre as rosas e lá morreram e hoje se conservam com o lustro e frescôr da vida.

Quando os colhi d'entre as flôres murchas, com a mão tremente de supersticiosa commoção, vi que alguem que muito devia ao generoso espirito de Vieira de Castro, uma senhora a quem o consolador de infelizes dera lagrimas nos dias em que ella tinha a virtuosa coragem de as não pedir a alguem — se recordava d'uma *promessa*, cujo cumprimento se lhe afigurava enviado de além-tumulo. Debaixo d'essa impressão, sahiram da alma, retranzida de saudades e de gratidão immorredoura, estas linhas:

A PROMESSA

Era por noite de agosto, ardente e balsamica. O astro luminoso pompeava no occidente todo o seu explendido manto, e o rosmaninho e as plantas agrestes exhalavam o aroma acre das campinas em flôr. Estavamos em pleno Minho: alli onde as rique-

zas da vegetação crescem e se reproduzem como que espontaneas, bafejadas pelo sopro bemdito do Senhor.

Era noite de festa. Na pequena aldeia de*** ouviam-se os cantos festivos; e a voz das aldeãs competia com as rabecas e os clarinetes.

Passava-se isto em uma casa de campo. As seis janellas da frontaria jorravam luz, e a porta da entrada por onde se subia por larga escadaria de pedra, estava afestoada de rosas e hortensias.

Confundido com o grupo dos cantores e festeiros que enchiam o largo terreiro da casa hospedeira que me agasalhava, assisti invisivel á scena que vou descrever.

Seriam dez horas. Ao umbral da porta, vindo das salas, apontou uma dama e um cavalheiro. Pararam um pouco, e depois de relancearem a vista melancolica sobre aquelle ruidoso tumultuar, ella sentou-se n'uma cadeirinha baixa de encosto que estava no patim, elle recostou-se ao lado, no rebordo do ferro da varanda.

— Que formosa noite! — murmurou elle.

— Formosura que faz vibrar os nervos, e contristar as almas magoadas.

— E' verdade: mas como isto é bello! Que saudades hei de ter d'estes momentos!

— Saudades? ai! — volveu a senhora — quem sabe se as alegrias que o esperam não riscarão até da sua memoria a lembrança de dous corações que aqui ficam a choral-o... Mas — continuou depois d'um momento — choral-o, porque? Lamenta-se acaso a aguia quando, fendendo os espaços, se libra a outros hemispherios, audaz e poderosa pela *sua força? Não*: seguimol-a até a perder de vista e

ficam-nos gravados na memoria os rasgos admiraveis das suas azas. Assim, aqui ficaremos esperando o echo das suas glorias!

— Esquecêl-os, meus queridos amigos! Oh! felizmente sahimos dos salões. Cobre-nos a abobada celeste. Creia-me — exclamou alteando a voz — só levo saudades d'este cantinho de Portugal.

— Hoje, póde ser... As suas impressões são vivas, mas pouco duradouras. De mais, sabe muito bem que sou visionaria. Visionaria como todas as creaturas a quem a geada do infortunio queimou os rebentões da esperança. Imaginei que não o tornava a vêr aqui.

— O que?! Prevê a minha morte?

— Ao contrario: o seu caminho não me negreja; a estrada que segue é a dos triumphadores. E' por isso mesmo que a descrença me trabalha o animo.

— Que injustiça! Poderei eu, vivendo d'aqui a cem annos, olvidal-a, minha santa amiga? Deixar de pensar em si e no homem por quem sinto uma especie de culto que chega á adoração?

— Obrigada: por elle, e por mim. Obrigada. Espero então que estas flôres já murchas — e apontou para as grinaldas que enramavam a escada — refloresçam um dia, festejando a sua vinda.

— Não espere; conte commigo. Será esta a primeira casa onde hei de descançar na minha volta á patria; a menos que por lá não deixe o corpo, á sombra dos cajueiros e das mangavas... E, se ficar, através do oceano, mesmo depois de morto, hei de dar o ultimo adeus ás duas creaturas que mais amo e respeito no mundo. Juro lhe isto, por aquella estrella que me ha de alumiar as insomnias, e as horas meditativas de bordo.

— Oxalá que sejam todas risonhas como o amanhecer d'um bello dia... Tambem eu hei de pedir áquella estrella noticias suas. Fallar-lhe-hei de si, meu querido irmão; contar-lhe-hei os meus dissabores, procurando nos echos longinquos das florestas, o murmurio da sua voz.

A chegada de varias pessoas interrompeu-os.

D'ahi a momentos este homem beijava a mão da senhora com quem tivera o colloquio precedente, e abraçava soluçante aquelle a quem no seu enthusiastico affecto dava o nome de irmão.

Partiu. Volvidos poucos mezes voltou a Portugal; mas, como ella bem prophetisára, as brizas da terra de Santa Cruz abafaram as reminiscencias do passado. Na aldeia de... as florinhas não mais floresceram para festejar a vinda do ingrato, mas as almas que alli viviam regosijavam-se, sentiam o dôce prazer de o crêr venturoso. Um dia em que se encontraram, e elle parecia constrangido, ella, que o prezava sempre como um companheiro e consolador nos dias afflictivos, estendeu-lhe serenamente a mão, dizendo: Fez bem; o infortunio repelle.

De caminho já para as nossas praias, escrevia elle aos solitarios do Minho: «Sou feliz, meus amigos! Sou feliz, meus queridos irmãos! Tão feliz que não acho expressões que possa pintar-vos o cumulo da minha felicidade. A ventura chega a embrutecer! Achei um anjo!...»

Este anjo devia mais tarde abeiral-o do abysmo e mergulhal-o no sepulchro... E morreu: lá ao longe, sósinho, triste, desalentado, e sem mão piedosa que lhe cerrasse as palpebras doridas das lagrimas. Lá jaz o corpo, debaixo dos cajueiros e *das mangavas!...*

Um anno depois, alguem que sabia quanto as memorias do infeliz eram apreciadas pelas duas almas que, vencendo o antagonismo publico, se pozeram ao seu lado nos dias da prova e tribulação, trouxe-lhes d'além-mar umas jarras grandes do Japão que tinham pertencido ao desditoso, e adornado a sua sepultura em dia de finados.

Depois de desencaixotadas, receberam-nas os dous com o pranto pungitivo d'uma sincera angustia. De repente soltaram um grito olhando-se com religioso terror. Dentro d'uma das jarras estavam juntos dous insectos grandes: um todo bronzeado e formosissimo; o outro verde esmeralda, e que tem o nome de *Louva-a-Deus*.

Então, ella, cahiu de joelhos, pôz as mãos, e bradou com a voz. tremula de commoção: Cumpriste a promessa! Não nos esqueceste nem mesmo das portas da eternidade. Aqui está o adeus promettido ás duas almas que mais te quizeram e amaram na terra.

Este homem que morreu moço, e era fadado a altos destinos, chamou-se no mundo José Cardoso Vieira de Castro.

Os dous amigos, que elle deixou ligados á sua memoria, fieis áquellas cinzas adoradas, continuam a amal-o pelo espirito, commungando com a sua alma.

CARTAS

DE

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

ESCRIPTAS

NO CARCERE E NO DEGREDO

CARTAS

Meu querido Camillo.

Eu tenho querido todos os dias beijar-te a mão que tem espremido balsamos celestiaes sobre as minhas dores. Leio sempre as tuas cartas. Quem te disse o que eu não disse a ninguem? Como adivinhou o teu coração que eu não tive nunca uma hora de felicidade? A tua ultima carta é um enorme thesouro que tu me déste. Adivinhas-me inteiro, e julgas bem os homens, de que eu não posso queixar-me desde que me esmagou o pé que eu trouxe trez annos nos labios.

Esta desgraça trouxe-me grandes males. Sinto-me a cahir de todo em crenças de religião para o que ha de mais estupido: o fatalismo. Vou-te dizendo isto, porque eu espero ouvir-te para tomar uma decisão. Pensei em ordenar-me. Comecei a pensar n'isto para me defender contra a loucura que ás vezes queria saltar por sobre as tuas cartas.

Hoje penso que Deus, se Elle assiste a isto, segurou na minha consciencia a força do meu direito.

Mas eu queria ter a fé immensa para amparado n'ella poder servir ainda a almas infelizes a grande desventura da minha. Meu querido amigo, pensa um conselho para este meu pobre coração que se te abre em tamanha angustia, e que deu as suas primeiras lagrimas nobres aos abalos profundos do destino.

Adeus. Eu beijo as mãos da snr.ª D. Anna, minha santa e generosa amiga.

Abraço-te do coração.

Teu

Vieira de Castro.

Meu mui querido Camillo.

Li com intervallos a tua carta. Não me cabia nos pulmões a angustia suavissima que ella me trazia. Li-a respirando alto. E interrompi-me uma vez com medo de uma vertigem. Ai, meu querido amigo, se podesse ter-te aqui ao meu lado n'este momento, abraçava-me febrilmente ao teu peito, e punha no teu hombro estas lagrimas que me obrigam tambem a interromper esta escripta. Sem o saber, começo esta por satisfazer a tua ultima vontade. Aqui me tens a chorar.

Beijo o primeiro periodo da tua carta. Completamente me avalias.

A ti só digo uma cousa que ninguem sabe, e de qne ninguem me desvia. No tribunal direi só: «Matei aquella senhora. Matei-a n'uma grande catastrophe, quando era preciso atravessar uma onda com o cadaver d'ella, ou com o meu. Amava-a, e por

isso na repartição da desgraça dei-lhe o quinhão menor: a morte, que é um instante; e reservei para mim a dôr que é eternidade, como disse Gresset. A demencia d'essa catastrophe e d'essa onda, não dou á sociedade o direito de m'a pedir. O seu tumulo e a sua memoria são inviolaveis, e pertencem-me. O orgulho do meu crime é o orgulho do meu silencio. Quando eu disse no primeiro dia que tinha matado por causa de adulterio, estava allucinado. Sou um homicida que espera tranquillamente a sua condemnação.» Ahi tens, meu filho, o que direi. Agora a ti o mais que direi só é uma cousa: que eu era o noivo de tres annos mais desfeito em carinhos, e o marido mais digno pelo conselho e pelo exemplo.

Adivinhaste bem que não podia dizer mais nada. Olha que tu não pódes dizer a ninguem as minhas tenções no tribunal. N'isso só ólho para a eternidade, se a ha. Quando a matei, ajoelhei ao lado do leito, orei por ella, beijei-lhe muito a mão direita, ensopei-lh'a de lagrimas, e disse a Deus que eu por mim lhe perdoava. Seria incompleto esse perdão se me não pozesse agora entre o seu tumulo e a sociedade. E' o que cumpro.

Vi por entre as minhas lagrimas o plano do teu livro. Ensina-me tu as palavras com que te diga esta gratidão da minha alma. Meu querido Camillo, que destino é este nosso?

E os teus sonhos? E a recordação dos meus almoços com essa querida metade das nossas mais doridas melancolias? Eu não posso lêr nem recordar isto sem suffocar.

Adeus, meu querido Camillo.

De noite encosto-me ás grades, e peço a Deus

que alumie com as suas estrellas os meus queridos hospedes de Seide. Conta-me, se tiveres melhor saude, e lembrem-se sempre do amigo de ha quatro annos que queria poder ahi procurar no terraço as lagrimas que lá deixou uma noite, a ultima do nosso passado.

Pede a Deus a felicidade de vossos filhos o

velho amigo do coração

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Abri a tua carta de hoje com a chicara do meu almoço diante de mim. Pois primeiro a servi a ella das minhas lagrimas!

Não sei como te pague tanto, meu singular amigo e mestre! Se fosse na minha mocidade, que orgulhos se me não alevantariam d'estes teus sublimes confortos! Mas eu sei e sinto que me não ficaram dentro de mim as cinzas de orgulho nenhum. Agora só a minha alma se eleva, e a minha razão se affirma e segura nas raizes com que tu a prendes no fundo da cova immensa e generosa do teu immenso peito! Eu te agradeço como se tu me désses a luz interior.

Ninguem me desconvenceria hoje de que tu entendes melhor a minha alma do que eu proprio. Vejo-me melhor, e mais verdadeiro, e mais serenamente n'esta exacta photographia das tuas pinturas, do que o meu espirito, atordoado pelas dôres do coração, me vê a mim proprio. Tu, que já estiveste

preso, imagina o que eu terei soffrido; mas acrescenta ao meu martyrio esta dôr de recordar em cada echo e em cada luz uma lembrança pungente do passado! Depois mal posso lêr. Os livros serios conservam-me horas pasmado nas suas paginas seccas e estereis. Os livros dos desgraçados acordam-me o coração para m'o estalarem. O Altmeyer parece-me fulminado de raio ao pé das tuas santas promessas e esperanças. Tomei o outro dia um dos volumes do Byron, pensando que poderia com elle. Comecei a relêr na primeira pagina o Manfredo, e dilatava-se-me o coração ao pedido d'aquelle grande desventurado que queria... o *esquecimento*; mas depois as imprecações dos espiritos evocados fizeram-me terror; salto todas as paginas e procurei aturdir a minha feroz imaginação com a leitura do que se lhe seguia. Era o Marino Faliero! Imagina se eu poderia passar da terceira pagina. Que infernos ignorados deve saborear em nós o Satanaz invisivel dos encarcerados!

Eu deixar-me-hei levar da tua mão e do teu conselho, meu querido Camillo.

Espero o teu livro como o céo do exilio para a minha alma.

Só peço a Deus que me reserve no mais puro do meu coração lagrimas dignas d'elle. Se tu quizeres que te empreste as tuas cartas, mando-t'as, porque ha n'ellas umas santas palavras que eu quereria na minha sepultura.

Adeus. Beija por mim os teus filhos.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Na tua contristadora carta dizes: *Tenho eu a vaidade de crêr que coopero em tua alma para que te desças d'essa opinião.* Mais do que isso. Se a minha alma entender que lhe cumpre descer, serás mais do que cooperante: por ti o farei.

Ha uma confissão n'esta tua carta que me conturba e fulmina. E' quando me dizes que as minhas desgraças teem posto em perigo a tua razão. A desventura faz-nos idiotas. Eu não sei as palavras da minha gratidão diante de ti. O que sei é o que faria depois da tua desgraça, filha da minha: suicidava-me com uma bala que tenho alli.

Que é isto de me fallarem nos meus inimigos a quem daria gosto a minha condemnação?

Eu não tenho inimigos. Ha homens e mulheres que me detestam e que me odeiam, mas esses homens não tiveram nunca uma nesga do meu coração, nem um serviço do meu braço. Muitos feriu-os o meu insulto, a todos magoou mais ou menos a singularidade do meu destino; detestam-me, é natural. Mas o meu inimigo morreu, e se ha uma outra vida além d'esta elle estará assistindo agora aos supplicios que me deixou. Esse é que foi o meu inimigo, porque lhe trouxe tres annos os pés sobre o meu peito e sobre os meus labios, porque o trazia ao collo a correr pelas salas, porque o levava sempre pela minha mão á mesa das nossas refeições, porque ainda oito dias antes de morrer o levava eu para a ponte d'Algés dando-lhe beijos pelo caminho e ameigando-a como a noiva, e esse inimigo queimou-me innocente e puro como eu sinto que era e

fui sempre para elle! Se querem que não dê gosto aos meus inimigos, queiram tambem a minha condemnação. Quanto mais infeliz eu fôr menos tranquillo poderá sobreviver no outro mundo o inimigo que me matou.

Eu não penso nos meus inimigos da terra. Quem não tem direito de me offender e de me querer mal?

Que direito tenho eu de me queixar de qualquer, se todas ås minhas virtudes, todos os meus afagos, todos roubei a todos por amor d'um que m'os pisou e atirou com elles? Não te afflijas. Se eu fosse enormemente desgraçado, com tamanha luz que tenho na consciencia, começava a crêr que ou Deus não existia, ou presidia á minha sorte. Estes grandes brios da desgraça aprendi-os com bom mestre. Vê se te recordas em que outro carcere se me entalharam na alma estas lições.

Dizem que veio muito dinheiro do Rio para o meu accusador. Deus é bom! Se me dissessem que a mãi d'ella endoudecêra ou morrêra, Deus sabe o que me succederia. Sorrio para Deus. A quem aquelle dinheiro póde fazer mal é ao meu inimigo; a mim não.

Adeus. Beijo-te nas candidas e socegadas physionomias dos teus filhinhos.

Teu

Vieira de Castro.

Meu filho.

Não sei se te cega a adoração por mim. E' certo porém que eu defenderia o meu crime por modo estranho a todo o mundo, mas tambem sei que este paiz não dava jurados á minha palavra, e que, afóra tu, ninguem quereria ser meu cliente.

O meu crime defende-se pelos dous motivos que o inspiraram: o amor apunhalado em mim, e o respeito ultimo por mim prestado á mão homicida d'esse amor. Esta é que é a base! Em mim; porque em mim esta é que é a verdade! Eu defenderia o marido que matasse, se esse marido tivesse morto: por ter amado; e por haver salvado o unico respeito compativel com a memoria da metade do seu nome!

Esta a base da defeza.

Agora, como provar?

Com a premeditação.

A premeditação é a eloquencia, é a dignidade, é a santificação d'estes crimes!

Do marido que mata allucinado não sei o que pensou nem o que sentiu. Do que premeditou, sei que pensou em deixar puro aquelle respeito, e sei que sentiu as torturas d'aquelle amor incendiado com que lhe fizeram chamma, no coração!

Espero, agora mais que nunca, com o maior alvoroço o teu opusculo. Eu imagino o que será!

Tenho duas cartas tuas.

Mando-te um folhetim do Vidal. (Nota 2.ª). Mesmo assim é dos que teem mais abertamente defen*dido* esta causa. Que época! Ainda nenhum rapaz *defendeu isto!*

Adeus, meu filho. Eu lembro-me com muito amor das tuas crianças. Beija-as por mim. Os meus respeitos e affectos á mãi. Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido.

Esteve hontem commigo o Julio. Prometti-lhe perguntar-te se lêste o folhetim que elle publicou ha dous mezes a meu respeito. Se o não lêste, mando-t'o. (Nota 3.ª).

Eu devo muita gratidão a este rapaz. Raro me visitava d'antes, e poz o seu peito por mim n'esta grande desgraça. Quem primeiro lh'o varou foi algum dos meus amigos intimos aterrando-o com a imprudencia de ter offendido, com o orvalho de lagrimas que me dera, o ferro em braza dos odios que me devem os outros.

Eu estou frio e indifferente. Ha uma cousa que se me não desencrava do cerebro. Já t'a disse. Quando penso no extremo com que beijava a mão que me matou, sinto-me sem direitos para condemnar nenhuma outra.

Sinto-me completamente frio e indifferente para tudo o que é d'esta sociedade de veneno e lama. Por tal modo me sinto que nem desprezo lhes posso dar. Quando me fallam d'um miseravel, quasi que o lastimo como a um que nasceu aleijado, ou a outro que era são e se damnou. Isto é uma felicidade, porque é a independencia da razão e do braço nos *dias que Deus* me destinar.

Adeus, meu querido Camillo. Hoje não tive carta tua. Como estás? Eu escrevi-te hontem.

Os meus respeitos e saudades á nossa boa amiga, e beijos aos pequerruchos.

Abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido.

Escrevo-te á pressa, mas não quero deixar de fazel-o hoje para que esta te encontre ainda em Seide, e se não extravie. Recebi a carta em que me dizias ir para Villa do Conde.

Eu vou passando. Tenho melancolias profundissimas, e ás vezes desejava morrer sem dôres. Nas minhas leituras pousa-me nas paginas incessantemente a luz triste e desamparada como eu, de muitos dias do passado. Este mal nasceu incuravel. Não podia deixar de ser.

Aqui não vem ninguem. Os raros que raro apparecem penso que se desobrigam forçadamente. Eu tambem já ouço com repugnancia os passos de quem me procura.

A tudo isso faço duas excepções: o dr. Mattos, e o Pereira de Miranda, de quem me fallas hoje. E' uma bella alma, e uma organisação anachronica n'este periodo.

Disseram-me hoje n'uma carta que aqui, e no Rio, se fazia correr o boato de que eu não queria defender-me; que eu não estava seguro da minha *justiça!*

Que humanidade!

Não me dóe tanto a cerração, calculada, ou sincera, do entendimento ao meu justo intuito.

O que me dóe é que não creiam que, se eu tivesse duvidas, eu proprio as expiaria logo confessando-as!

Mais. Quem me dera que podessem convencer-me de que matei uma alma pura!

Eu não teria sido nunca deshonrado, e iria pelo suicidio procurar a offendida!

Chega agora o Reis. Um homem que o visitou disse-lhe que corria lá fóra que eu requerera inventario, e que dava tudo a elle. E d'ahi, perguntei eu, que dizem sobre isso?

Resposta do homem:

«Que está e que fica muito em baixo!»

Deus existe, se não mentem estas minhas dôces alegrias.

Dize á nossa amiga que tomára eu que me dessem o degredo!

O maior mal dos meus inimigos é não terem nada contra a minha coragem! O seu maior bem é estar em mim tudo contra a alegria da minha alma!

Adeus. Abraço-vos.

Teu

Vieira de Castro.

Meu Camillo.

Recebi a tua ultima carta. Espero em Deus que te enganarás mais uma vez com os teus diagnosticos.

Se sentires melhoras, manda-m'o dizer, que me dás alegria.

O escuro da minha alma é pungentissimo. Tenho tido más noites. Porém conservo a razão e a saude. Assusta-me ás vezes a idéa de andar expropriando com essas riquezas algum maior desgraçado.

Adeus. Lembra-me muito a essas meigas crianças.

Teu

Vieira de. Castro.

Meu querido amigo.

Tenho commigo a tua ultima carta. São as tuas palavras firmes e convencidas que me tiram por vezes d'esta atonia em que me sinto, paralysação de todas as faculdades e sensações.

Não me falles da tua saude. Isso, e a maior energia da tua letra, animam-me a suppôr que vaes melhor.

Entra o Santos Nazareth, moço de grandes qualidades e aptidões, que em Lisboa conhecerás um dia. Abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Escrevo-te em grande agitação nervosa. Quero agradecer-te as tuas cartas de hoje, e pedir-te que

me informes do teu estado ao passo que fores melhorando, como espero, e como ardentemente desejo no fundo do meu coração e da minha alma.

A tua carta das Caldas corta-me o coração. Eu só sei o que te devo, e por isso me dilacera o teu mal-estar.

Nas tuas cartas está já enthesourado o unico brazão e fortuna que hei de dar aos meus sobrinhos. Verão por ellas, quando forem homens, as dôres que me pungiram, e os confortos que me salvaram.

Adeus. Se eu podesse saber todos os dias de ti!

Ábraço-te todo no meu peito.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

O Gresset citava-t'o eu porque de certo conhecias a phrase que fôra dita por elle, mas que é de todos os desgraçados que antes e depois d'elle tiveram de a entender.

Para o dia do julgamento já estava riscado.

Affige-me pensar que tenho pesado nas dôres do teu bello coração, e fujo agora de provocar as tuas lagrimas com as minhas sensações da tua ultima carta. Atormenta-me pensar nas enfermidades que te torturam, e consola-me com as tuas melhoras quando as tiveres. Peço á nossa querida amiga que me escreva por ti sempre que te possa custar isso.

Fizeste bem, ou antes não fizeste mal em dizer

que eu não tenho remorsos nenhuns. Sou completamente frio a todo o conceito que possam fazer de mim á excepção da mãi d'aquella senhora, mas a verdade é que eu não sobrevivia ao primeiro rebate de arrependimento. Quem póde fazer o que eu fiz não póde arrepender-se.

Tentarei fazer-te a vontade. Quero traduzir o livro do Rapet, *Manuel de morale et economie politique*, que teve o premio de 10:000 fr. da academia das sciencias de Paris. Supponho-o um dos livros mais uteis d'este seculo. E' a sciencia e a moral romantisadas n'um conto amenissimo e santo. Em mim fez-me a impressão de um Evangelho. Se eu o traduzisse, era para o dar de graça ás classes pobres, se o governo ou alguem quizesse publical-o. Veremos. A minha desgraça faz-me vêr uma ironia pungente em qualquer tenção do meu espirito ulterior a ella.

Adeus. Tenho-te commigo. Se passares melhor, digam-me. Lembrem-se sempre de mim. Beijo os vossos filhinhos.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Tenho mais duas cartas tuas, consoladoras como todas as outras.

Tenho tido todos os dias ultimamente razão de amargura. Hoje mando ao Antonio um jornal dos Arcos, em que me insultam, e lhe digo te remetta. O C. Lobo, que m'o mandou, diz que é de padres. *Parece.*

Eu vou na mesma. Lembro-me muito do Ermo, penso n'elle, e de certo para alli irei logo, se me derem a liberdade, que não peço, e que tão pesada me será como a prisão. O Ermo chama-me por muitos motivos. D'alli trouxe todo o coração e intelligencia que dei ao mundo. Alli o tenho quasi de todo isento de memorias esmagadoras. *Quasi*, porque lá passei ainda umas vinte e quatro horas no fim de 67. Isto faz-me profunda angustia. Tenciono porém dormir nas primeiras noites em casa d'aquelle santo abbade, se não podér logo habituar-me cá em baixo.

Não posso demorar-me em Lisboa ou no Porto. Não poderei pois estar comvosco aqui. Facilmente comprehendes a razão d'esta impossibilidade. E é só uma: o nojo invencivel d'esta sociedade, e o desejo de salvar puros os meus brios, a minha consciencia, e as minhas melancolias, na solidão povoada das arvores que meu pai plantou para esta pouca de sombra que me é precisa e que me basta. Tenho uns poucos de livros bons. Sei, e tem-m'o dito Deus em todas estas longas noites, que serei alli tão feliz quanto posso sêl-o.

Quando se fizerem lá mais negras as minhas nuvens, confortar-me-hei antegostando a delicia das ferias que tu me darás em Seide, e alli tambem. N'isto penso com suavissimo contentamento.

Digo-te isto para vêres que tinhas e não tinhas razão n'um ponto da tua ultima carta.

Adeus.

Abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu Camillo.

Estava hoje para escrever-te, e para Seide á nossa querida amiga, assustado e triste do teu silencio.

Deus te dê as melhoras todas!

Quero socegar-te a meu respeito. Penso que já te disse n'uma carta que os meus grandes medos eram que minha sogra endoudecesse.

Não sendo assim, quaesquer que sejam os odios desencadeados contra mim, esses odios dão-me força e não provocam outros. Que mãi se ha de pôr do lado do homem que lhe matou uma filha, seja qual fôr a razão d'esse homem? Eu mesmo não veria a mãi por detraz da heroina, se esta podesse existir.

Se eu pensasse na justiça dos homens, poderia vêr o começo d'ella na recusa de todos os advogados honestos ao procurador d'aquella boa senhora.

Em fim o que eu sinto é que devo ter força para esmagar as consequencias torpes do meu infortunio; e, se Deus me dér vida, espero que me não faltarão tambem nem a consciencia nem a razão.

Já hoje encommendei o livro de Proudhon, que não havia em livreiro algum.

E' justissima a tua veneração por esse espirito.

Eu tenho lido o Altmeyer, por pensar que a philosophia da historia me insulasse de mim proprio. Encontro n'elle um vasio immenso, e condensam-se mais as minhas duvidas na sua debil exposição.

Mandei hoje buscar quatro livros teus que me eram desconhecidos. Passo as noites com elles.

Tu recebeste a minha ultima carta que mandei *para* Seide?

E a nossa querida amiga recebeu a minha resposta á sua ultima carta?

Quando quer a snr.ª D. Anna ir ao Ermo? Já? Com que alvoroço me vem essa noticia! Tu dirás se alguma cousa resolverem n'esse sentido, porque eu quero preparar com alguma ordem aquellas solidões para recebel-os.

Beijo-lhe as mãos á minha querida amiga, e abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Das Caldas recebi, com a de hoje, quatro cartas tuas. Na ultima davas-me notaveis melhoras, e na penultima aconselhavas-me o livro de Proudhon. Não recebi carta alguma de Seide com retrato. Supponho pois comtigo que me teem subtrahido cartas além d'essa. Custa-me perdoar esse infame roubo, porque o é da muita paz que me deixa á minha alma a tua escripta.

O retrato muitas vezes o tenho desejado, e passo momentos todos os dias a contemplar-te n'outro que tem aqui na cadêa um moço infeliz chamado Reis, que te conhece e se accusa de não ter seguido os bons conselhos que em tempo lhe déste. (Nota 4.ª). Eu tenciono um dia tirar um exemplar impresso d'estas tuas cartas para dar n'ellas a meus sobrinhos o brazão das minhas penas e das minhas consolações. E' tambem um roubo a elles o que

commettem os miseraveis violadores da nossa correspondencia.

Fazem-me profunda angustia os teus padecimentos. Tenho porém mais esperanças do que tu, e peço a Deus que sejam tambem os sustos da tua imaginação, e o cansaço da tua justa impaciencia, que te escurecem mais o teu estado.

Quando te affligir escrever-me, já pedi á nossa querida e boa amiga que o fizesse por ti. Eu não posse hoje pensar em que tu me faltasses no mundo. Foi preciso esse receio para eu sentir que havia ainda na terra uma sensibilidade que me prendia fóra da minha familia. Sem ti na minha existencia, apavorar-me-hia o vacuo immenso dos meus olhos e da minha alma. Eu espero que terás saude, meu adoravel amigo.

Os teus filhos! A esses darei eu sempre tudo, o meu tudo que será? menos aquillo que possa magoal-os, o contagio da minha desgraça. Ainda os verêmos crescer. Como com elles crescerão talvez as nossas agonias, é possivel que a vida nos não fuja.

Eu amo-te e venero-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu Camillo.

Tenho commigo o teu retrato, que todos os dias verei.

Agradeço t'o immensamente.

Sorri da tua innocente phantasia ácerca dos ho-

mens do jantar. Mais me vale o teu sonho, do que valeria a vontade real da maior parte d'elles.

Não tenho mais tempo hoje.

Abraço-te, e sou sempre

o teu velho

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

E' a primeira vez que escrevo de noite. E' que eu nunca me senti tão feliz depois que entrei na cadêa.

Eu te conto. No dia em que me entreguei á policia disse para o Antonio, ao deixar a minha casa: «Não quero mais vêr o minimo dos objectos que ficam aqui. Todas as joias e vestidos da senhora que morreu, cerra tudo e manda para o Rio de Janeiro.» Ao cabo de 10 dias elle fez leilão da mobilia, e foi a juizo assignar declaração competente. Resolveu não mandar as joias, porque eu tinha dividas de réis 2:500$000 contrahidas em 1868 depois da eleição da Maia, quando viemos para Lisboa com trens e cavallos. Mandar as joias era fraudar os meus credores, que não tinham outra garantia. As dividas eram do casal, e não tinham servido para comprar um papel, nem um palmo de terra. Fez bem, e n'esse ponto resolvi eu o seguinte. Feito o inventario de que mandei separar duas partes, a do Rio entrega-se inteira; da minha pagam-se as dividas de ambos, e o resto, se o houver, é para asylos. Vem a ponto dizer-te que foi logo ordem para o

Rio para desistir dos meus direitos á metade da legitima paterna da fallecida, no inventario que alli corre, e ordem de entregar as prestações do montepio recebidas pelo meu procurador desde a morte de meu bom sogro, as quaes não tinham vindo por causa do cambio. N'este ultimo paquete chegou a noticia do meu bello amigo Albino de Oliveira Guimarães dando-me parte de ter feito a desistencia. (Nota 5.ª).

Ora tudo isto era magnifico, se não encalhasse na minha ignorancia da jurisprudencia, e creio que dos sabios que vivem commigo, e a quem isto era familiar.

Apparece na *Correspondencia de Portugal*, no ultimo numero, insinuação de ladrão contra o meu adoravel Antonio por ter feito o leilão!

Tive um susto atroz quando suppuz que elle podia ser preso; fiquei contentissimo quando ha pouco me disseram que as culpas se podem desviar sobre mim.

Mas soube mais o seguinte: eu era casado por carta de metade; tenho pois de dar ao inventario a minha quinta do Ermo, e dizem até que a corôa offerecida no Brazil, o que te repito a ti por ter graça!

Creio que valerá á pobre choupaninha a sua propria pobreza. Como as pedras preciosas pesarão mais do que ella, com ella ficarei talvez.

E ahi tens porque nunca me senti tão feliz: por um modo, desapressado da angustiosa espectativa de vêr preso este anjo do Antonio; por outro, a gloria immensa de me vêr empurrado para a extrema indigencia pela familia que eu adorei!

Isto é o que me salva! Nunca me senti tão se-

guro de mim, tão certo de que a razão me não fugirá jámais!

Para serem completos os meus sonhos devia o jury condemnar-me. O degredo, e uma banca de advogado em Loanda, seriam a satisfação inteira do meu orgulho, do unico pobre orgulho que eu posso ter, que é o de me mostrar bem assim a *ella*, se por ventura para lá do tumulo se sobrevive!

O Antonio está aqui. Brevemente conto mandar-te publicadas as cartas que elle vai dirigir á imprensa sobre isto, que não podia deixar-se passar em silencio.

Trouxe-me uma noticia do Porto. O Jalles foi interrogar minha mãi sobre calumnias infames que te são conhecidas. Ella respondeu que se podesse estremar algum dos filhos pela obediencia e pela dedicação d'elle, era eu.

Levantou-se elle dizendo que em tal caso *não era preciso fazer auto!* Este só era preciso se eu fosse o infame da maledicencia publica.

Estou livre de ter um cancro na lingua, porque de nenhum modo me estimulam estes scelerados a cuspir-lhes, se os encontrar ainda.

Meu querido, has de estranhar a linguagem d'esta carta: é que eu nunca tive como hoje a certeza de não endoudecer. A pobreza com a maxima honra, e estas elevações que se me levantam, não da cabeça, mas da consciencia, fazem-me tão feliz quanto eu posso sêl-o!

Devia-te a ti, meu querido Camillo, esta primeira expansão do meu primeiro jubilo de encarcerado.

Recebi hoje a tua carta. E' nova reliquia para juntar ás outras que já tenho.

Peço-te que trates bem em Seide as tuas melhoras. Não abuses d'ellas. A tua letra denuncia-me a debilidade da tua vista. Ha dias o final de uma carta destacava salientemente do resto: vinha, como que espreitando, a letra, do mesmo modo que tu certamente espreitarias para escrevel-a. Não trabalhes em quanto não estiveres bom.

Agradece por mim á nossa querida amiga. Paga-me bem o Jorge. Eu tenho o rostosinho d'essa criança pintado na memoria. Estou a vêl-o com a boquinha ligeiramente aberta, e os beicinhos estendidos, a mirar-me muito serio, e tranquillamente.

Continuam as minhas alegrias. Vou eu mesmo requerer o inventario, e dar o meu Ermosinho a elle.

A carta do Antonio penso que te agradará. E' a historia do facto, provocada pela injuria. Resolvi porém pagar eu só as dividas.

Recebi a tua de hoje. Cá vai para o meu cofresinho aonde as tenho todas. Hei de lêl-a primeiro ao Julio, que vem cá hoje comer do meu caldo.

Estou bem. Abraço-te e beijo-te. Beijo os innocentinhos todos, e a mão da mãi.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Tive mais dias de immensa melancolia. Deus queira que não voltem muitas vezes assim! Penso que foram uma reacção áquella tempestade d'odios em que te escrevi a ultima carta. Sinto que será eterna a minha immensa tristeza. Não penso no dia do meu julgamento, nem sei quando será. Por isso te não fallei n'elle. Crê na pureza da verdade com que te digo que peço a Deus ferventemente a minha condemnação. Não me julgues mal; eu te digo porque a quero. No dia em que me absolvessem, fariam de mim uma existencia insanavelmente triste. A minha condemnação seria o pedestal eterno da minha consciencia, a firmeza do meu direito, a serenidade do meu sorriso perante Deus e a immortalidade! Se me absolvessem era Deus que me fugia com o premio das minhas agonias. Depois, eu tenho ás vezes umas visões translucidas que me sorriem das nuvens. Quanto mais eu soffrer aqui, mais sentirá *ella* ao lado de Deus, para onde eu creio que vão todas as almas, e as peccadoras primeiro, que eu não merecia a sua culpa! Se ha alguma mulher que no outro mundo renasça orgulhosa do homem que deixou na terra, essa deve ser a que, depois de ter vivido, veio a morrer ás mãos do seu amor!

Esta visão salvou-me hontem. De mais: porque modo influirá ainda na fatalidade do meu destino a minha absolvição?

Oh! crê, tu: não sabes com que fervores eu peço a Deus a distincção de uma pena injusta, e *com quantos* sorrisos de felicidade eu iria advogar

para pobres n'uma banca de Loanda! Tenho ameigado tanto com esta esperança estas minhas noites eternas que seria quasi selvageria despedaçarem-m'a!

Ainda uma outra confidencia. Eu devo tudo a ti, meu querido amigo. Tu sabes qual é o unico sonho que eu tenho? Eu t'o digo. E' que ainda antes de eu morrer, aquella senhora do Rio seja obrigada pela sua consciencia, e pela voz d'além-tumulo de sua filha morta, a chamar-me, como me chamou sempre por mais de tres annos: *o seu querido filho!* Eu quero, antes de morrer, o amor d'ella cheio de lagrimas, e a amizade de seus irmãos cheia de justiça! Sei que hei de ter tudo; o meu advogado fallará do céo.

Mas para isso o desterro era um bom auxiliar. Faria falta essa luz ao pé das outras que mais tarde ou mais cedo, accesas pela mão invisivel de um anjo que todos nós temos, lhes hão mostrar e alumiar serenamente a historia intima do meu noivado de trinta e oito mezes.

Aqui tens porque peço a Deus que me condemnem. Olha lá, não me julgues mal. Na senhora que eu matei havia duas creaturas. Uma que se perdeu, e me perdeu. Essa, se resuscitasse, morreria de novo. Outra que era todo o meu espirito e toda a minha alma, aonde acordavam todas as minhas virtudes e onde adormeciam todos os meus sonhos. Essa choral-a-hei sempre.

Hontem de noite pensei muito em ti. Queria escutar-te aquella suave persuasão com que tu ha oito ou dez annos me fallavas aqui, a mim e a outros, da necessidade da fé. Uma noite, no Gremio, n'aquella salêta pequena aonde costumava conver-

sar o José Estevão, fallaste diante de muitos. Lembras-te?

A mim hoje bastava-me a fé que me deixasse verdadeiro o meu sonho.

Meu querido Camillo, abraçar-te-hia longamente se te tivesse aqui. Nunca esquecerei o immenso que te devo. As horas de grande coragem mandaste-m'as tu, e marcou-m'as o teu relogio na leitura das tuas cartas.

Treze de setembro! Faz hoje mesmo quatro annos que embarquei para o Rio! Porque não vi eu então na immensa amplitude do mar a medida dos espaços da minha desgraça? Que data, meu querido amigo!

Li ha poucos momentos uma carta em que se allude a uns convites e agradecimentos para uma missa, feitos com insultos contra mim. Dizem-me que foram assignados por quem eu amei e amo tanto como a minha mãi. A minha vingança será sempre a mesma: fechar-lhe unicamente o meu coração para que ella não entre lá a suffocar-me o amor que lhe tenho e terei sempre.

Se ella me chamasse ainda o seu querido filho!...

E' impossivel. Não é?

Toma estas lagrimas do teu desgraçado amigo.

Meu querido Camillo.

O meu principal contentamento são as tuas melhoras. Hontem escrevi-te afflicto.

Na minha carta d'hontem dizia-te que era certo ter vindo a procuração quando te reflectia que nenhum advogado honesto quizera accusar-me. Res-

pondo á tua de hoje. Não dou força a odio estranho. Acho logico o de minha sogra, e agradeço a Deus a força que esse odio me dá, e que a loucura d'ella me tiraria.

Escrevo-te pouco hoje. Annunciaram-me a visita do Jayme, e dir-te-hei o resultado da conferencia, em que eu não sei se a sua defeza poderá combinar com o meu proposito.

Abraço-te, meu querido.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Recebi a tua carta de hoje. Eu tenciono publicar a seu tempo as tuas cartas amantissimas e santas. Então t'o direi de novo.

Dizes-me hoje uma cousa que eu já sentia, mas que estimei ver dita por ti: é que para mim houve uma dôr, e não podem haver mais.

Ha dous dias que me sinto perfeitamente calcinado. Chegaram cartas do Rio asseverando que minha sogra ....

....

Eu sou escravo da logica das minhas idéas e dos meus sentimentos. Essa senhora, cujas censuras feitas por ti eu lia a custo, tinha no meu coração e na minha alma o primeiro lugar. Hoje não tem o ultimo porque não tem nenhum. Era ha um anno viuva de um homem que foi um santo, e tal santo, que Deus consentiu que lhe vilipendiasse a memoria depois de morto quem mais lh'a devera honrar e ve-

nerar! Que mundo, meu Deus! Eu acredito em Deus, se o contemplo nas harmonias sublimes da materia; mas horrorisa-me explical-o se o estudo e o procuro n'estas monstruosidades do mundo moral: ensina-me tu, meu colossal e adoravel Camillo.

Sinto, se tu o sentes, que conspirem contra o drama. Não me espanta. O contrario seria incoherencia com os odios sempre crescentes com que a Providencia dos soberbos de sua desgraça me visita na guerra acerba dos que te não perdôam a tua dedicação. Seja.

Adeus, meu querido Camillo.

Ah! O Jayme disse o outro dia ao Antonio que estava satisfeito por pensar que defenderia triumphantemente todas as paginas da *Biographia*. Elle é tambem, como tu, maior que a sua terra.

Adeus. Sêde bem felizes.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Ahi te mando a carta do Antonio que se não publica, porque o Jayme não quer. Eu obedeço-lhe. Elle quer que vamos saboreando o *gosto* de todas as calumnias para ser mais assombrosa a defeza! No primeiro minuto custou-me; voltou porém breve esta santa indifferença por tudo o que me está fóra da consciencia, e que nem deixa ser favor a minha conformidade.

Esquecia fallar n'essa carta da declaração feita logo em juizo, pelo Antonio, depois do leilão dos moveis.

Resolvi não apresentar as dividas de 2:500$000 réis.

Hoje faço requerimento para inventario dando o Ermo, e tudo, como te disse.

Viu hontem o Julio a tua carta, que o commoveu muito. E' um bello coração, parece-me. Elle falla hoje de ti n'um folhetim da *Revolução*. Creio que a tens?

Como estás?

As minhas saudades vos mando com estes meus novos e serenos contentamentos.

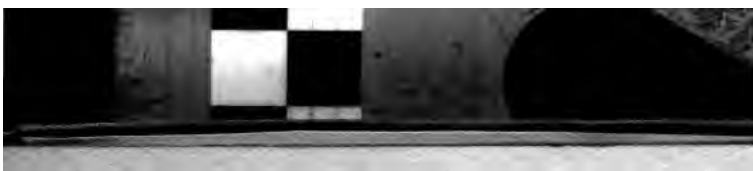
Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido.

Resumo o meu correio de hoje. Deixaram-me pouco tempo para umas poucas de cartas com que eu tencionava passar o dia de hoje.

Tive hontem um dia triste. Amarguraram-me muitas cousas, mas sobre tudo a carta de D. Anna. Anniquilou-me. O escrever-me ella, o que me escrevia, tudo isso me pôz no desalento em que veio encontrar-me o Jayme. As tres horas de conferencia com este tambem me magoaram muito, embora a impressão da tua memoria me affligisse sobre tudo. Disse ao Jayme qual era a minha resolução no tribunal. Aceitou-a. Será pois elle quem me defende, se Deus lhe der a saude que eu vejo precaria em todos os homens do grande talento e coração que vossês teem. Se elle não podesse defender-me, estimaria que não me defendesse ninguem, não podendo tu vestir uma toga. O seu plano de defeza é

o mais alto e sublime, porque é a verdade vista á luz do grande genio, e ao calor de uma alma de tamanho igual.

Sei que isto te contentará muito. Agora perdôa. Quando te dei uma resposta dubia ao teu pedido, fugia de magoar a tua sensibilidade. Eu logo te disse que era impossivel arredar me do meu proposito. Nas individualidades caracterisadas como a minha ha deliberações inabalaveis que é impossivel vencer.

Hoje tenho um dia mais feliz. Respirei quando vi a tua letra no sobrescripto. A tua carta encheu-me de contentamento. Agradeço-a a Deus, se Elle olha para isto, e se elle teve em conta os meus sobresaltos de vinte e quatro horas.

Carta tua que eu não accuse, é porque a não recebi.

Cá espero o teu outro retrato. Eu não tenho aqui nenhum meu, mas tambem não tenho o meu *ultimo retrato*. Os ultimos que tirei são do Rio e de New-York, que deves ter. Consta-me que se vendem retratos meus, mas não sei de que modo arranjados. Repugna mandar buscal-os aos infames que assentaram balcão no meu peito esmagado.

Tenho momentos horriveis, tenho. Mas espero não perder a razão, o que peço a Deus, que sabe que penso serenamente em perder a vida.

Adeus. Abraço-te meu querido amigo pela felicidade santa e augusta que me dá a luz immensa da tua divina inspiração.

Os meus affectos respeitosos á nossa querida amiga.

Beijo os vossos filhos.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Entristeceu-me muito, muito, a tua falta de saude. Não te posso dar mais nada, mas as commoções sinceras da minha alma aceita-as, e crê n'ellas. Morrer deve ser bom. Padecer é que eu acho horrivel acima de tudo.

Eu pago com muita gratidão ao Germano, e tenho dito em Lisboa aos politicos que elle é hoje um dos primeiros talentos para sustentar um partido.

Não me afflige nem me alegra nada do meu julgamento. Estou n'uma sala de tecto muito baixo, e começa a pezar-me horrivelmente a cabeça, depois que o procurador regio de cá deu subitamente ordem para que se me levantasse a permissão de ir renovar de ar respirado n'um patamar de duas janellas, e de entrar n'um pequeno gabinete aonde lia e escrevia. Soffro tudo docilmente quando suspeito que é o dinheiro da senhora do Rio, que me dizem ter chegado em quantidade para me crivar nas publicações dos jornaes, visinhos da audiencia, o que me irrita n'estas perseguições inesperadas, e que o proprio carcereiro d'esta casa me annuncia com os olhos e a voz tremulos de lagrimas.

Não esperava ter a força que sinto. Quando me disseram a mais sanguinolenta das calumnias que me assacavam, senti pelo mundo um despreso profundissimo com que hei de morrer. Agradeço a Deus esta força. Tenho mentalmente agradecido aos infames o pedestal das injurias para que o meu vulto era pequeno.

Queria ser julgado quanto antes, e no meio das

iras de todos. A prisão aniquila-me, illumina-me o desterro; e, se me absolverem, tenho medo de não poder desprezal-os tanto! O que eu queria era que me julgassem.

O advogado contrario offereceu a biographia e os discursos no libello. Dizem-me que deseja provar o meu atheismo. Quem me dera ser elle!

Adeus, meu querido Camillo. Beijo as mãos da nossa boa amiga, e abraço-te e aos vossos filhos.

Teu

José.

«*Meu Camillo.*

A tua carta veio desopprimir-me. Tenho tão poucas cousas com a minha alma, que estava a vêr quando o deus estupido dos desgraçados me mandava bestialmente á cadêa o estampido da tua morte.

Ha tres dias que vivo n'uma tempestade do odios brutaes. Não tem razão de ser especial. E' uma nova chamma do meu inferno. Vivo, porque concorda com os odios o despreso incommensuravel que todos os dias se alimenta no ruido da canalha livre.

Vejo que aproveitas a saude escassa pensando e trabalhando por mim. Deus queira que não commovas ninguem! O que eu quero é a raiva bestial de todos. Nunca pensei que tivesse tamanho sabôr.

O *Diario de Noticias* falla, sempre que póde, em mim para me tratar pelo *preso* fulano de tal...

....

De dentro de uma enxovia é que se conhece bem a lama que está lá fóra!

Adeus. Abraço-vos.

Teu velho

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

A tua carta de hoje alegra-me de todo. Foi bom que se me atormentassem as outras dôres com este susto que me metteste para poder ter agora uma alegria. Hontem ficara eu inquieto com a falta de carta vossa, e aggravou a minha imaginação uma noticia da imprensa sobre o teu estado. Felizmente aquella noticia era naturalmente filha de informações anteriores.

Tenho a agradecer-te uma nova delicadeza. Veio hontem aqui um caixeiro do Campos trazer-me um exemplar da 2.ª edição dos *Brilhantes do brazileiro*, e offerecer-me todos os outros que eu quizesse escolher do catalogo appenso ao livro. Eu mostrei-lhe os livros que ha pouco, na mesma loja d'elle, tinha mandado comprar. Entre estes estavam os *Brilhantes*, mas acceitei a tua fineza ficando com o exemplar da 2.ª edição. Devolvi-lhe a elle o exemplar da 1.ª, por me parecer isso agradavel ao pequeno. Eu tinha comprado ha pouco: *Os brilhantes*, *A mulher fatal*, *As memorias de G. do Amaral*, e *Vinte horas de liteira*. Não tinha lido até hontem os dous primeiros. Quando os livros chegaram, tomaram-me esses dous o Reis e o guarda-livros da cadêa, bom velhote que me ajuda a atravessar as

tardes. Tomei eu o ultimo dos quatro n'uma noite por me dizerem que era um livro alegrissimo do principio ao fim. Ou eu li cousas que lá não estavam, ou quasi todo elle é de uma profundissima melancolia. Muitas d'aquellas historias me affligiram. Dias depois, as *Memorias de G. do Amaral* atormentaram-me igualmente, e resolvi adiar a leitura dos outros. Hontem porém animou-me á leitura dos *Brilhantes* a circumstancia de me serem enviados por ti. Deliciaram-me as cem paginas que li até á meia noite, mas hei de lêr o resto de dia para me não intimidarem nas trevas os angustiosos lances ou tristes conceitos que presumo no curso d'esta historia. Depois, a pagina 80 d'este teu livro deixou-me com medo de encontrar novas e verdadeiras prophecias para mim.

Quem déra cá o fim de setembro, se Deus me não dá esta esperança de os ter cá para m'a levar mais tarde. Eu decerto aqui estou. Já te disse, e repito, que eu não dou um passo para abreviar o meu processo, nem sequer interrogo alguem ácerca d'elle.

Agradeço-te muito a tua amoravel lembrança de pôres á minha disposição os teus *estôfos*. Que ondas nos separam dos tempos d'essa palavra! Eu tenho commigo uma cadeira que já tive em Coimbra e no Ermo, e uma cama de ferro onde dormia um dos meus criados. Não quereria eu que as tuas mobilias viessem fazer fausto a quem teria de pôr todos os dias diante d'ellas a sua toalha e talher de jantar.

Adeus, meu querido amigo. Espero com anciedade a confirmação d'estas boas e confortadoras noticias d'hoje.

Os meus respeitos á nossa querida amiga. Beijo os vossos filhos.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Recebi a tua carta de Braga. Continúo a esperar a ultima hora da tua convalescença. Deus a traga breve!

Eu morro de calor. A atmosphera tem concorrido no adormecimento lethargico das minhas faculdades, o que me dá a serenidade dos moribundos sem dôr, embora o despertar depois para a vida me seja amargo, e tanto mais quão longo foi o intervallo do repouso.

Não trabalho. Leio bastante, e estudo o inglez com um homem que vem aqui tres vezes por semana.

Voltou hontem o pequeno do Campos. Trouxe-me um exemplar da 2.ª edição da *Douda do Candal*. Eu tinha-lhe dito que tencionava mandar buscar este livro quando acabasse a leitura dos outros. Elle teve a bondade de trazer-m'o logo. Disse-me que tu havias dado ordem especial para me trazerem a *Mulher fatal*, mas que brevemente o fariam por quererem dar-me a 2.ª edição. Mostrei então o exemplar que eu mandára comprar, e como fosse da 1.ª edição, o pequeno levou-o, ficando de trazer opportunamente o da 2.ª Este livro só então poderei lêl-o.

Hontem depois do meu jantar sentei-me na minha poltrona do Ermo e de Coimbra, e conclui a

leitura dos *Brilhantes*. As ultimas cem paginas li-as constantemente através das minhas lagrimas. Chorei suavemente, e fez-me bem. Eu acho este livro adoravel. E acho-o tambem um livro optimo por todos os pontos.

Os teus livros tiveram sempre um grande poder na minha organisação psychologica, e agora é que eu o tenho sentido bem, n'este despenho de uma grande desgraça, em que eu recordo a sós commigo os pedestaes creados por ti para a consciencia pura, contra que se levantam infrenes e estupidas a calumnia e a affronta. Eu já mereci a Deus a suprema consolação de me sentir bem e feliz com os aleives dos perversos.

Esta santa superioridade começou a formar-se na minha alma aos 13 annos com a leitura dos teus livros, singularmente influentes em muitas saliencias do meu destino.

Eu te agradeço tudo, meu querido amigo.

Vou mandar esta carta para as Taipas na certeza de que é o mais seguro.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

. . . .

Penso que serei julgado no dia 28.— O *Diario de Noticias* já hoje annunciou que as authoridades brazileiras pediram lugar! Não poupam nada. Ha dinheiro a fartar, e diz-se que . . . .

. . . .

para publicar, como publicou, os libellos da accu-

sação, sendo um d'elles a synthese das principaes torpezas com que me infamam! Foi publicado no dia 18, porque n'esse dia expirava o prazo para apresentar a contestação, sabia-se que o defensor a reservava para a audiencia, como o proprio *Diario* indiscretamente confessava no dia 19, e d'este modo ficavam as torpezas a lavrar até ao dia do julgamento! E' o primeiro caso que se dá na imprensa!

Meu querido amigo, peço a Deus forças para atravessar esta onda. Não me preoccupa a condemnação do meu delicto; apenas desejo, e espero da Providencia, que fiquem de todo esmagadas as calumnias infernaes com que o fizeram horrendo!

N'esses dias pedirei a algumas das tuas cartas a coragem com que ellas me salvaram já.

Abraço-te, meu querido amigo. Peço-te que faças com que os teus filhinhos orem a Deus para que me dê o heroismo sereno de que eu preciso para esta grande provação do meu julgamento. Adeus.

Os meus affectos á snr.ª D. Anna. Parte do meu coração está comvosco.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

As tuas cartas são a minha vingança e o meu desforço, ou antes — que eu sinto sinceramente que o desforçar-se ou vingar-se a gente de tal sociedade é descer ao nivel d'ella — são ellas a consolação, a companhia, o amparo dos meus confortos interiores.

Eu bem sabia para que serviria ao advogado a *Biographia*. Escrevi atrapalhadamente, se te dei a entender cousa contraria ao que me dizes hoje.

E' certo que o juiz marcará dia n'este mez para o julgamento. Suspeito porém que a parte diga a uma das testemunhas que não compareça, não prescinde d'ella, e provocará assim o adiamento para fevereiro. Como infamia espero-a, como perseguição agradeço-a a Deus. Veremos.

Li com satisfação a carta do Germano. Devolvo-t'a. Cooperarei comtigo, sem que elle o saiba, no seu despacho. Sei que elle é concorrente a um logar na Relação do Porto. Pedirei muito ao Pereira de Miranda que o proteja, e mostrarei que é menor a conveniencia do Germano do que a d'elle e a do seu partido.

Continuam a perseguir-me. Fazia-me companhia na enfermaria aonde estou o Pedro dos Reis. Concedêra o carcereiro que elle viesse aqui ficar ás noites. Agora mesmo levanta essa licença, e sei que é por ordem do procurador regio. Faz hoje mesmo seis mezes completos que entrei n'esta casa. Será a proxima noite a primeira que ficarei só. Deus não me foge da razão, espero-o, mas afflige-me isto. Acresce que li hontem na *Correspondencia de Portugal* de 20 de maio o que alli se publicou contra mim. Entre as injurias que já te relatei, e de que se fez echo o advogado, avulta esta: «Suspeita-se que V. de Castro assassinára de combinação com o... [1] que se vai rindo caminho de Paris!»

---

[1] O jornal referido citava o nome de José Maria d'Almeida Garrett.

(Nota do editor).

Chega a ser providencial esta infamia. Se eu quizesse defender-me, querendo esganar ás minhas mãos o miseravel de quem me faz parceiro o ultimo dos negros da imprensa do mundo, a defeza seria essa. Villões! negrissimos villões!

O Jayme caminha para o ideal da minha defeza, segunda me consta. Hontem namorava-o a idéa de não apresentar uma testemunha, de não offerecer um documento. Ouviu o meu coração!

Suspeita-se uma infamissima insidia na apresentação do Moraes Leal e dous villões que são dados com elle, sem se saber para quê, homens da plebe.

Adeus, meu querido Camillo. Beija o teu Jorge por mim.

Abraço-vos.

Teu

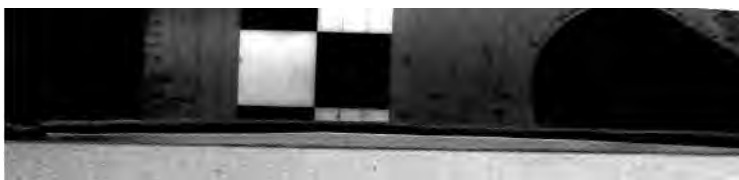
José Cardoso.

Meu Camillo.

Deves ter recebido hoje a carta que hontem te escrevi em resposta á tua ultima.

Vou pedir um grande obsequio á tua boa alma tão solicita a favor d'estranhos.

Peço-te que ponhas o teu nome no memorial incluso, e o mandes ao Alves Matheus acompanhado de uma carta de verdadeiro empenho a favor d'esse padre, que elle já conhece, mas por quem se interessará só depois do teu pedido.

Este padre é o que vem hoje romanceado na carta de Lisboa do *Primeiro de Janeiro.* Tem-me

feito boa companhia, e eu tinha verdadeira vontade de servil-o.

Adeus. E' o dia 28 o destinado para o julgamento. Não sei porém se o adiarão.

Saudades e affectos meus.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido.

Tenho duas cartas tuas. Faz-me bem vêr-me tão altamente applaudido por ti. Nada tenho com o mundo. Não é por isso que me faz bem. Mas dou contas á minha consciencia, e fico sereno, se as boas almas e os grandes espiritos como tu entendem que a minha desgraça teve pelo tumulo respeitos dignos dos extremos que o meu amor dera sempre aos dias da felicidade.

Lê na minha alma. A minha alma é uma cousa immensa. Eu entendo que ficaram no mundo o corpo que penou, e as deliberações frias da alma que trahia. Para o céo passou a parte pura do espirito que Deus haverá recebido. Eu choro essa. Não sei se é virtude, se é fraqueza; sei e sinto que é um luto irreparavel nos dias do meu destino.

O que me vale são as minhas visões. Vejo-a a mirar-me, do céo á vontade com que eu me amortalho para que no decoro do meu infortunio ninguem deixe de vêr que a amei immensamente. Quando a minha dôr me diz sempre, e ao cabo de tudo, que o meu crime era o meu dever, e orgulho unico possivel da memoria d'ella, e o pudor e

a dignidade de ambos, o meu anjo da guarda acrescenta: «e a redempção d'ella das angustias infernaes que a despedaçariam viva, quando sobre o coração lhe despenhasse Deus o peso de sua culpa!»

Ah! isto sobretudo me dá toda a serenidade da minha alma, meu bom e querido consolador.

Quando vieres a Lisboa traze a *Nossa Senhora de Lourdes*, se te lembrar.

Não venhas aqui sem que possas fazel-o. Peço-te encarecidamente isto.

Adeus.

Receberias uma carta minha que levava outra para o Freitas Costa?

Receberei com grande prazer a carta da nossa boa amiga que me promettes.

Lembro-me com muitos affectos, e abraço-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Quem me dera pôr já as minhas lagrimas no teu drama e no teu livro! Com a tua justiça folgo eu de que os outros me insultem.

O *Diario de Noticias* continua hoje a tratar-me pelo mesmo modo por que tratava o João Brandão. Deixal-os, os miseraveis! Magoavam-me, se eu fizesse melhor conceito dos que os lêem.

O libello da parte que me accusa é miseravel. Apresenta cartas minhas á familia do Rio que fazem chorar um perverso. Foram as peores que en-

contraram! N'uma digo que o... foi infame commigo. N'outra, fallando de politica, dizia a meu sogro: que continuavamos a exhibir mau rei, mau parlamento, mau governo e mau povo! As cartas são offerecidas provavelmente para me delatarem. Pois Deus póde presidir a isto que é a vida de barro?

A *Biographia* toma grande parte no libello. Estão marcadas todas as paginas em que fallo da nossa boa amiga.

Dos empenhos principaes do advogado o primeiro é mostrar que sou impio e atheu.

No opusculo *A Republica* está marcada uma nota em que eu digo ter visto em New-York a cadeira do Washington, que é alli venerada como *reliquia*. Isto é uma das provas que tem o homem.

De tudo só me são amargas as calumnias, que o Jayme perguntará no tribunal em nome de quem são ditas.

Dizem que *grande parte* das joias recebidas no Rio são as que eu depositei. Ora não só são todas, mas muitas outras. Eu de mim puz lá os botões da camisa, e o relogio.

Dizem que commetti o crime porque estava arruinado! A minha ruina eram 100 libras por trimestre, uma legitima a receber, essas joias, uma quinta, etc.

Diz o infame que a senhora fallecida me não queria quando casou! Como se o meu crime não fosse pelo meu caracter a resposta triumphante! Se eu fosse um infame como elles, e quizesse pôr a descoberto o tumulo que estará sempre por detraz do meu peito, que enorme confusão em que os poria eu!

O Jayme deve de ser sublime! A minha consolação é saber — sentir que lhe dou na minha verdade todos os elementos do seu immenso triumpho.

Isso é o que importa. A minha liberdade ou o meu desterro, isso é cousa minima, porque eu continuo a não saber qual será melhor.

As testemunhas de accusação que arranjaram contra mim são o Philippe de Carvalho da *Correspondencia de Portugal*, e o Moraes Leal, redactor do *Mosquito*.

Juntaram ao processo uma carta do Antonio, em que elle diz para o Rio que o primeiro é o mais vil canalha que conhece!

O segundo é um para quem eu em Coimbra uma vez apontava á porta de uma loja, perguntando ao dono d'esta se tambem se vendia aquelle traste!

Em fim, será como Deus quizer.

Recebo qualquer melhora tua como um presente opulento. O Jorgesinho viverá. E, se morresse, melhor. Pois tu não sentes dentro de ti a vontade sincera de vêr morrer as criancinhas que sinceramente amas? Eu tremia hoje diante da responsabilidade tremenda de me fazer pai.

As tuas cartas são todas de uma deliciosa estima que profundamente me commove.

Sou gratissimo ao interesse da nossa querida amiga.

Abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

No meio de tudo é santo e consolador ter uma affeição que nos comprehenda, e grande compensação que essa esteja em homem do teu entendimento e da tua alma!

Não sei porque viste tamanho desanimo na minha carta. Sincera e friamente a escrevi. Crê. O que alli se refere á convicção da minha justiça, ao que eu faria se essa convicção não fosse certeza, á impotencia dos meus inimigos, e a tristeza fatal de mim proprio, tudo isso é assim, mas não é menos nem mais do que eu te disse. Não tento illudir-te, nem condenso de mais as nevoas do meu destino. Este tem o seu farol frouxo e triste a chamal-o do Ermo, d'onde me sinto ainda muito distante. Se eu lá chegar, parece-me que não serei dos maiores desgraçados. Aqui tens como eu placidamente penso e calcúlo sem inventar os caminhos do meu porto.

O que me pesa é não me mandares tu para allivio d'esta pesada jornada a boa nova das tuas completas melhoras. Veremos o que sentes em Villa do Conde. Quando d'ahi fôres ao Porto passarás pelos sitios que eu mais não poderei vêr [1].

Teu

José.

Meu querido.

Sinto-me atribulado diante do enxovalho — ahi vai esse.

Todavia quer Deus que eu vá ao de cima da

---

[1] *Allude á quinta* de Moreira.

onda dos odios. Se me passar por cima da cabeça, irá com ella a razão, e isso lhe peço eu que não com as lagrimas mais puras da minha alma.

É certo que serei condemnado, e já particularmente pedi o degredo ao juiz.

Escreve-me todos os dias. Eu não era vulto para tamanho martyrio. Começo a pensar que Deus premeia o meu immenso infortunio. Se não é principio de loucura, Deus alimente em mim esta salvadora visão.

Recebi a tua carta. Adeus.

Teu

José.

Meu filho.

Fizeram-me a vontade. O meu infortunio conquistou uma passagem gratuita para Loanda, aonde quererá Deus que a minha palavra se inspire ao serviço de desgraçados. Ha 24 horas que eu ouvi lêr a minha sentença. Foi então que pela primeira vez ergui a cabeça no tribunal, que a minha consciencia appareceu na minha fronte, e que Deus pôz nas minhas palavras a serenidade do meu animo e a tranquillidade do meu triumpho.

Jayme defendeu-vos como a mim, com o coração e com a alma. E' um monstro este rapaz. Ia-me despedaçando.

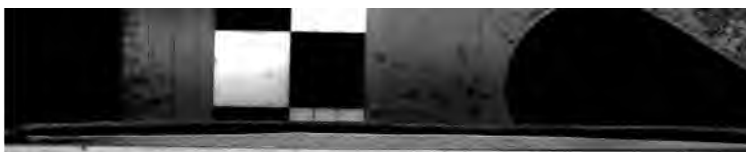
Quando vens a Lisboa?

Eu quero partir quanto antes.

Tenho as tuas cartas.

Adeus. Abraço-vos.

Teu

José.

Meu Camillo.

Recebi a carta da snr.ª D. Anna. Hei de escrever-lhe. Hoje estou em mudança de um lugar para o outro.

Dize-me se recebeste a carta que te escrevi depois da minha condemnação. Devias recebel-a no sabbado ou domingo.

Aceito de Deus as sympathias que a opinião dá ao meu infortunio nas ovações com que recebe o teu drama. Por ora estou sereno. Deus continúa a estar na minha consciencia e na minha razão. Assim me não desampare nunca!

De resto a minha dôr é toda a minha alma, e sei que não sahirei nunca fóra d'ella!

Suspiro por vêr-te ao pé de mim. Estimo a noticia que me dás.

Deus continue as tuas melhoras.

Adeus. Aceitem o meu coração agradecido.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Quando chegou a tua carta no sabbado tinha commigo o Jayme. Este rapaz é colossal. Li-lh'a. Elle estava sentado n'aquella nossa velha voltaire, e ás ultimas palavras tuas cosia-se com ella para comprimir nas paredes do peito o vagalhão das lagrimas que eu lhe ouvia a atropellar-se lá dentro. Tremiam-lhe os labios, e a fronte immensa fez-se-lhe da côr da morte como sempre que aquelle for-

mosissimo coração é tocado por um raio de luz superior, ou por um gemido de santa piedade. Esta alma é um anachronismo n'estes tempos E' immensa.

Uma hora depois pedia-lhe eu pela segunda vez o seu retrato. A' primeira tinha-se ficado a olhar para mim enleado por novas convulsões da sua physionomia, e eu suppuz que era ainda o enternenecimento em que o punha o teu pedido. Não era.

Contou-me a seguinte historia:

Antes de partir da ilha para Portugal, ha annos, pedira-lhe a mãi o retrato. Elle promettera mandar-lh'o d'aqui. Passou muito tempo sem cumprir a promessa. Havia n'elle uma repugnancia invencivel a retratar-se. O seu espirito originalissimo via ahi uma vaidade de que as razões em contrario não logravam desconvencel-o.

Foi para Coimbra. Adoeceu, e o presentimento da morte persuadiu-o a favor da santa pretenção da estremecida senhora, e do justo desejo já então de muitos admiradores e amigos seus. Quando ia a preparar-se para o retratista cahiu de cama. Sentou-se por vezes a morte á sua cabeceira. Quando a elle lhe pareceu que a visita era sincera e de vez, escreveu duas linhas á pobre senhora pedindo-lhe o seu derradeiro perdão e a sua ultima benção.

O retrato não ia.

Poucos dias depois a mãe entrava no céo, á procura d'elle, para lhe perdoar e abençoal-o. Ella morreu, e elle escapou.

Mais tarde volvêra o pae a pedir-lhe o retrato.

«Levou-o minha mãi para o céo!» Resposta d'aquelle espirito angelico.

«Aceitarás tu e o Camillo com um abraço a mi-

nha recusa,» tinha-me elle dito antes d'esta lacrimosa historia.

Eu abracei-o. Tu abraçal-o-has quando vieres.

Deus não fuja nunca da minha alma com estes santos enlevos! Que suavissimo orvalho de lagrimas! Já me fiz da mãi d'elle uma outra companheira no céo, que de lá, como a minha na terra, conta desde hoje um filho a mais!

Se a desgraça é assim, eu peço a Deus, de joelhos e de mãos postas, que me deixe ser sempre desgraçado!

Adeus, santo consolador da minha alma; beijo-te e abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Não demoro um instante em te abraçar.

Se o *condemnado* tiver um dia liberdade, serás tu o primeiro a receber as tristezas que ella me ha de produzir.

Deus te dê a saude. E a mim a virtude de te ser eternamente agradecido!

Abraço-te estreitamente.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Escrevo-te á pressa. Não quero que amanhã falte ahi o meu abraço.[1] Elle vae de mais a mais ao

[1] Escrevia na vespera de Natal.

teu peito e ao da minha boa amiga agradecer estas novas lagrimas que me fizeram as palavras da tua carta de hoje. Deus ha de querer que um dia ainda nos abracemos de mais perto!

Mando agora ao Jayme a tua de hoje.

Tenho as tuas duas ultimas. Conheces-me e avalias-me profundamente!

Adeus, meu filho.

Abraço-vos muito contra o meu peito. Beijo muito as creancinhas.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Recebi a tua ultima cartinha. Li hontem no *Primeiro de Janeiro* uma cousa adoravel tua, como tudo teu. Os estrondos da tua cabeça são como os do céo. Orvalham-te o estylo e enchem-no de perolas.

Dizem-me que vai o teu drama depois d'amanhã e que ha grande anciedade de vêl-o. Eu conto os dias que me separam da tua nova publicação ácerca do meu infortunio. Quando pouco mais ou menos chegará?

Aonde moram? Como está a snr.ª D. Anna? Meus queridos dias de Seide! Pois ainda alli nos juntaremos d'aqui a 10 annos?

Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Eu tenho as tuas 42 cartas com um prologosinho para os meus sobrinhos, que hão de lêl-as com todas as outras que o teu providencial coração mandou ao meu carcere. Não me separo d'ellas.

Põe uma ou outra no *Condemnado*, sim? Que importa isso á tua immensidade? Tudo quanto escrevas é santo para mim! Sei que me farás isto.

Quando estará impresso o drama?

Tn bem sabes o que a minha alma estimará ouvir da justiça da tua. Adeus.

Abraço-te.

Teu

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Respondo á tua de hoje. Não posso demorar este novo agradecimento que tu santamente impões ao affecto que te tenho e á gratidão que te devo.

Considero-me feliz quando medito que Deus me concede contemplar em vida estas perpetuas bençãos que tu estás compondo para a minha sepultura.

Ainda não vi o *Condemnado*. Não me disseste que estava a imprimir-se? Quando virá?

Eu tenho immensa vontade de pôr as minhas lagrimas nas tuas doces paginas.

Doe-me do coração que te offendam por amor da tua dedicação por mim.

Não me surprehendem... Crê porém que muitos amigos e admiradores teus, que tu nem conhe-

ces, folgam de não vêr levantada no teu nome uma cousa que ahi anda tão baixa e ridiculamente. Eu sinto-me lançado para o numero d'esses.

Já sabia que levavam aqui o *Condemnado*. Se Deus permittisse que elle me désse aqui a estima de muitos corações como eu sei que succedeu no Porto! Eu hoje não quero senão a estima e amor de todos. E' por isso que aguardo com muito abalo o resultado das representações.

Os meus affectos e respeitos á nossa querida amiga.

Beijo os pequerruchos, e abraço-te, meu bom e adoravel Camillo.

Teu

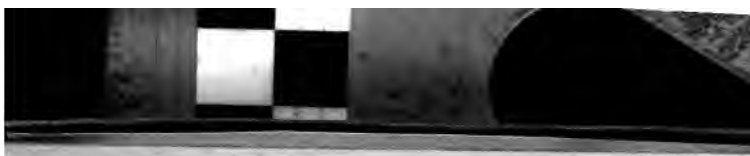
José.

Meu querido Camillo.

Beijo a tua mão, meu querido filho da minha alma, e ponho n'ella estas lagrimas suavissimas que sahem da minha alma para lá caberem bem claras estas santas e preciosissimas palavras da tua dedicatoria.

Obrigado, meu querido Camillo. Crê, porém, que eu mereço isto que me dizes. Sou muito infeliz, e a consciencia ainda me não convenceu que merecia sêl-o tanto.

Mas não te afflijas. Eu sinto-me tranquillo. Quero dizer-te uma cousa que deve consolar-te. A desgraça faz-me extremamente bom. Essa virtude sinto-a em mim, e agradeço-a de joelhos e de mãos postas a Deus! Quando vieres tu verás que te não minto.

A sociedade fez um grande heroismo commigo.

Não foi dar-me a reparação das injurias. Foi não a esconder, e confessal-a. De toda a parte me asseveram que sou estimado e querido. Eu sinto-me pois bom para todos, e peço a Deus que me deixe morrer assim. No Porto sei eu que devo tudo a ti. Toda a gente m'o assevera, e diz-m'o hontem o Antonio n'uma carta cheia de commoção pelo immenso que te devemos.

Todas as cartas que me chegam d'alli vem escriptas com as lagrimas que o teu drama fez chorar.

Abraço-te e beijo-te fervorosamente.

Adeus. E a nossa boa amiga? Vou escrever-lhe.

Beija as criancinhas. Devo á oração d'ellas a tranquilla serenidade dos meus tres dias de oratorio. Beija-as outra vez

o teu pobre

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

O drama cegou-os! O esplendor era de mais, e por isso mais mortal o anathema jurado a tamanha luz! Esta foi a impressão, ao que calcúlo do que ouço e leio com o meu silencio profundissimo.

Dir-te-hei tudo o que souber, porque entendo cumprir um dever.......................... ....

Na impotencia da analyse malevola ahi tens o que chega aos meus ouvidos:

1.º Jorge devia perdoar.

Isto prova o que esta gente é! Hontem, conversando com o Jayme, dizia-lhe eu: Quando cheguei *ao fim* do drama afoguearam-se-me as faces quando

me lembrei que poderiam vêr-me no homem que permittia ao infame *chorar por ella!* Quanto mais perdoar! — E dizia-lhe a verdade.

Devo porém dizer-te que depois, a sangue frio, e apanhando melhor a synthese da tua concepção mui differente da minha historia, approvei tudo.

Isto tinha muito mais que dizer, mas que é inutil.

2.º Os vinte annos de degredo dão a entender que era a sentença que se esperava contra mim!

Ah Cambronne, Cambronne!

3.º O drama parece a apotheose do *infame!*

Esta ultima revela profundamente duas cousas: 1.ª o odio infernal contra o ferro em braza; 2.ª a impotencia absoluta de fazer brecha na tua obra.

Mas não é nada d'isto. E' tudo quanto diz a viscondessa de Pimentel pela voz arripiadora d'aquella infernal Gertrudes que estava no mundo para ser o echo das tuas apostrophes. Creio que vai admiravelmente.

Ahi tens a verdade, segundo penso.

O ...... faz o mal que póde no *Jornal da Noite*. No sabbado dizia que não havia publico no dia antecedente, e inspirava ao ...... umas insinuações que vinham no folhetim.

Consta-me que ha conspiração para não irem senhoras ao theatro, e isto teve em grande parte, segundo calcúlo, origem na cabeça fecunda de...

Perdôa, filho. Eu o que sentia era que estes maus me tirassem a bondade com que quero morrer.

Beijo-te, meu filho.

Teu

José.

Meu filho.

Ahi te mando o folhetim do Julio. Beijo-te, meu adorado cantor, e pai.

Se não fosse por *ella*, uma outra desgraça qualquer, maior ainda, quasi que seria um bem com o orgulho e com a gloria das tuas azas por cima!

Imagina a minha surpreza ao lêr os teus inspirados versos.

Adeus. Abraço-te estreitamente, meu adorado Camillo. Os meus affectos á nossa amiga.

Pois Deus ainda *nos* mandará um dia ahi, ou a Seide? Oxalá!

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Escrevi-te ha pouco depois de lêr as primeiras e as ultimas paginas do teu opusculo [1].

Li agora a narrativa. Senti o pavôr que me deixaria uma pagina do Hoffmann ou do Poë; e sinto o presentimento doloroso de vêr com aquella historia apunhalar o teu coração e o meu ouvido!

O teu livro prova uma these. Matar é supremo bem, comparado ao supplicio da vingança. Provas com a suprema eloquencia.

A tua historia, porém, figura uma mulher que diz ter-se casado violentada; e o marido não prova o contrario, dizendo mesmo: *como quer que fosse*, etc.

Ora eu não absolvo em caso nenhum a queda da

[1] *Allude* ao livrinho intitulado: Voltareis, ó Christo?

esposa; mas tambem não dou direitos nenhuns ao marido que aceita a violencia. São as minhas velhas theorias que muitas vezes me ouviste. Póde dizer-se: mas se este marido ainda assim, *suppliciou*, que maior direito não tinha de matar o marido perfeito? De accordo. Isto é um reforço da these.

Mas se aquella mulher dissesse ao padre: «eu amei, e fui amada; pequei por allucinação», nem haveria prejuizo para a these, nem os horrores do castigo pareceriam tão tremendos!

Agora o meu presentimento é este: os maus e inimigos quererão apropriar em mim aquella historia, e podem tentar afogar com aquella denuncia de violencia a prova em contrario que deixou o meu processo. A apropriação da historia occorrer-lhes-ha de outras analogias, e elles infamemente calarão as dessemelhanças.

Perdôa-me. Leio na tua alma, e por isso sei que não recusarás o teu peito a este desabafar de dôres antecipadas que eu começo a sentir por ti e por mim.

Reportando-me acima: se aquella mulher dissesse as palavras que escrevi, dizia a verdade da minha historia, justificava o supplicio soffrido, e dava todo o relevo á differença do meu castigo.

Eu digo-te isto porque receio até que haja duvida minima no teu espirito ácerca d'isso.

Agora me occorre uma cousa tremenda! Se alguem suspeita de que tu não tens convicção profunda de que não fosse violentada a senhora que casou commigo! Pela saudade *d'ella*, que não quero perder, te juro que é verdade absoluta em relação a nós isso que eu digo que poria na mulher da tua narrativa.

Tenho pena. Parece-me que nada alterava a historia, e antes aperfeiçoava a tua immensa demonstração.

O que eu sinto é a pedrada dos maus, que explicarão pela *vingança* a *queda* de quem morreu. E não foi assim, não, coitadinha!

Com pequena alteração o teu opusculo deve-me consolações infinitas.

Não te magôes, filho. Eu vejo acima de tudo o dever de te abrir a minha alma.

Teu

José.

Meu querido.

Ainda trémulo com a leitura das primeiras e das ultimas paginas do teu divino opusculo, corro a acudir por mim, e pelo teu socego sobresaltado com a minha ultima carta.

Pois quê, filho? A tua ultima pagina é a minha theoria. Deus me livre de ter sentido a premeditação fria, como entendeste!

Essa é a do assassino que mata para roubar!

A premeditação que eu defendo é aquella que tu explicas a despedaçar-se a cada estrondo, mas revivendo sempre! E defendo esta, porque tu sabes que esses cadaveres que a insultam, não admittem essa mesma, porque não querem senão a loucura da *razão* para desculpa! Nós defendemos a loucura do amor com a razão infernalmente clara sobre as ruinas da alma!

Pois é clarissimo!

Para vêres que senti comtigo, ahi te mando essas

linhas escriptas depois da carta que te escrevi, e que me interromperam. A premeditação, sim, mas a premeditação — maximo tormento, que é o que tu sublimas tambem, negando a *premeditação*, mas como significado do que vulgarmente tomam por isso.

Isso que te mando, queria eu que fosse a base de um livro, que se chamasse *Claudina*, e que eu podesse pôr d'aqui a dez annos sobre o tumulo *d'ella!*

Esse livro devia provar que o meu homicidio era o meu ultimo beijo, que a sua morte era a sua resurreição!

Se Deus me ensinasse a escrever esse livro!

Ámanhã te escrevo. Devolve-me esse papel quando quizeres.

Mil beijos a essas crianças; e á mãi d'ellas os meus affectos.

Aceita o meu coração.

Agora reparo! Dizes tu: expliquei o QUE FOI EM TI A PREMEDITAÇÃO!

Exactamente!

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Depois de te escrever ante-hontem é que me occorreu que tu não poderias entender todos os meus sustos por não poderes mesmo frisar, como eu, todas as semelhanças que ha na *Narrativa* com a mais atroz das calumnias com que quizeram ferir-me.

Ora em primeiro lugar partamos da base: se aquella historia é verdadeira, é inutil todo o arrazoado, e entende-se bem. Se é ficticia, os estupidos perguntarão como ella é de tal modo architectada. Ora eu sei que é verdadeira, mas crê que muita gente a considerará phantasiada.

As taes semelhanças são: *violentada a casar; meu pai sacrificou-me cuidando felicitar-me; querer casar com outro; trahir com um ainda parente;* o qual *estudava;* que quiz *fugir*, mas que não podia com esse *encargo*, sendo o marido *deputado.* Tudo isso a calumnia forjou contra mim em tempo.

Ora tudo isto é futil para nós, mas serviria aos infames, pensei eu. Deixa-me porém socegado a tua carta de hoje, e espero em Deus que seja eu o illudido.

Mando-te o folhetim do Biester. A respeito do *Condemnado* já te disse que o tenho por uma maravilha assombrosa. Eu ou hei de descrêr dos teus males, ou hei de pedil-os a Deus. Como está escripto o opusculo: *Voltareis, ó Christo!* Os teus intervallos de silencio são como os do cysne debaixo d'agua; que limpidez, que formosura, que eloquencia ao emergires de novo!

Adeus, filho. N'esses apontamentos não pude, porque me interromperam, completar a base do livro. Mandei-t'os logo porque eram bastantes para te mostrar que eu entendia a premeditação como tu.

Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido.

Que adoraveis, que santas palavras!

Abraço-te por ellas, e quero já pedir-te perdão da magoa que de certo te fizeram estes meus ultimos sustos. Eram naturaes. Tu mesmo reconheceste o direito de me assustar, não foi assim?

Mas é que a minha razão fria vê agora no teu opusculo uma outra cousa suprema: é o quilate da tua convicção, tua e do publico, ácerca das purezas anteriores do meu casamento, quilate tal que não admittiste sequer a possibilidade de uma disputa provocada pela narração d'aquella historia aonde figura uma violencia.

Como sabes, o que me affligiu foram todas aquellas semelhanças, que eu apósto que nem tu entendeste todas na carta que hontem te escrevi. Perdôa-me.

Tenho gemido de frio.

Peço a Deus que me tire do mundo antes de me levar a saude.

Como está essa nossa familia? Abraça-vos a todos com saudade o vosso eterno amigo.

José Cardoso.

Meu querido Camillo.

Nós só podemos consolar-nos com uma esperança. Se eu chegar aos dias distantes da minha liberdade, e tu tambem, e podérmos voltar a Seide, já *velhos,* supprimindo, se Deus nol-o permittir então, *o intervallo* que vai até ahi desde a hora em que

eu lá deixei o meu quarto, quietos e tranquillos, á espera do maior descanço, então sim, poderemos ter talvez uma hora de paz, de alegria mesmo, da alegria que nos é licita. Esta alegria devem mandar-nol-a do Rio, ou de New-York os teus filhos, que tu, depois de lhe ensinares humanidades, confiarás de uns parentes meus [1], se é que Deus ainda me reserva no mundo essa suprema felicidade de abrir a algumas crianças um futuro feliz e honrado, e se para cumulo de tal ventura essas crianças devem de ser as tuas. Não sei se isto te molesta, se te offenderá mesmo. Eu estimaria bem que te contentasse. Tu talvez os queiras para a fama e para a gloria. Eu arrancal-os-hia das chammas d'essas Eumenides.

A tua carta sensibilisa-me profundissimamente. O que é estupido é viver assim! Se o matar-se a gente não fosse uma cousa torpe, mais valeria isso. Se vivermos com os teus filhos ainda seremos felizes com elles, quem sabe?

Eu não espero nada da Relação; nem tambem desespero. Não penso n'isso senão quando m'o lembram. Dizem-me, sem que eu o pergunte, que o meu relator é um grande carrasco. Talvez por isso resuscitem para o meu caso a pena de morte, aproveitando o arrependimento publico do..., e servindo assim as tendencias do dito sujeito relator. Fazes-me plena justiça esperando que me não vençam essas minimas miserias. Com a minha alma

---

[1] Um d'estes parentes de Vieira de Castro, o snr. Oliveira Guimarães, suicidou-se em Lisboa, no mez de julho, de 1874, por não poder sopesar um ultrage feito á sua honra immaculada.

aberta de lado a lado te confesso, meu Camillo, que só duas cousas eu desejava: ou a liberdade absoluta e immediata, ou mais dez annos de degredo em cima dos dez que ja cá tenho. No primeiro caso convencer-me-hia a piedade social, e eu respondia triumphantemente pelo meu infortunio desterrando-me então voluntariamente. No segundo caso estreitar-me-hiam por mais tempo com as minhas saudades e com o meu luto.

Uma cousa detesto: é que pensem em quantidades de penas, em me arraçoar o tempo de desterro, mudando-me villãmente dez annos em cinco, como quem se diverte a espatifar a ultima partilha que me coube da generosidade social depois de me ter sido espatifado tudo o mais. N'uma palavra, eu tenho o mais profundo desprezo pelo meu destino, e peço á immensa generosidade de Deus que me deixe este punhado de lama interior em que se me resolveram, e suppuraram, sentimentos, aspirações, e idéas.

Adeus, meu filho.

Beijo a mão da nossa estremecida e boa companheira e amiga.

Beija os pequenos.

Eu abraço-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Ahi te mando mais esse feixe de parvoices, que *vai mesmo* no farrapo em que um estanqueiro crú, *mas justo,* me remettia uns 40 charutos. Eu li ape-

nas até o ponto em que me surge como *ideal* o Othello, cujo suicidio o parvo ignorou ter sido provocado pela innocencia reconhecida de Desdemona. A litteratura em Lisboa está optima como nunca! Os estanqueiros é que são os justos! Logo no mèsmo dia!

Adeus. Abraço-vos.

Teu

José.

Meu Camillo.

Vejo que não recebeste hontem a carta em que logo respondi á tua amargurada, em que me pedias consolação. Recebeste-a já? Dize-me se recebes as minhas cartas nos dias immediatos ás datas que lhes ponho.

Eu respondi no mesmo dia á tua carta triste. Hontem tambem te mandei outra com um retalho de gazeta aonde vinha um fallatorio ácerca do teu drama.

Concordo plenamente com tudo o que dizes ácerca do Germano, mas elle, na publicação do folheto, póde aproveitar o teu conselho. Da critica que lhe fazem não me admiro nada.

Abraça-vos o

vosso

Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Tenho a tua cartinha d'hontem e a de hoje. Respondo-te á pressa porque tenho hoje um correio enorme para o paquete do Brazil que segue ámanhã.

Li hontem ao Jayme as tuas meigas palavras, e elle agradece-t'as mui ternamente.

Espero com anciedade o teu folhetim, que hoje peço ao Antonio que me remetta, pois que me suspenderam a remessa do *Primeiro de Janeiro.*

Beijo-te e abraço-te, meu filho, pela tua incançavel ternura e carinhosa protecção.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Que hei de dizer-te?

Estou inundado de immensa luz que tu acumulas sobre mim, e tenho pejo de citar a immortalidade com receio de lembrar a minha que eu deverei a ti!

Isto é uma cousa immensa, sobrenatural, aterradora!

Tenho duas providencias por mim: uma é Deus; a outra és tu.

Estava o Jayme quando chegou o *Primeiro de Janeiro.* Ficou assombrado!

Lá levou um numero que eu lhe pedi que lêsse ao Rebello.

E' immortal esta tua maldição sobre os infames *que cuspiram!* (Nota 6.ª). Ainda bem que tu surges *assim* diante d'esta sociedade corrompida na

medulla, no dia immediato áquelle em que a imprensa nos disse que o rei exhibira, n'um baile, os predicados *capitaes* de Lucifer, o pai os farrapos de um Pierrot, e o irmão as ancas roliças de um lacaio!

Adeus, meu filho. A minha alma adora-te. A nossa amiga tomou decerto no seio estes jubilos da nossa honra conquistada. Abraçai-vos pois na minha memoria até que venha o dia em que eu possa abraçar-me nos vossos hombros.

Beijo os vossos filhos, meus queridos amiguinhos.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Recebi a tua ultima carta.

Que redempção queres tu para mim? A do odio? E' a que eu receio, se fugir (isso não fujo), mas se me furtarem ao cumprimento da pena. Continúa a sorrir-me o degredo. Eu ou serei bom ou perverso. Agora o espirito dá-lhe para pensar que em Portugal seria o segundo. Se eu tivesse liberdade já em Portugal, receio que me viesse o furor infernal de promover uma anarchia que apressasse o aniquilamento d'esta charneca de torpilhões, procurando com o peito a bala dos negros. O que é que tu chamas: *cahir a minha alma?* Cahida está para todo sempre; e que quer dizer a patria ou o desterro para me fazer resurgir? Mas resurgir, como? Tu, sinceramente, se eu podesse vir ainda a dar a minha alma ao serviço de uma idéa, não vias ahi abatido o decoro do meu infortunio, rasgado o seu luto

eterno que esse decoro lhe impõe? Do decoro fallo, por não querer chamar-te á discussão do argumento maior e irrespondivel, se esse o não levar o tempo de sobre as cinzas do meu coração, como eu profundamente acredito.

Deixa-me partir. Eu tenho resolvido requerer o meu embarque no dia seguinte ao do novo enxovalho da Relação, que é capaz de me diminuir a pena para me insultar!

Eu começo a sentir a verdadeira honra de um degredado em Portugal!

Quando eu partir para a Africa, obsequeias-me grandemente publicando estas palavras n'algum livro teu para que os que me amam saibam que eu sou feliz, e os que me odeiam conheçam profundamente o meu desprezo.

Outro assumpto. Tenho talvez de escrever o sermão do *Lava pedes*, e o da *Soledade*. Para este principalmente peço-te que me indiques leitura boa, se a conheces.

Se o fizer, levo dinheiro e tenciono leval-o para dar um presentesinho á Emilia, ao Jorge, e ao filho do Antonio, e do Luiz.— Lembro-me com profunda melancolia de vossês.

Peço a Deus que vos leve os vossos filhos, e ponha nas vossas almas a força que lá deve amparar a gratidão por tamanho beneficio.

Perdôa-me se te despedaço.— Faz-me horror e asco o futuro de portuguezes.

Abraço-te. Abraço-vos a todos, meus queridos corações.

Teu

José.

Meu querido amigo.

Eu já esperava esta dolorosa surpreza, mas não tão cedo! Grande bem em todo o caso me fez a tua companhia, na qual o meu espirito se alevanta sempre quanto póde, embora possa pouco.

Acho detestavel o teu ultimo photographo. Accuso-o a elle principalmente, e não ao retrato, porque a elle era que cumpria escolher outra pose de physionomia, e outra accentuação no olhar, e outra docilidade no bigode, etc., etc. Eu nunca vi tão insinuante a tua physionomia, tão lisa e tão branca mesmo a tua face como agora. Pois no retrato pareces-me um homem esfolado! Este..... andaria avisadamente cambiando o estabelecimento por outro que o appellido lhe está aconselhando.

Espero que esta carta te encontre ainda antes da tua partida para Braga. Tenho a pedir-te um obsequio, e infelizmente com pressa. Peço-te que me mandes um numero do *Primeiro de Janeiro* que tenha a tua local a respeito do tinteiro. O Antonio já procurou na administração da folha, mas parece que não havia. O que te peço pois é que obtenhas do Germano o numero que certamente devia ficar para a redacção, e o obtenhas emprestado, e m'o remettas, porque eu da minha parte pouco t'o demoro, e devolvo-t'o.

Quando regressares de Braga fallarás largamente com o Antonio a respeito dos meus contentamentos futuros em Loanda, e relatar-lhe-has o que te disseram por aqui.

Não esqueças nunca o teu

velho

José Cardoso.

Meu querido.

Aqui estou com umas lagrimas a dançarem-me nos olhos. Fiz o rascunho de uma carta a uma pobre mulher que pede o perdão do marido de ao pé do leito do moribundo filho de ambos, o qual lhe deixa nos braços d'ella um anjinho de tres annos!

O homem cahiu a chorar, e eu chorei tambem. Deus me não falte nunca com estas boas regas da alma.

Li na cama a tua de hoje. Tambem chorei. O morgado, que sempre me fez rir, fez-me chorar pela primeira vez! Chorei por elle!

Mas agora que me levantei, que estou lavado e fresco, e bebi a primeira pancada de luz, estendo-lhe a mão, sacudo-lh'a o mais selvajalmente que posso, e peço a Deus que nos ouça e nos cubra este cumprimento: «Para a vida e para a morte! eh lá! para a Africa!»

Enche-me de alegria o retrato que me fazes d'elle e das suas qualidades.

Não pende o meu espirito para a agricultura, que em Portugal seria o meu enlêvo. Deu-te o Calheiros a razão.

Alegra-me a satisfação do Antonio. Tanto mais quanto eu o suppunha menos convencido.

A absolvição do Anthero deu-me relevantissimo prazer. A moral triumpha, porque o desaggravo da honra não póde ser nunca o alardo da deshonra; e eu bemdigo a Deus por ter posto no meu ser melhores e mais puros respeitos pela mulher do meu nome!

A tua carta deixa-me uma impressão celestialis*sima. Cá* vos espero na terça feira.

Respondo á tua de hontem. Recebi a local do tinteiro, que te agradeço muito.

Adeus.

Os meus affectos á nossa boa amiga, que tanto se interessa pelo seu velho hospede.

Beijos aos pequerruchos; vós sois tambem minha familia.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

A tua carta deliciou-me. Eu estava afflicto com a tua doença. Talvez a casa de saude aqui te faça bem. Pareceu-me que te era boa a capital nos dias em que por cá te demoraste. E' justissimo, é, tudo quanto dizes a respeito do *Condemnado* e da *corôa*. Eu tinha pensado tudo isto.

Que contente que eu estou com as noticias do Antonio! Sinto-me feliz, tanto quanto posso sêl-o! Deus nos proteja, e nos dê d'aqui a dez annos os dias serenos e alegres que eu lhe peço de joelhos na pureza da minha alma e na santidade dos meus intuitos e na sinceridade de todas as minhas desambições fóra da unica que me resta: ter dias de saudade e de felicidade ignorada no meio d'esta constellação das almas devotas da minha desgraça.

Vossês meus socios! com que alegria eu penso n'isto! Seria crueldade do destino se dessem em chimera estas esperanças! Pois Deus permittiria que eu ainda um dia vos désse contas dos lucros do mendobi e da urzella, e das colheitas na carcassa do elephante de Pungo Andongo? Supremo

contentamento! Suprema vingança commum das victimas dos teus livros contra ti, e de ti contra ellas!

Abraço-te.

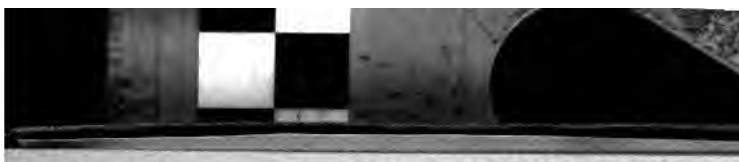
Teu

José.

Meu Camillo.

Este morgado é admiravel! é unico! Cuidei que me arrebentava hontem com o riso! Tem sobre Loanda as vistas vorazes do Alarico. Vai resolvido a tudo. Sem fallar n'aquelle *preto esturrado* que te quer mandar na primeira saca de café, tem planos de affrontar o cosmos mudando os crocodilos para o matto virgem, e os tigres para o oceano, com o intuito de uma empresa lucrativa. A sua primeira ambição ao pôr pé em terras de Salvador Corrêa é degolar um preto innocente! O seu argumento é que o preto deve sacrificar a vida ao homem que sacrifica a patria e a familia. Não tem resposta.

Posto este preambulo á sua vida nomada, o morgado tem duas ambições: enriquecer, e escrever-te cartas que te assombrem e te alegrem. Para estas elabora já um assumpto tenebroso. Não descança em quanto não levar a deshonra ao seio da familia de um soba para te fulminar com a rêpa de uma carapinha real! Olha que isto é tudo d'elle, meu filho. E o que é d'elle, e eu aqui não posso pôr, é a fé ardente, o enthusiasmo, a alegria, a esperança, a crença com que espera voltar rico a Portugal! a chamma satanica que lhe crispa dos olhos nas vi-

sualidades degoladoras da pretalhada pura! Quando repete o argumento do sacrificio que elle faz para justificar a hecatombe, chega a ser medonho... como o argumento!

Na sua volta á patria tem outras ambições, iguaes em numero: esmagar tudo, e vingar-se!

Fundeado o vapor, não quer barco que o traga ao caes; tem a certeza de que dá tamanhos pulos que o Tejo se aparta de medo para lhe ministrar o *finca-pé!*...................................

Quer demorar-se alguns tempos em Lisboa. A sua deliberação é amarral-as todas torpemente ao catalogo das deshonradas dos regulos!

Partiremos depois. Não se anda em parte nenhuma senão *com todos os matadores*. Nas hospedarias de Villa Nova não se come senão perú; e o *não estamos afeitos a isso*, resposta a tudo mais, obrigará os locandeiros a uma via sacra accelerada pelas despensas dos mais ricos do povoado.

Quer esmagar tudo! quer vingar-se!

Mas vingar-se de que? que odios póde ter este bom moço? que abysmos lhe tem posto o mundo?

Não sei. Nem elle. E' certo porém que quer esmagar tudo, e quer vingar-se!

Odios tem um! Esse resume todos. E' o de Belzebuth a Deus; é um inferno que lhe queima o cerebro, e que se lhe entranhou lá dentro com perigo de afogar-lh'o, como um hydrocephalo, na vossa ultima viagem para o Porto. O seu odio é aquelle visconde gordo de Aveiro, cujo nome nem feições recorda, que te respondeu com soberanissimo desprezo quando tu lhe perguntaste se me tinha visitado. O seu odio é esse! Quer pois esmagar tudo, *quer vingar-se!*

Ao cabo de tudo isto trato eu de lhe amaciar as raivas pondo as minhas modestas visões na tranquillidade santa da nossa querida Seide, e convencendo-o de que a vingança completa seria talvez substituir na pratica o titular odiado. Logo que lhe fallei em Seide, prorompeu o morgado: *Lá, a primeira cousa é outro monumento á nossa chegada!*

Agora serio, meu filho. Eu vejo a Providencia em tudo, e aceito das bondades d'Ella o presente d'este homem. Se se realisarem os nossos planos, se os nossos corações e sentimentos se entenderem sempre, como espero, de certo não nos separaremos mais. Ambos nós daremos um ao outro a dedicação extrema e a honra sem mancha. Deus abençoará o resto. Devo dizer-te que espero muitissimo das suas faculdades e aptidões para o nosso commercio, segundo o que lhe ouvi.

E' teu amigo a valer. Quando voltar a Portugal só conhece uma pessoa fóra da sua familia: és tu. Tu não escreves mais, e és nosso para a vida e para a morte.

Deus traga esse dia. Eu andarei com os pedacinhos da minha alma uma vez no Ermo, outra no meu quartinho e no adro de Seide, e outra no meio da sobrinhada. Se Deus me dér isto!

Abraça-vos.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Passei hontem a tarde angustiadissimo desde que senti que não vinhas abraçar-me. A noite passei-a do mesmo modo até ás 3 horas assustado por

estas tuas imprudencias, meu filho. Pois uma viagem sobre outra, e ambas de noite! Eu peço-te que venças absolutamente os teus appetites, e te trates com o maior escrupulo pelo que diz respeito a alimentação.

A tua carta de hoje affligiu-me. Preciso de me agarrar á esperança que tenho de que melhores rapidamente, e espanques estas tuas tristezas.

Adeus, meu ádorado Camillo. Os meus affectos á snr.ª D. Anna, e beijos aos meus artistas. Abraço-te e beijo-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

E's injusto comtigo e commigo. Eu encontro sempre luzes novas nas tuas obras. Li aqui em voz alta, penetrado de commoção e de convicção, a verdadeira philosophia do teu ultimo folhetim sobre os meios proprios para entender e confortar os tormentos alheios. O que eu sentia sentiam os outros.

Vi a local, e agradeço-te muito a publicação.

Abraço-vos.

Teu

José.

Meu bom Camillo.

Escrevo-te muito á pressa estas duas linhas. Entristeceu-me a ida do bom velho. [1] Passaram-me no

---

[1] *Refere-se* á morte do seu tio José Vieira de Castro.

cerebro lentamente os dias do Ermo, e comparei a felicidade do tumulo de então com a desventura do tumulo d'hoje! Mas eu já não lastimo os que morrem. Tenho medo que isso lhes perturbe a bem-aventurança da sepultura.

Beija as mãos da snr.ª D. Anna pela adoravel cartinha que me mandou. Eu hei de escrever-lhe mais vezes. Nós ainda viveremos em Seide. Deus ha de querer que sim.

Peço a Deus que te restitua a saude antiga. Assim me ouça!

Abraço-te.

Teu

José.

Meu Camillo.

Deu-me grande prazer saber hoje pelo Antonio que estiveras ahi com os pequenos d'elle e com a senhora.

Estás tu melhor?

Eu levantei-me agora com a cabeça atordoada. Ha dous dias o Pereira de Miranda trouxe-me aqui para eu vêr um projecto d'elle sobre colonias. Quiz fazer-lhe uma fineza escrevendo uma analyse, surprehendendo-o com ella. Estudei a materia, e escrevi esta noite umas vinte tiras, que deverão ser metade talvez de outras vinte que hoje escreverei.

Queria publicar a cousa no *Primeiro de Janeiro*. Por muitos motivos, como pódes suppôr, me era agradavel a preferencia d'esta folha. Ha, porém, espaço? Tens tu a nimia bondade de vêr as provas, e corrigir as quedas mais espalmadas do estylo de

um encarcerado de anno, já sem vislumbres de sentimento plastico?

Poderias fazer com que viesse n'um numero só, ou, quando muito, em dous?

Era isso o que eu te pedia, acrescentando, porém, a pressa para não perder o interesse actual d'estas cousas. Escuso dizer-te que não assigno o artigo. Aquillo é uma divida de consciencia, e nem podia ter aspirações a mais. Sahirá entre os artigos de redacção, mas pôr-lhe-has uma letra qualquer, ou um asterisco, se o Germano o exigir.

Responde-me, se poderes, na volta do correio.

Tive hontem uma atroz e pungente semsaboria quando ia a sentar-me com certa satisfação para escrever. Cahiu-me a vista sobre o *Diario de Noticias*, que eu nunca vejo sequer, e encontro noticiada a morte do meu pobre velho, *tio do* PRESO *J. C. V. de C., e irmão do antigo ministro.*

A insistencia do insulto apimentada com o veneno da aproximação do ministro! Que villões! Será Deus que me experimenta? E' certo que afoguei o nojo, e passei a noite escrevendo agradavelmente de um grande amigo.

Adeus, meu filho. Os meus affectos á nossa boa amiga. Beijos aos vossos filhos.

Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido.

Estou nervoso, acabei o artigo, e escrevo-te á pressa. Beijo-te pelos orvalhos que espargiste na sepultura do pobre velho.

O final do artigo que escrevi denuncía a procedencia. Não o assigno, com o Antonio, e d'aqui mesmo comtigo, combinaremos uma cousa que é longa para agora. Um discurso de Russell enlevou a minha alma na elaboração das minhas idéas. Queria que esse artigo significasse apenas a veracidade da minha consciencia conformada com a sua sorte. Hei de vêr se t'o mando ámanhã.

Abraço-vos paes e filhos.

Teu

José.

Meu querido.

O Reis, e outro, acabam de copiar o meu escripto. Mando-t'o hoje. Vou pedir-te um obsequio que tu não recusarás ao teu amigo. Palavra ou locução mais impropria ou menos limpa, corrige-m'a. Eu nunca soube escrever, e agora menos. Acostumei-me a pensar os periodos um pouco selvagens para as condições da tribuna, mas para isso é preciso fal-os, não escrevel-os. Ahi estavam algumas cousas que eu faria valer no discurso, mas nada d'isso presta na escripta. Confio no teu favor, e cada correcção tua será um prazer que me darás. Aproveito o ensejo de dizer ao meu paiz que quero partir quanto antes para o meu destino.

Agora uma cousa. Haja cuidado em que isso se não publique em nenhum dos dias 8, ou 9, ou 10 do corrente. O melhor seria até sabbado, ou mesmo depois do dia 10 se não podér ser antes.

Puz-lhe a data de abril para que me não offendessem allusões á data de maio.

Eu tinha o maior empenho em que o artigo viesse n'um numero só. Separal-o é quebrar todo o interesse no desenvolvimento, já de si limitadissimo do assumpto.

Agora renovo tambem o pedido de toda a tua paciencia para a revisão das provas d'essa frioleira. As primeiras columnas sahiram-me uns periodos tão longos, que é preciso não lhe largar o governo da pontuação, aliás fica de todo mau o que já não presta para nada. Em fim ahi tens a cousa, e terei o cuidado de não rabiscar mais para não ter de responder ás tuas dedicações com pavorosas estopadas como esta que te dou.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Escrevo-te á pressa, mas não quero deixar de fazel-o. As tuas cartas teem-me tristissimo com os soffrimentos do teu filhinho. Deus será bom para ti, mas tu deves precavêr a tua alma contra o mais pungente desenlace. Eu como teu amigo imponho-t'o, e ouso esperar tudo da tua força. Não fallo em meu nome; obrigo-te em nome da outra criança. Seria mais que cobardia, seria uma espoliação sem attenuantes succumbires ao lado d'outro filho, se Deus te reclamasse um. Tu decerto não cahirás. Escreve-me e consola-me promettendo-m'o, porque penso em ti a todas as horas. Chamo a tua força por este caminho, e por não querer magoar-te pedindo-te que visses a felicidade na bemaventurança *do filhinho* que Deus chamasse para si.

Abraço-te, meu filho.

A ultima phrase da tua carta consterna-me. Coragem! que tanta vez me pediste, e em tantas vezes te obedeci!

Adeus, meu bom Camillo.

Abraço-te, e peço a Deus pelo teu anjinho.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Afflige-me a falta de carta tua por não saber do estado do Jorgesinho. Deus permitta que vá melhor!

Eu estou espancando as memorias negras d'este dia... [1]

Teu

José.

Meu Camillo.

A tua carta veio, como todas as tuas outras cartas mais particularmente consoladoras, em hora necessitada.

O dia d'hontem foi horrivel. Esta humanidade é negra, sem descripção possivel em nenhuma lingua! Era hontem a communhão dos presos, festa ostentosa para o publico que se atropella nas salas e enxovias do carcere distinguindo-se principalmente

---

[1] *Era* o anniversario da catastrophe.

as senhoras no interrogatorio feito aos desgraçados ácerca dos seus nomes e dos seus crimes.

A mim tinha-me dito o guarda-livros que a festa acabava ás duas horas e que só então o publico vizitava os quartos particulares que estivessem abertos. Combinei pois com o Antonio em estar aqui a essa hora, e ás dez já eu estava encerrado. A festa porém acabou á uma hora. Estava eu fechando a carta que te mandei.

Sinto na escada e sobre a porta do meu gabinete o rebolar de uma onda estupida. Eu estava fechado á chave. Com o murmurio ouvi duas pancadas bestiaes na porta, que eu logo conheci serem dadas com o intuito de lograrem todos vêr-me, se eu abrisse, esquivando-se todos á responsabilidade d'ellas. Eu tinha o creado prevenido para bater de um certo modo quando me procurasse amigo meu.

As scenas e os ditos que se passaram á minha porta não seriam acreditaveis em terra de bestas-feras. Atropellavam-se para espreitarem á fechadura as senhoras, mães, esposas e filhas. Não havia homens n'este canibalismo!

Eu ouvia o vago murmurio de tudo isto, mas não sei o que me succederia se não entra o Ferreira da Costa a quebrar o horrivel de uma solidão insultada por tal modo, e que eu estive em riscos de povoar com os delirios de uma loucura que ainda senti ameaçar-me. Depois é que eu soube tudo. Umas queriam que eu fosse forçado a abrir a porta, outras lastimavam-se profundamente da inutilidade de uma visita á cadêa que não tivera outro estimulo senão vêr-me! D'estas uma era uma menina que viera em equipagem soberba, e que procurára o *meu quarto* ao lado do delegado Neves\.

Uma velha de caracoes frisados, ricamente ajaezada, descia a escada dizendo para um grupo de raparigas: «E tem tapetes e taboinhas, segundo dizem! O que elle merecia era um chicote!»

E' horrivel isto! Eu sinto mais desprezo do que odio por esta villanagem. Não sou bastante bom para sentir piedade. Esse dito da velha, ouvi-o eu cá dentro, e lá fóra, o Reis, e toda a gente.

Senti que não estivesses ao meu lado, de saude.

Soffrerias como eu, mas darias talvez grande lição a essa matilha de leprosos.

Que mães, que esposas virão d'essas crianças trazidas pelas mulheres de cabellos brancos a estes espectaculos, e educadas n'essas apostrophes d'odio pôdre? Como é que não existe n'essas almas sombra alguma de respeito e de caridade pelos immensos infortunios?

Depois, a data de hontem!

Isto é horroroso, e eu peço a Deus por piedade que me dê depressa o degredo como vingança!

O Antonio pagará ahi o teu abraço. Elle vem logo.

A tua carta deixa-me uma esperança de melhoras para os pequeninos. Abraça-os e beija-os. Deus permitta ao cabo de tudo que nos alumiem a velhice.

Teu

José.

P. S.— Acabo de escrever ao Casal, ao Sampaio, ao Pereira de Miranda e ao Jayme, pedindo-lhes que abreviem a minha partida para o degredo. Quero fugir aos canibaes.

Meu querido.

Ha dias que não tenho carta tua. Devias receber a minha ultima em resposta á tua.

Acabo de lêr o folhetim (5) do Germano. E' esplendido como todos os outros. Tinha vontade de o abraçar. A primeira phrase do ultimo periodo de hoje encontra-se com as bases do livro que te mandei. Pergunta-lhe se elle, concluido esse trabalho, não o publicará á parte em opusculo.

Eu mandar-lhe-hia uma grande remessa para o Brazil. Dize-lhe isto em particular como cousa tua.

Eu fal-o-hia porque as palavras d'elle são sobre tudo, como as tuas, o epitaphio de respeito no tumulo d'*ella*.

Abraço-vos.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Recebi a tua ultima.

Já me entregam o *Primeiro de Janeiro*. Agradeço o teu cuidado. Agradece por mim ao Baltar quando o vires.

O folheto do Germano?

Penhoram-me os rapazes de Coimbra, e as pessoas de Villa Real.

Eu sinto-me mais triste hontem e hoje. Dão-me grandes desejos de sahir para o degredo. Pezam-me os tectos da cadêa, e a liberdade em Africa faz-me menos horror que em Portugal. Começo a sentir a asphyxia moral.

Veremos o que Deus determina.

Fazem-me grande pena os teus soffrimentos. Lembra-te dos que soffrem mais.

Eu não sei bem se isto é uma consolação nobre, mas parece-me que tem um lado assim. A mim tem-me amparado immenso!

A nossa amiga como está? e os filhinhos? Eu abraço a todos.

E' verdade. Aonde moram? Todas as vezes que fecho uma carta para ti é que reparo em ter esquecido esta pergunta. Curiosidade, como pódes imaginar, mas que me interessa, como as grandes cousas, a vosso respeito.

Adeus, meu bom Camillo.

Que escura que é a minha alma hoje! Que dias estes!

Teu

José.

Meu Camillo.

....

A historia do homem de Benguella fez-me sorrir pelas previsões d'elle. Deus me livre de cousa que possa sequer rastrear esses futuros e destinos altos que tu me apontas! Eu não peço á boa Providencia senão que ponha a sua protecção nas minhas modestas labutações commerciaes. Fugirei mesmo de pensar n'outra cousa.

Agradeço-te as palavras e acquiescencia da tua carta de hoje. Os artigos teem vindo bem. Quando se publicarem á parte mandar-t'os-hei d'aqui com

umas pequenas conversões typographicas que escaparam n'estes ultimos.

Que saudade me faz de novo Seide! Vossês alli com o morgado que deliciosas horas, apesar da doença e das memorias, comparadas com as horas da cidade! O que daria eu por um dia ahi de paz tranquilla? Que amor eu conservo ao meu quartosinho! Se ahi volto beijarei as paredes e a janella como os peregrinos beijam as pedras santas. Quando d'ahi sahi para o Algarve, então e hoje! Se eu um dia tenho liberdade hei de ir apanhar os bocados do coração aqui por umas tres casinhas de Lisboa, ahi, em Portimão e no Ermo. Que saudades que eu tenho d'esse tempo sempre que o recordo!

Li hoje aquelles pungentes gritos do Heine que os teus traduziram. A cada um d'estes profundos abalos que me fazem estas leituras profundamente sensibilisadoras pela dupla essencia do escripto e da atormentada inspiração que o gera, sinto em mim a inveja quasi do verdadeiramente estupido, do hermeticamente fechado de coração e de alma.

Outra cousa. Vinha hontem aqui um homem pedir-me para lhe dar umas sessões em que elle aperfeiçoasse o meu busto já começado. E' encommenda do Brazil. Supponho intuito mercantil na encommenda, porque mandaram pedir a fôrma em barro para tirar lá as copias. De qualquer modo é uma nova torpeza mercantil engendrada sobre o meu infortunio. E' inutil dizer-te que despedi o homem, mas fil-o com uma certa satisfação de vêr o entupimento em que o deixou a minha cara completamente transformada pela falta de barba que tirei ha dias para lograr principalmente este e os retratistas. Disse-lhe sempre sorrindo, que, não podendo op-

pôr-me a que me reproduzissem, a consolação que me restava era a de que o busto, como os retratos, serviriam apenas para indicar que eu era outro...

Adeus, meu filho.

Abraço-te, e espero sempre noticias tuas.

Teu

José.

Meu filho.

Bom foi que não peorasses lá.

....

Bom exito quanto ao Ermo é verdade. Deus parece que nos sorri. A minha desgraça será eternamente a de hoje, mas poderei fazer á volta d'ella um pequenino circulo d'almas puras e amigas. Deus o permitta!

Seide! Eu não posso recordar. Agarro-me á esperança de que hei de ainda ahi voltar para não estalar de saudade!

Escrevo-te apressadissimo.

Recebi o correio do Brazil, que é grande, tenho de responder já.

A' nossa querida amiga beijo a mão com todas gratidões e affectos que Seide me impõe, e a ti abraço-te estreitamente.

Teu

José.

Meu querido.

Recebi a tua de hoje que avoluma as minhas melancolias com as vossas. Esperemos, filho. Deus ha de dar melhores dias.

A minha espectativa perante a Relação é a mesma que te disse na minha ultima carta.

Adeus, meu filho. O que eu te queria era de saude regular, e tranquillo de espirito.

Os meus affectos á minha querida amiga, e beijos aos pequerruchos.

Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido

A tua carta alegrou-me. E eu já estava alegrissimo. E, hoje mais que nunca, sinto seguras da mão de Deus na minha consciencia as alegrias futuras. Hei de voltar, hei de vêr-vos a todos aos meus serões no regresso d'Africa. Tenho a final o maximo da pena do meu delicto, dizem. Pois isto é que é bom. Assim certissimo fica que não podem mais haver descontentes nem n'este mundo nem no outro. Eu estou no meu logar, e o meu logar é um pólo: No outro logar, no outro pólo, está....[1] Nós so-

---

[1] Confronta-se com um marido que fazia então julgar a esposa no tribunal, que a mandou em paz, como Jesus á adultera, e como a honra ordena que sejam castigados maridos *sem pejo* nem resguardo da sua desgraça.

mos os dous symbolos de uma nova geographia moral. Se Deus não presidisse ao meu destino, se me houvesse voltado as costas a sua bondade, se contra mim se voltasse a sua colera, a minha grande tortura seria o immenso baque d'estes dous hemispherios, usurpando o... o meu planeta, e arrodilhando-me a mim para a sua orbita. Isto assim é o optimo.

Brinquemos a chorar, dizias tu hontem. Brinquemos a rir, digo-te eu hoje. Adeus meu filho.

Abraço-te consoladamente.

Teu

José.

Meu Camillo.

Nada de medos. Nunca como hoje eu me senti tão bem, tão crente em que tudo ha de ser como Deus m'o inspira, e não como t'o suggere a tua grande tristeza. Eu vejo melhor do que tu, e não admira; avalias as minhas dôres afóra de mim, e pensas que são grandes; eu é que sei que não prestam para nada. Refiro-me a degredos, e ás penas, maiores ou enormes, que possam vir-me das sentenças de homens que eu nem posso odiar pelo immenso que os desprezo.

Cá espero o morgado. Não venhas tu, que te despedaças n'estes boléos das viagens. Muito repouso, filho.

Não sabes? parece que o advogado contrario recorre para o supremo tribunal pedindo pena maior! E' esplendido!

Veremos. Eu uão recorro. Se a besta recorrer,

então sim, acompanho o recurso. O miseravel já me escangalhou as alegrias que eu sorria ao dia 5 d'agosto.

Adeus, meu filho. Coragem e alegria. Eu não me lembro senão do.....[1] E' o meu homem, e o meu salvador!

Teu

José.

Meu Camillo.

Estou com uma terrivel constipação, tosse, e uma brotoeja horrivel. Por isso te não escrevi ainda, e agora o faço com a mão a arder. Tem estado um tempo estupido. Espero que o calor te seja este anno menos nocivo. O motivo do recurso é haver ordem do Brazil *para ir com a cousa até ao fim*. A ordem não previu a hypothese dos 15 annos da Relação, e cá o mandatario cumpre á letra. E' repulsivo estar a procurar no esterco a razão d'elle. Seja lá pelo que fôr, o sol não alumia canalha mais abjecta!

....

Teu

José

Meu Camillo.

....

A mim de vez em quando me chegam uns echos da semsaboria lá de fóra. Deves ter ouvido fallar

---

[1] E' o marido indicado na carta anterior.

das conferencias e das *Farpas*. As primeiras parece que eram de todo o ponto inoffensivas. As segundas accusam os sobejos d'alguns dos redactores. Em resumo, parece que a terra e a gente insistem singularmente em ser o que eram.

Eu por dentro tenho andado apoquentado com umas memorias tristes. Por fóra, e para fóra, é quasi sem medida o nojo que me cresce todos os dias contra as pessoas e cousas d'este torpissimo bordel que ahi se mexe.

Estou morto por sahir d'isto quanto antes.

Teu

José.

Meu querido.

. . . .

Que idéa é a tua que não vou para Loanda? Só se morrer. Creio piamente que o supremo tribunal não annulla, mas se o fizesse, e se me absolvessem depois, eu ia do mesmo modo, irrevogavelmente.

Escrevi vinte e tantas tiras de um folhetim, provando que. ....[1] era cortezão, cobarde, contradictorio, tôlo e ignorante.

Fez sabbado oito dias, eram onze da noite. Sentei o Reis á mesa, dictei-lhe aquelle escripto, fumei dez charutos a seguir, deitei-me ás sete horas, e d'ahi veio aquella dôr de cabeça em que te fallei. Não te disse nada porque queria surprehender-te,

---

[1] *Allude* a um livro então publicado.

queria vêr se me adivinhavas, e o que me dizias sem adivinhar. Comecei a dictar o folhetim com a idéa de que tu serias o seu assumpto principal. Felizmente voltou-se-me a inspiração, e tratei de não me denunciar d'esse modo, e de não dar á folha a importancia de lhe fazer suppôr que tomára para ti uma das suas paginas mais banaes.

Levei o meu disfarce ao extremo de citar nos jornalistas, e de lhe mandar *anonymamente* a cousa.

Accusou a recepção com elogios, mas disse que era muito grande para a folha. Pêta. Não publicou por cobardia, embora estivesse a pular por lhe tosar os bandarilheiros.

Esperava hoje o escripto na *Revolução*. Logo vou mandar dizer ao Sampaio que m'o devolva, se o não publicar, como suspeito, e ámanhã remetto-t'o.

Teu

José.

Meu querido Camillo

Todos os dias para escrever-te, todos, mas aqui morre-se de calor ha quatro dias, e não ha vontade que não se afogue em suor.

Como hei de eu esquecer-me de ti, amigo? Em que dia não penso, ou não fallo eu de ti? E por ventura mais se te não escrevo, é por isso mesmo.

Mandou-me hoje o Antonio um exemplar das *Colonias*. As tuas paginas, meu querido amigo, tão eloquentes como todas as outras que me tens dado, *são por* ventura as mais claras a definirem-me. A

minha defeza é isto, tudo isto, e nada mais do que isto. Adoravel penna a tua. Sempre a mesma! (Nota 7.ª).

....

Teu

José.

Meu querido.

Escrevo-te á pressa porque só agora me deixa, quasi á hora do correio, um padre que veio contar-me os applausos de um sermão que lhe fiz.

Tenho a tua adoravel carta de hoje. Quero esperar que Deus nos reserve nos teus filhos bastante amor e bastante paz. Porque não iremos com elles? Em fim se vivermos Deus dirá como ha de ser. Ha uma phrase na tua carta que se me enterrou profunda e luminosa como uma faisca, pelo coração e pela memoria dentro: é o desejo de não ter familia na idade em que a gente não sonha que será esse o unico que ha de mais tarde sobreviver-lhe a todos os outros.

....

Teu

José.

Meu Camillo.

Tenho no prelo um opusculo intitulado: *Consciencia.* É uma carta aos das *Farpas*, meiga para *elles*, e magnifica para mim por ser horrorosa para as infames da terra.

E' o meu grito de odio, a represalia do meu desprezo.

E' assignado *Samuel*, mas todo o mundo saberá que é meu.

Isto devia succeder. Sinto-me como homem acordado. Agora é que attentei em mim. A' cadêa não vem ninguem, eu sou um homem profundamente odiado pelas mulheres, e desprezado pela indifferença dos homens que me humilham mais portanto do que aquellas. Ninguem quer saber d'*isto* que para aqui está, esta é a verdade. Aos dez annos de degredo fingiram-se commovidos, aos quinze nem isso, depois diriam mesmo que o publico achava que o melhor era não bulir mais n'este *facto consummado*, razão porque o ultimo tribunal não desfazia o que estava feito.

Ora eu hoje não desejo outra cousa. Lisboa é capaz de me apodrecer o interior com o desprezo que me junca cá dentro. Loanda é o o meu sonho dourado. Deixai-me partir, canalhões! é o que eu lhes diria se me consultassem.

Ora uma só cousa me restava, digna e alta, era fazer saber bem, para todos os tempos, e a todas estas minas de pus, que eu diante de todas as suas guerras e infamias só uma cousa faço, e é tapar o nariz.

Era preciso que eu dissesse a esta canalha, que me detestasse, mas que me não lastimasse.

Eu escrevo hoje uma carta ao Antonio predispondo-o para um *estalo*, mas sem lhe dizer o que é. Se elle te procurar, nada lhe digas. O que é certo porém é que Lisboa em relação a mim é tudo quanto ha de mais asqueroso: odio nas mulheres, *como no* primeiro dia, sem a minima differença.

indifferença absoluta nos homens, o que é mil vezes peor. Eu não me illudo nem um atomo. Esta é a verdade, e por tanto o que me cumpre é provar a esta canalha que se o odio que ella tem ao*** e a mim é igual, o effeito nos odiados é radicalmente diverso.

Teu

José

Meu Camillo.

Tu, sim, sabes consolar, meu querido amigo! Esta tua carta marca como tantas outras, um lenitivo saudabilissimo. Sabes consolar, porque sabes vêr, e sabes ensinar e vêr. E' isto, é; mesmo fôra vaidade crêr n'outra explicação. A tua carta faz-me grande bem, porque a minha irritação crescia, e ficarei hoje sereno.

O opusculo só verbera as mulheres, e d'essas o odio é certo e real ainda. Dá-lhes conta do meu desprezo profundissimo, e provoca-as abertamente a não cançarem na guerra para eu tirar d'ahi umas consolações que lá digo. E' só isto.

Deve ficar prompto esta semana. Mas não poderás tel-o antes de domingo, ao que me parece.

. . . .

Sou, meu filho, gratissimo á tua vontade de vires vêr-me. Ainda se é bem rico quando se tem o que eu tenho, e entre os meus teres a tua grande e alta dedicação. Assim tu melhorasses de saude! Deus agora de certo me reserva os bens que me *restam*!

Adeus, meu amor. Os meus respeitos e affectos

á minha querida hospeda de ha cinco annos. Os meus beijos aos vossos filhos, e a ti em minha alma.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Tenho passado terrivelmente. Ando constantemente aos vomitos, provocados pela saliva que se me prende nas campainhas! E' sordido e horrivel!

Nunca me esqueço porém de lastimar mais o teu padecer, e agora fico cuidadoso pela snr.ª D. Anna, e pelos pequeninos. A maldição de Deus sobre este paiz já nem poupa os paraisos saudaveis das nossas florestas! Eu attribuo tudo á podridão moral d'esta grande cavallariça! Soffrem dos miasmas latrinarios os que não são bestas. Antes fossemos!

....

Se me lembro d'isso! de tudo isso! Ah, meu Deus, tenho horas escurissimas quando penso no que eu era ahi, no que sou hoje, e no impossivel de prever tudo isto que se passou! Acreditemos em Deus que nos reuniremos ahi.

Adeus, meu Camillo. Dize ao morgado que talvez a cousa se decida n'este mez, e em tal caso que conto partir em outubro.

Abraço-vos.

Teu

José.

Meu querido.

Cá estão mais cinco annos. Creio que ainda é pouco. O interprete da minha sogra pedia *toda a vida e trabalhos publicos por não haver pena de morte, e não estarem no codigo as minhas attenuantes.*

Deu-me as honras do *maior assassino d'este reino.* Parece que vão querellar d'elle alguns dos meus quatrocentos collegas da prisão.

Eu na mesma.

Tive hontem a tua carta com que ri.

Se n'estes dez dias os outros não recorrerem, devo partir a cinco d'agosto.

Abraço-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Sahiu hontem d'aqui o morgado. Estranhei-o immenso! Aquelle ardor phenomenal dos primeiros dias tinha morrido n'elle! Tentava encobrir o seu desanimo, ou o que quer que fosse, mas mal podia fazel-o com a transparente diplomacia aprendida em Famalicão. Pesquizei com elle. Observava que fôra apenas a resolução abrupta que o contrariára.

Não sei. O que me dava grandes esperanças n'este homem eram a sua fé, a sua ambição, o seu proposito franco. Que houve n'elle?

Eu cheguei a dizer-lhe que não fosse a Africa, *se não* sentisse em si a alma dos primeiros tempos. *Repete-lhe* tu isto. Eu não o quero ao pé de mim,

se elle não fôr exactamente, mas *sinceramente*, o que era. Isto em mim é profundamente verdadeiro. Prefiro mil vezes que elle fique. Houve em Vizella uma besta agronomica ou que diabo é, o tal*** que lhe disse que em Angola de dez escapava um, e que eu era *homem prompto* sem a menor suspeita em contrario. Isto tambem parece que o atrazou.

Ora eu quero que tu me livres de levar um homem aterrado ao pé de mim, e por tanto convence-o de que mesmo o não ir elle não abate n'um apice a estima que lhe consagro, se elle tem, como presumo, em valor essa cousa.

Abraço-te por me obedeceres, assim como me me obedecem os da minha familia, da qual tu és. Só o Antonio estará aqui. Mais ninguem. Se viessem vocês matavam-me. Assim partirei de cabeça alta, olhos serenos, e o meu immenso nojo e desprezo que a cada hora se avolumam bestialmente no meu interior.

Adeus, meu filho. Ainda nos abraçaremos em Seide, e essa será a hora da nossa vingança feliz.

Beijo as mãos da nossa querida amiga e a face dos vossos filhinhos.

Teu

José.

Meu Camillo.

Acabo de lêr os bocadinhos da tua carta, e adivinhar por elles os que faltam.

Já hontem, com a tua anterior á vista, eu e o *Antonio* haviamos fallado do morgado.

Logo que elle chegue, cumpre-me dizer-lhe lealissimamente os meus sentimentos, e convidal-o novamente a tomar a resolução mais fria e meditada do seu animo.

Dizia a tua carta d'hontem que o morgado ia para a Africa, se o processo fosse annulado. Ora isto é que convém fixar. Quer dizer, eu sou sempre reconhecido a este rapaz por lhe ter inspirado um grande passo, e por elle o querer realisar ao meu lado, mas o que de modo nenhum quero é a minima responsabilidade da sua partida. Nem por sonhos! Morgado vai por que quer, vai sobre si, e ambos nós temos a melhor vontade e os melhores intuitos de caminharmos sempre juntos na nossa faina commercial. E não é assim que deve ser? E' clarissimo.

Quando o morgado aqui veio ha mezes disse-lhe com a maior franqueza que de interesses de sociedade só em Africa podiamos resolver, quando definitivamente soubessemos a natureza e qualidade dos nossos serviços communs. Isto foi de proposito por causa da *igualdade de interesses* em que primeiro tinhamos fallado, e disse-lhe eu a elle mesmo que era por causa d'isto. A qual igualdade eu a elle mesmo já tinha promettido *no caso de fazermos agricultura*, sendo que n'essa hypothese os serviços d'elle representavam bom capital, e que eu de novo promettia, e que eu de novo lhe prometto.

Mas se, não fizermos? Mas se nós chegassemos a Loanda, e tivessemos de resolver por uma especie de negocio, em que houvesse uma grande disparidade de serviços?

Morgado reconheceu tudo isto, e tu mesmo, pois lembras-te que logo tudo te communiquei.

Agora mais. Se nós chegarmos a Loanda, e ou pela

exageração dos louvores com que nos tem pintado aquillo, ou por qualquer motivo de inaptidão da nossa parte ou infelicidade, se nada fazemos, nem logramos? Se ao morgado mesmo pelas suas qualidades conviesse qualquer resolução de esperanças seguras que eu não podesse ou não quizesse acompanhar?

Tudo isto póde dar-se. Não o espero. Mas é possivel. Ora para isso é que é preciso estabelecer bem sobre tudo o seguinte: que o morgado vai muito por sua vontade, que elle é liberrimo aqui e lá, e que eu não quero sombra de responsabilidade da sua ida. Isto de modo nenhum!

Por isso vou convidal-o de novo a pensar, a reflectir, e até lhe vou propôr o seguinte, e é que elle fique, se quizer, a arranjar os seus negocios mui de seu vagar, e que eu de lá o chamarei na minha primeira carta dizendo-lhe ao mesmo tempo mais explicitamente o que se me offerecer.

Parece-te bem? As tuas cartas, meu querido, commovem-me principalmente pelo estudo que fazem em contrario.

Deus seja por nós!

Quem diria que a viagem para que eu ahi me preparava ha cinco annos era para ir buscar esta carta? e no mesmo mez!

Então ia ser recebido nos diversos pontos pelos consules portuguezes que me levassem em triumpho aos nossos estabelecimentos. Hoje tenho de solicitar por favor que me deixem saltar nos portos intermediarios do meu degredo, e peores que este!

Não te compunja isto. E' em todo o caso uma honra do destino a serenidade com que aproximo estas duas datas.

Beijo as mãos da minha querida amiga, os vossos filhos, e a ti.

Teu

José.

Meu querido.

Adeus.

Até á volta, meu filho, meu Camillo, meu amigo!

Se por lá morrer, de certo sobe a minha alma com a tua imagem.

Adeus, filho querido.

Levo na minha alma o muito e immenso que te devo; immenso que eu sei medir porque o faço á luz da desgraça.

Adeus. De lá te escrevo logo.

Beijo as mãos, e abraço a nossa querida e eterna amiga.

Beija por mim os teus filhos. Se eu viver, é d'elles a minha velhice. Cá vem o Jorge commigo.

O ultimo abraço e adeus.

O ultimo beijo.

Teu

José.

Meu querido.

S. Vicente, 13, setembro, 71.

D'aqui te beijo e abraço.

Levo esperanças, mas não sei que sobresaltos de que vou morrer. Penso novamente na morte, e é isto o que me faz crêr n'ella. Vejo a morte como um descanço.

Talvez não succeda assim. N'esse caso Deus me reserve para dias de felicidade no meio da minha querida familia, a que tu pertences, meu adorado amigo.

O morgado diz-me que te escreva. Eu escondo d'elle, e de todos, as tristezas profundas da minha alma. Estas tristezas não tem nada com a patria, que eu já detesto, porque Deus quiz ensinar-me a generosidade de a esquecer.

Tem tudo com a voz interior da minha alma que me diz que o meu dever é morrer. Rodeiam-me de attenções que me parecem sentenças sobre o tumulo que eu fiz, e por isso me dei vontade de que Deus me esconda n'elle.

E' claro que o meu destino é um absurdo, e fugir d'elle seria salvar-me.

No acordar horrivel das minhas noites de bordo lembro-me de ti. O morgado traz uma luneta que foi tua e que eu conheci. Contemplo-a, toco n'ella, como quem se ampara no teu braço.

A esta distancia é que eu tenho visto o que te devo, meu querido amigo!

Adeus. Tenho soffrido no mar, e vou soffrer. Lembrar-me-hei sempre de ti.

Beijo as mãos da minha querida amiga. Os teus filhinhos que ponham as mãos para Deus por mim, e por *ella*. Se eu viver, serão os melhores amiguinhos da minha pobre velhice.

Adeus, meu filho. Abraço-te e beijo-te estremecidamente.

O teu amigo grato até morrer

José.

Meu querido.

Loanda, 26 — 10 — 71.

Cá estou no meu posto. Loanda é uma Ninive. Eu não vivo n'ella, e tenho uma casinha posta sobre o mar que é uma delicia com que Deus me esperava aqui.

Lê a carta que mando ao Antonio. Quero ir para Cabo Verde. Consultai em commum. Encanta-me a idéa de que virias viver alli um anno commigo. Santo Antão é como Cintra.

Deixei por todas as partes um rastilho no coração de todo o mundo.

Eu penso que captivo esta gente pelo orgulho com que me porto, e pela estima com que a trato.

Lê a carta do Antonio. Eu não tenho tempo nenhum porque me veio surprehender o vapor.

Santo Antão era o meu ideal.

Se eu ficar em Loanda, o meu commercio será simplicissimo, como verás pela carta do Antonio. Em Santo Antão ou S. Thomé, faria agricultura e advocacia.

Estou morrendo por letras vossas.

Adeus. A' nossa amiga um milhão de saudades.

Beijo os vossos filhos, e a ti abraço ternissimamente.

Teu

José.

Meu querido.

Loanda, 21 — 11 — 71.

Espero com anciedade a tua nova carta para me *desopprimir* das magoas em que me pozeram estas

tuas ultimas palavras. E' certo que soffres, que padeces, ninguem melhor do que eu comprehende a falta de resignação para a bestialidade dos martyrios physicos, mas tenho ainda esperanças na tua cura radical.

Eu, meu filho, tenho saude por ora. Peço a Deus fervorosamente o favor da morte na hora em que o rigor da sua justiça quizer estragar em mim a ultima porcaria que me resta, a vida physica.

Vivo sereno, quieto, mas quasi estupido, desconfio. Estou verdadeiramente sepultado, como um que acordasse dentro do tumulo, e se visse com uma das paredes d'elle aberta sobre o mar, humido confidente das suas choradas memorias. Eu tenho pena dos pretos e nojo dos brancos. Que terra! que paiz este! Aqui ainda não raiou nenhum clarão das luzes do espirito moderno. Nem religião, nem familia. Nenhuma cousa que dê idéa da dignidade humana senão a resistencia tenaz do negro escravo ás imposições bestiaes do branco livre.

Tenho horas de escurissima melancolia. Lembrome sempre de ti. Em dia de finados fui ao cemiterio. Vesti o meu luto, e fui lá; eram 6 horas da manhã, ouvi umas missas, e passei depois por entre as sepulturas. Deus viu-me do céo por um punhado de lagrimas com que me deixou consolar.

Tive pena dos mortos de Loanda, meu filho. Não haverá no mundo outros nem mais desamparados nem mais esquecidos. Não ha sepultura visitada por flores, raras pedras teem epitaphio, e nenhuma urna que tenha orvalhos!

Ha ao redor dos canteiros umas arvoresinhas com umas flores roxas e brancas. Atirei com um *punhado* d'ellas para cima d'uma sepultura sem no-

me, e trouxe umas poucas para te mandar a ti. Estão alli mirradinhas, mortas e debruçadas n'um pequeno calix; tencionava mandar outras tambem ás senhoras da minha familia; já puz porém na carta ao Antonio que não mandava nenhuma. Podia ser agouro.

Peço-te, meu filho, que leias a carta que mando ao Antonio. E' enorme, e lá vão os planos e cogitações com que eu penso em esperançar a minha alma. Volto com os planos de Santo Antão. Ainda será... porém, quem sabe?

E a snr.ª D. Anna como está? e as criancinhas? Eu lembro-me e choro por todos como familia minha. A's vezes quero ser rico para poder ser util a esses amiguinhos da minha velhice, se Deus quizer que eu viva. Veremos. A vida commercial tem molas estupidas, e eu não sei se poderei d'aqui salvar-me com proveito.

Adeus, meu querido Camillo. Beija por mim as mãos da nossa amiga, e a face dos teus filhinhos. Eu beijo-te e abraço-te. Adeus.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Loanda, 24 de janeiro de 1872.

....

Não me importa nada o perdão. Sinto como nunca um despreso invencivel......, e quasi quero ser degredado para ser em tudo differente d'elles. Vêr-*vos, isso sim*, isso quero; mas para isso.....

Pelas minhas cartas terás conhecimento d'estas

tuas alegrias que tu na tua carta desejavas. N'esta ultima ao Antonio sei que lerás com verdadeiro contentamento a exposição do meu plano definitivo.

Dize á nossa querida amiga que tenha coragem, e eu lh'a peço, a favor tambem do nosso apaixonado amigo de ha 4 annos.

Se perde a alegria, como me hão de receber em Seide?

Abraça-a, filho, e beija-lhe as mãos por mim. Beijo os vossos filhinhos, meus adorados amigos.

Adeus, meu querido Camillo. Lembra te todos os dias do

teu

Vieira de Castro.

Meu querido.

Tenho duas cartas tuas, e a outra, deliciosa, suavissima, admiravel, que tu escreveste ao Antonio, e elle me mandou. Por outras minhas deves saber já que recebi as tres a que te referes na primeira d'estas duas. Encantou-me que tu e o Antonio acceitassem amplamente a minha repugnancia contra a diminuição de pena, e melhor seria que acceitassemos todos o desprezo por indulto de qualquer ordem. Por tal modo cresce em mim todos os dias o nojo por isso que chamam patria que não sei de que modo ficarei depois de humilhantemente perdoado por ella.

Do morgado lerás na carta ao Antonio as excellentes esperanças que elle de novo me inspira. Penso que temos o homem que elle nos prometteu *ser. Espero* bom futuro.

Has de vêr-me filho. E se não, é porque eu morri primeiro. Digo-te isto sem affectação, serenamente, convencidamente. Não me engano, é uma visão esta minha, verdadeira como as visões dos moribundos, a quem seria cruel que Deus enganasse. E o Senhor o permitta! Se um de vossês me faltasse. de vossês os seis que me amam, isso seria uma bestialissima infamia do céo. Depois, não t'o hei dito e menos ao Antonio porque a minha honra e a minha gratidão é alegrar-vos, mas é certo que, se eu não ando a appetecer a morte, tambem não é ella cousa que me afflija, que me deixe de mau humor quando repetidamente se senta no meu cerebro ao cavaco com as minhas meditações tranquilissimas. Se eu morrer penso que descanço, e se Deus quizer que assim seja, no meu crepusculo illuminarei as vossas memorias com maior numero de sorrisos que de lagrimas.

Meu filho................................

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Se se morresse de melancolia, de tristeza, de dôres feitas na alma pelo recordar pungentissimo e acerbo, eu teria de certo morrido na tarde em que primeiro li esta tua carta a que respondo agora. Ella é tristissima, e eu li-a com a alma despedaçada pelas amarguras d'ella, e por outras.

Deus me traga palavras tuas mais confortativas e mais esperançadas para ti, filho!

Duas cousas na tua carta me pungiram intimamente. Uma foi chamares a minha memoria ao nosso passado de ha dez annos; a outra, apontares-me a delicia do melhor remedio para a minha enfermidade eterna, e sentir eu a minha inaptidão para o aproveitar. Que fim de tarde que me fez a imaginação n'esse momento em que te li!

A vida de ha dez annos, com todos os lugares, situações, embaraços, fugitivas alegrias, dôres demoradas, tudo, tudo isso me passou pelos olhos, mas de vagar, lentamente, lucidissimamente. Fazer romances... oh, se eu podesse!

Mas não posso, não posso.

Eu espero os meus livros, e quero ter prompta quanto antes esta minha alumiada cubata suspensa sobre o mar. Hei de escrever ahi umas cousas, penso. Mas o que mais me prende n'este momento é o plano de organisar um curso de seis ou doze lições para as dizer a este publico. A mim nada me arranca de mim proprio como o pavor da tribuna. Esta terra é completamente escura, mas eu imponho-me, fallando n'ella, as responsabilidades com que fallaria em Athenas, servindo-me assim a mim mesmo, como um homem que se esmerasse no requinte da sua elegancia para ficar sósinho em casa. Veremos.

Ahi te dará o Antonio uma cousa que aqui escrevi, que me pediram e que publicaram. Dize-me francamente se aquillo ainda não está absolutamente estylo de preto.

Eu tenho tedios mortaes. Volto a sorrir á possibilidade de morrer. Mas agora sem tristeza; é com placidez, com animo frio, sem presumpções falsas, que penso e desejo isto ás vezes. Nenhum senti-

mento me prende á vida : o da familia e o dos amigos verdadeiros, esse lá iria para a minha sepultura vigiar por mim. Pois então, não achas tu isto logico ?

Vou dizer-te uma cousa com toda a frieza do meu animo. Ando desconfiado de que venho a acabar pela semsaboria do suicidio. N'esse final ninguem verá a *vaidade*, mas vejam o que virem, eu é que os não vejo a elles.

E' mau quando eu começo a pensar muito na mesma cousa, e essa tolice anda ha tempos com insistencia a palavrear no meu cerebro. Deixa vêr.

Adeus meu filho. Beijo os mãos da nossa querida amiga. Beijo os teus filhinhos e abraço-te.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Loanda 22 de fevereiro de 1872.

....

O morgado sempre doente, e por ora tenho a seu respeito todos os desejos, todas as esperanças, mas não sei ainda se poderemos assentar negocio com largueza para ambos. Veremos. Por ora o negocio que tenho feito resolve-se em casa em cima d'uma banca: dar e receber. Não estou resolvido a sahir d'isto, mas quero vêr se o morgado se sahe com tinêta para tratar com o gentio. Sahindo, será bom, e poderá elle prestar um capital a outro.

Estimo que fosses para Seide. Chega-me ao co-

ração um raio d'essa felicidade entrevista e suspirada d'aqui.

Mando-te um jornal com uma noticia de uma reunião aqui feita por mim. Se fizeres transcrever isso, manda o papel.

Eu adoro a minha casinha, leio, estudo, rabisco, estou tranquillo (o meu eterno inattingivel), e tenho até a felicidade de chorar por vossês para que a alma se me não bestialise n'estas venturas estagnadas. E em todo o caso sempre penso que o morrer seria o melhor.

Abraço-vos, á snr.ª D. Anna e a ti. Beijo os filhinhos. Outra vez, e adeus.

Teu

José.

Meu querido Camillo.

Loanda, 19—4—72.

Desde o dia 24 que estou de novo gemendo estas febres estupidas. Recahi hontem, mas os 24 grãos de quinino que tomei de noite permittem-me escrever-te, o que faço já com medo de que isto vá a peor. Tenho duas cartas tuas. Vejo que as tuas festas foram como as minhas. Eu não sei como se resiste á tristeza profunda do recordar. A's vezes fujo de mim mesmo quando as saudades de ha doze annos para cá apertam seriamente commigo. Estupidissima vida!

Tu phantasias cousas adoraveis para mim. Se podesse realisar-se esta da caridade! Mas eu estou preoccupadissimo com esta cousa do commercio. Quem sabe o que poderá succeder?

Um desastre póde pôr-me a nú. Agora mesmo estou n'uma grande indecisão sobre a compra do café com a baixa que elle já soffreu, e que ha de soffrer com as novidades do Brazil. Que a Providencia seja por mim! Deves ter visto o meu projecto das conferencias, que eu por ora substituo ás doze lições. Isto é porventura, como tu pódes imaginar, duas duzias de facinoras e duas duzias de bestas.

O Antonio dar-te-ha um retrato meu. Fóra das poucas pessoas da minha familia, a quem o remetto, mando um a ti, outro ao Albino, e outro ao Miranda. A mais ninguem. Um pedido faço a todos: que o não larguem do seu poder, seja para quem fôr.

Se um photographo obtivesse copia d'esse retrato, e o pozesse á venda, seria isso para mim uma dôr horrivel. Aqui preveni tudo. Eu tirei-o unicamente para dar mais uma prova da minha gratidão aos meus que são vocês os que me amam.

Não recebi carta da snr.ª D. Anna por este paquete, como tu me prevenias. Não chegou a escrever-me? Eu escrevi-lhe a 28 de março.

Adeus, meu filho. Tenho o corpo todo ás picadellas, sinto-me doente, está-me na bocca o pessimo sabor do quinino, e morreu-me ha pouco uma benguellinha. Seja melhor do que a minha a situação do teu espirito.

Muitos affectos e saudades minhas á nossa querida amiga, e beijos a todos os pequerruchos. Eu abraço-te.

Teu do coração

José.

Meu querido Camillo.

Loanda, 17 de maio de 1872.

Escrevo-te com a testa apertada na mão esquerda. Continuo a soffrer. A época do cacimbo aqui detesto-a, e a minha casa que é optima no verão, torna-se perigosa no inverno com pneumonias iguaes ás que mataram o dono d'ella.

Fui ao Dondo, o peior sitio d'Angola, e andei caminhos impossiveis para Cazengo onde comprei uma casa, e onde deve estar agora o morgado. E' verdade que tambem atirei ao jacaré nas margens do Quanza, o rio mais lindo do mundo, mas tudo isto se paga!

Recebi os teus dous livros na volta de Cazengo. Ainda te não disse que tive uma biliosa que assustou o meu medico dous dias. Mau foi não descançar de vez já então. Depois sempre mal. Hei de pois lêr estes livros quando tambem concluir um estudo que trago nas mãos. O que eu queria era que tu me encommendasses todos estes estudos do Proudhon, a que pertence a *Justiça*, e entregasses ao Antonio recebendo d'elle o importe, sim?

Na minha viagem escrevi representações para as camaras municipaes. O Antonio que te mostre.

Dizes-me cousas adoraveis na tua carta, meu querido. Se eu podesse convencer-me de que no teu altissimo conceito tinha o lugar que tu me dás! Tu não pódes enganar-me, mas tu crês que sejam assim as minhas imagens?

Deus queira que hajas reparado em Seide os tormentos da Foz!

Ainda volto a rir-me com as tuas jocosissimas graças a respeito das pretas.

Vi com tristeza que tinhas comprado café meu. Eu estava á espera de mandar-te o *café-imitação moka*, o primeiro d'Angola, e que vae este anno pela primeira vez á Europa. E' sobre elle que fiz a transacção a que acima me refiro.

Pedes-me a serio o macaquinho? E' um sagui que tu queres?

O Branco não deu ao Sebastião os passarinhos promettidos. A mim tambem morreram-me todos. Hei de porém fazer nova tentativa de remessa.

O Sebastião entregou a minha carta á snr.ª D. Anna? Porque lhe não mereço a honra e a alegria das suas letras?

Beija-lhe a mão por mim, e os teus pequeninos. Recebe o meu coração.

Teu

José.

ULTIMA CARTA

Meu querido

Loanda, 22, 8, 72.

Acabo de tremer uma sezão e arrancar vomitos violentos! O vapor sahe d'aqui a quatro horas. Respondo á pressa á tua cartinha de 2 de julho. Lastimas-me doente. Se tu visses o que eu soffro!

Vou pedir-te e á exc.ᵐᵃ snr.ª D. Anna, que cooperem com o Antonio n'uma cousa. Dá-me cabo da *vida esta* canalha d'aqui, se me não mandam uma

creada, da provincia, da aldêa, de 40 a 45 annos, sadia, amoravel para doenças, vigorosa, seria e honesta. É-me indispensavel isto. Será possivel?

Espero com anciedade o livro que me promettes — *O Carrasco.*

Dizes que pergunte qualquer cousa ao Sampaio, e ao Jayme, etc. O primeiro ha muito que me não escreve. O segundo não me escreveu nunca!

Nada escrevas ao morgado. O homem está em Cazengo, e desde que pôde, em mangas de camisa, trabalhar como um mouro, assombrou toda a gente!

A questão é saber agora se elle dá conta de si no final da administração da casa. Veremos. Elle diz que sim, eu tenho esperanças, mas aguardo sempre. Mando ao Antonio todas as cartas do morgado escriptas de Cazengo. Vê tudo isso e o que digo d'elle mais devagar escripto em hora de saude.

Seide! a pedra e os cyprestes! Ah, não volto ahi mais. Não cabe essa felicidade no meu destino! Fujamos d'estas memorias que me despedaçam!

Já perguntei se o criado do morgado não entregou uma carta minha á snr.ª D. Anna?

Adeus, meu querido Camillo. Abraço-te.

Teu

José.

José Cardoso Vieira de Castro, no fim da vida, repartiu a herança do seu coração pelo grupo das pessoas que o amaram muito no infortunio e nunca souberam lisongear-lhe a mal dissimulada prosperidade. Em certas existencias, a bonança é como a serenidade do céo no intervallo de dois estrondos que seguem o coriscar da faisca.

No momento em que elle cahiu fulminado, rodearam-n'o quantos lhe haviam adorado a generosa alma, a palavra confortadora, a alegria luminosa que descondensava a escuridade dos tristes.

Uma senhora, que lhe devia em amizade a compensação dos odios do mundo, guarda algumas cartas de Vieira de Castro com religiosa saudade. N'essas paginas ainda ahi se repartem commigo as lagrimas que lhe foram desa*fogo* e vida emquanto pôde chorar.

Minha querida senhora.

Ponho nas suas mãos com os meus beijos as lagrimas da minha grande desgraça. Suffocam-me ainda estas tarjas pretas. No meu silencio ha tudo o que poderiam e deveriam dizer-lhe as minhas immensas dôres, e a minha eterna gratidão.

Meu querido amigo, aperto-te contra o meu coração, e agradeço-te o teres-me segurado o juizo. Era grande a força da minha consciencia, foi Deus quem armou o meu braço, mas tive medo de enlouquecer nos primeiros dias de carcere.

Eu amava-a muito. Punha-lhe o peito debaixo dos pés, e esmagou-m'o. Matou-a o amor que eu lhe tinha. Eu era orador, e fiquei mudo. Escrevia e parti a minha penna. Era rico, e fiquei pobre.

A minha santa pobreza é a unica luz que Deus deixou ás minhas trevas.

Isto não digo a ninguem. Digo-o aos grandes desgraçados como eu. Adeus, lembrem-se algumas vezes de mim.

O teu

Vieira de Castro.

Ill.ma e exc.ma snr.a

Lisboa, 13—9—70.

Minha querida amiga. Quem fóra d'essa casa sahiria a punir por mim?

Beijo-lhe as mãos, minha querida senhora.

Eu tenho o corpo inerte para os baldões dos maus, mas sinto sempre o coração extremamente grato a esta partilha de angustias que v. exc.ª e o nosso Camillo querem ter no meu infortunio.

Eu havia presentido o seu coração n'aquelles pungentes gritos.

Depois quiz attribuir o folhetim a meu irmão Antonio. Não me enganei pois. Só podia ser de familia aquella raiva e aquelles alentos.

De novo lhe beijo as mãos, minha boa amiga.

Escrevo aqui ao Camillo, sim? Tenho duas cartas d'elle.

Afflige-me profundamente esta tenacidade dos padecimentos d'elle.

Que é aquillo? que doença terá elle? qual será de todas as que lhe figura a sua imaginação e a sua bisbilhotice de leituras medicas?

Deus permitisse que não fosse nenhuma!

Eu tenho celestiaes alegrias no seio da minha alma quando penso que elle escreve a meu respeito. Se eu podesse dar-lhe a minha saude que não serve de nada!

Vi que o applaudiram no Porto.

Que triumphos poderão recusar-lhe?

Adeus meus queridos e estremecidissimos amigos.

De v. exc.ª
amigo e criado muito humilde

J. C. Vieira de Castro.

---

*Ill.^ma^ e exc.^ma^ snr.^a^*

Lisboa, 12—12—70.

Minha querida amiga. Perdôe-me vir tão tarde beijar-lhe as mãos pelos confortos que ella mandou quando eu mais precisava d'elles.

Eu estou conformado com o meu destino. Sinto-me melhor no coração depois da desgraça, e sinto Deus na tranquilidade da minha consciencia e na paz do meu espirito. Creio que não podia nem devia ser senão assim.

Amava-a muito, muito. Mas penso que fui cruel. E' isso o que expio. E eu nunca pude com tamanha serenidade chamal-a ao meu espirito como depois de lhe poder mostrar para o céo os meus braços presos pelas grades. Fui cruel mas fui justo. Tambem fui piedoso porque a infelicidade maior era do que sobrevivesse. Deus é que quiz ser bom commigo. Hoje convenço-me e sinto que a condemnação me dá a força que eu não podia dever á liberdade.

Tantas lagrimas chorei hoje, minha querida senhora, com uma carta em que o Antonio me contava as suas impressões na representação do *Condemnado !.*«. Quiz mandal-a ao Camillo, mas o Antonio diz-me que elle deve chegar aqui ámanhã. Será verdade ? Surprehendeu-me isto por não poder suppôl-o com a ultima carta do Camillo que recebi hontem. Mandar-lh'a-hei em todo o caso a v. exc.^a^ se elle effectivamente me apparecer aqui ámanhã.

O que eu devo a Camillo ! Que carta aquella ! Que coração o seu !

Mando-lhe a carta do Antonio. Escuso dizer-lhes

que a gratidão de que elle falla na quarta pagina não podia referir-se senão ao immenso affecto que elle sabe que eu tive sempre a esse privilegiado homem.

Beijo as mãos de v. exc.ª e a face de todos os seus filhinhos.

De v. exc.ª

velho amigo admirador e criado obrigadissimo

J. C. Vieira de Castro.

Meu querido Camillo.

Dia 13.

Veio a tua cartinha ao Antonio, que elle me mandou. Peço-te que não repitas tentativas que te prejudicam, e mais me affligem a mim. O que eu te devo, meu filho!

Recebi a tua ultima carta, que leio e releio com todas as outras.

Agradeço á tua grande alma isso que eu já adivinhára, e que o Antonio diz na segunda pagina d'esta carta.

Eu continúo conformado, meu filho. Seria quasi feliz, se Deus me assegurasse a tua existencia, a dos meus, a sympathia unanime da opinião, e a minha tristeza eterna pelas saudades do que perdi.

Com que alvoroço receberei o *Condemnado!* Poderei eu lêl-o? Quantas novas lagrimas e soluços porei eu no teu peito? Leio-o, porque espero d'elle força e paz.

Adeus, meu querido Camillo. Deves ter recebido a minha carta em que te abraçava pela dedicatoria.

Teu

José.

Exc.ma snr.a

Minha querida amiga. Aqui as tenho, as florinhas de Seide. Beijo-lhe as mãos por estas dôres que o seu presente me trouxe.

Esteve hontem aqui o morgado. Hoje espero-o a elle para o jantar. Hontem foi o meu aquelle mimo que elle me trouxe tambem do ultimo banquete de Seide.

Não tenho carta do Camillo ha dias.

V. exc.a tem a bondade de dizer-lhe que o meu processo segue para o Supremo, e que a parte foi quem recorreu?

Como estão?

Eu abraço-os a ambos, meus queridos e santos amigos.

De v. exc.a
amigo e criado obrigadissimo

J. C. Vieira de Castro.

FIM DO VOLUME PRIMEIRO

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grand quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muit augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispen savel do contra-mestre, do mestre, do architecto e final mente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinh nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas.— Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

O[illegible]do ácerca das machinas mixtas de alta e [illegible]essão, applicadas aos navios movidos a vapor. [illegible] 600 réis br., 800 réis enc.